

REVISTA DA SEMANA

N.º 29

16-7-49

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

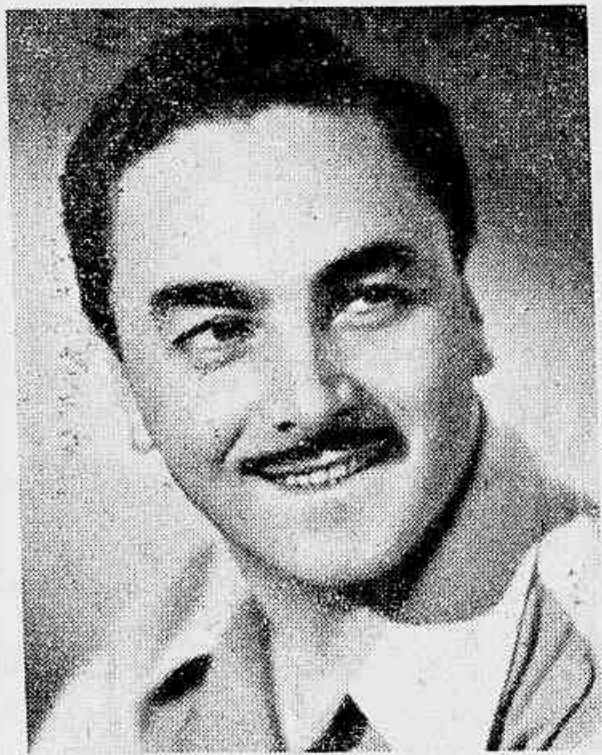
BLITHEO VACION
RIO DE JANEIRO
ANT. REGA



Colete

antes que se esgote.

O ALBUM DE "A CENA"



★

Um rico brinde de A CENA MUDA aos seus leitores: um presente especial para as férias do meio do ano com 100 páginas. Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso. A história do cinema em diversos países do mundo. Mande desde já reservar o seu exemplar. O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00

★



A' venda em todos os pontos de jornais

★

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do correio á

Companhia Editora Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 -- RIO.

O itinerário dos Estados Unidos

ANTIGAMENTE era a França. Ir a Paris, percorrer os **boulevards**, **Bois de Boulogne**, **Champs Elisées**, visitar o **Louvre** e a **Ópera**, contar coisinhas de **Montmartre** e do **Quartier Latin**, rememorar notadas no **Moulin Rouge** e no **Foliões Bergères** estava na moda, significava refinamento, quintessência e bom-gosto.

Hoje, o cartaz está com os Estados Unidos. Ir a **New York**, saltar na absorvente **Manhattan**, mergulhar terra a dentro pelos **subways** ou nadar no espaço pelas **elevated lines** para sair distante, em qualquer parte, no **Zoo de Bronx**, no **Aqua-Show de Queens**, em **Times Square** ou **Rockefeller Center**; perambular em **Downtown** ou do outro lado do **East River** na tumultuosa **Brooklyn**; esquecer-se do mundo no **Center Theatre** ou no **Radio City Hall**; ver a civilização em ângulo vertical do cimo do **Empire State** ou apreciar o engenho humano ameaçando o infinito do alto da **Estátua da Liberdade**, são as últimas estâncias do snobismo burguês, o padrão mais alto do turismo indígena.

Se perguntarmos a um desses vetustos itinerantes do presente e do passado se o nosso gosto subiu ou baixou, ele fará comparações, estabelecerá paralelos, mostrará diferenças e firmará pontos de vista. Por questões de ordem sentimental, ficará com o passado, exaltará tudo aquilo que já não podemos ver, mas concluirá que os tempos mudaram, evoluímos bastante, que o progresso mora nos Estados Unidos e não podemos fugir à sua apreciação.

E estribado nessas razões fortuitas e inconsistentes, que são as razões da moda atual, ele nos impõe o itinerário americano.

No íntimo nós sabemos que Paris está ali, há apenas trinta horas de avião, palpitando, como sempre, no coração da França convalescente, mais **coquette** e mais fascinante do que nunca, cheia do mesmo romance e da mesma poesia de antigamente. Mas, a igual distância, está também **New York**, a metrópole das metrópoles, com aproximadamente nove milhões de indivíduos especializados em trocar por dólares o conforto do mundo, com **Marajahs de Coca-Cola**, **Reis de Petróleo**, **Magnatas de Sabão**, **Príncipes Garçons**, mulheres que comandam e máquinas que falam, que adivinham, que calculam, que prevêm, que informam, que incubam, que geram, e fertilizam, e alimentam e tornam a vida amena, simples e agradável.

E essa trepidação de homens e máquinas, numa era eminentemente dinâmica como a nossa, tem para nós outros uma atração irresistível.

Dai não tergiversarmos em trabalhar duramente para arrancar o dólar das garras desumanas do câmbio negro. E depois dessa prova de fogo, lançamo-nos à grandes aventura.

Sujeito a todos os azares da sorte, nos atiramos na poltrona de um avião para amargar duas noites e um dia, em regime de pão e laranja, por alguns milhares de cruzeiros vadios. Em **Belém do Pará**, depois de oito horas pendurados no espaço, só temos tempo de tomar um cafezinho magro ou uma insulsa água mineral de quinze cruzeiros o frasco. Em **Trinidad** levamos baforadas de inseticida porque os senhores ingleses são muito ciosos da saúde pública nos seus domínios de **Port of Spain**. Em **San Juan** de Porto Rico descemos de novo a toque de inseticida para a inspeção americana. Aí, então, quem não estiver legalmente vacinado maldará da hora em que se meteu a turista. E quem o estiver enfrentará a travessia do Golfo do México, por oito vastíssimas horas entre o céu e o mar, no avião bem lotadinho como uma caixa de sardinhas portuguesas.

Lá pelas tantas, porém, semi-vivos, chega-se, enfim, ao aeroporto La Guardia.

New York à noite, vista de cima, é uma tentação. No seu variegado colorido luminoso lembra uma cena majestosa de De Mille ou uma curiosa fantasia de Walt Disney.

Mas logo esta adorável impressão se esvai em contacto com a rude máquina alfandegária americana.

Por causa de uma porção de sujeitos que se especializaram na arte indesejável, porém difícil e perigosa do contrabando, entramos sempre contrariados em países que elegemos para nossa recreação.

Com um decréscimo de cinquenta por cento de entusiasmo chegamos sãos e salvos ao hotel. Mas, como chegamos depois de meia-noite, as reservas de quartos foram transferidas a outros.

Discussão. Palavra vai, palavra vem. O **manager** do hotel encomprida o bate-bôca porque não entende o inglês falsificado do sul-americano, a que ele chama de **hispanish**.

Final surge uma fórmula conciliatória. Aparecem acomodações provisórias que serão melhoradas no dia seguinte.

A caminho do quarto sentimos que os últimos cinquenta por cento de entusiasmo foram-se também.

Mais tarde, deitados na cama, uma interrogação insistente lucila na sombra espessa de nosso cérebro:

— Valerá a pena tanto esforço?

E' o que veremos, leitores, nas crônicas seguintes.

MARTINS D'ALVAREZ ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

S U M Á R I O

SEÇÕES PERMANENTES

O itinerário dos Estados Unidos	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9

REPORTAGENS

Trinta anos por um minuto (Hélio Fernandes)	4/7
O mel da flor de acácias na Hungria	27/29
Glória a Colombo	32/35
Cristóvão Colombo	37/39
Ensinando democracia aos japoneses	55/57

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária (E. Catete Reis)	14

HUMORISMO

Salada (Théo)	11
O mundo manca e a mula murcha	48
Bom humor	53

ROMANCE

Viver com amor (Margaret Gorman Nichols)	12/13
--	-------

RADIO

Broadcast	15
-----------------	----

CINEMA

Cine-revista	16/17
--------------------	-------

NOVELA

O passado de uma esposa (Germana Lauzán)	18
--	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
De Hollywood	20
Robes para gente nova	21
O amor é assim (Lucile d'Arlemont)	22
Detalhes e novidades	22
Mães e filhos (Anamaria Célia)	23
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	24
Em foco o marinho	24
Elegância e maturidade	25
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	25
Week-end na cozinha	26
Chapéus de Paris	26
Tailleurs	40/41

CONTOS

Remorso (Luis Orłowsky)	30
Velho sonho (Loiva Leiria Borba)	42

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	44
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	45
---	----

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)

46

ARTES PLÁSTICAS (Angelus Ravel)

49

FOLHETIM

Scarlet	51
---------------	----

ILUSTRADORES

Jerônimo Ribeiro

Renato Silva

Armando Pacheco

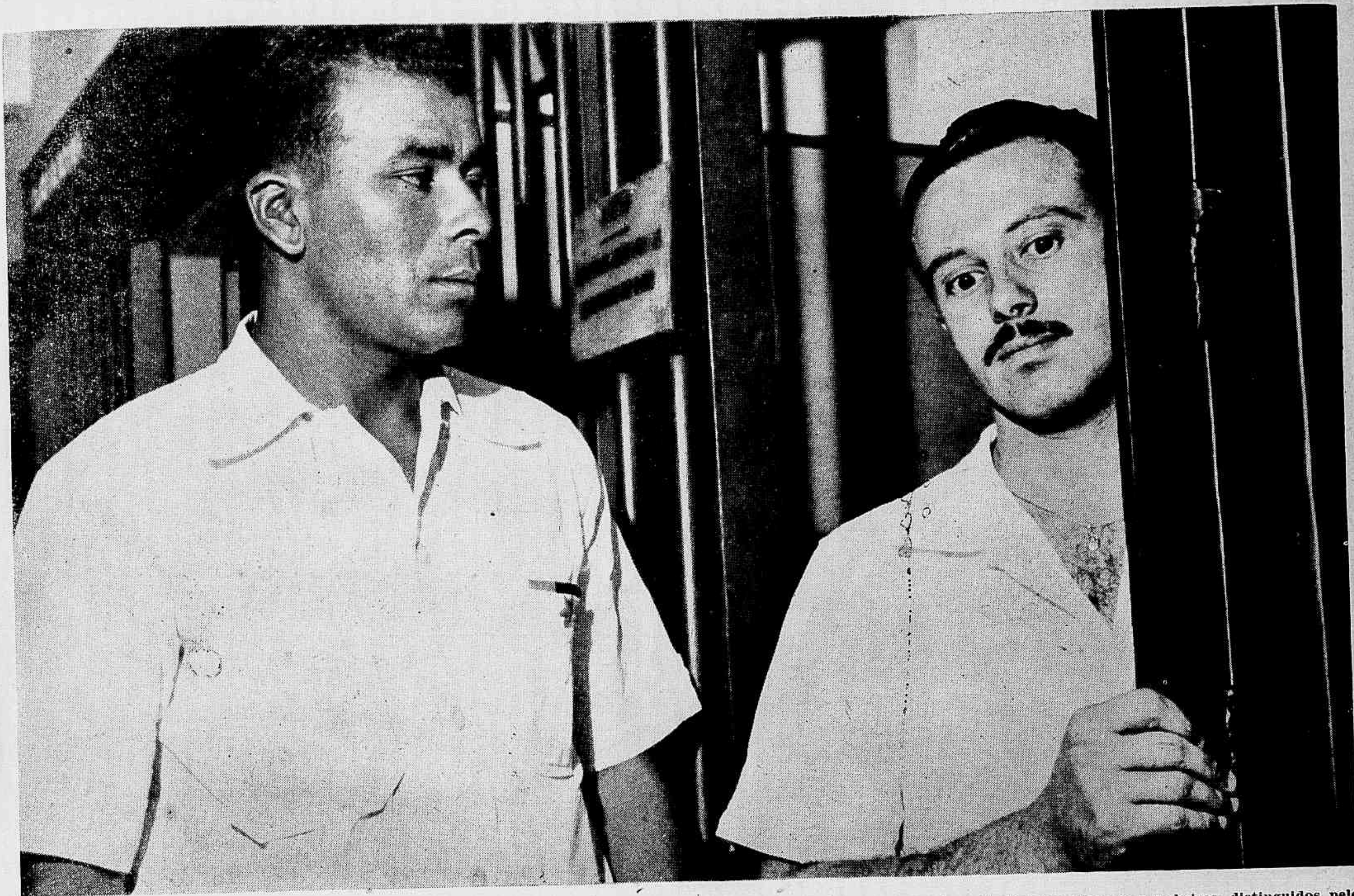
NOSSA CAPA

A escolhida para a nossa capa de hoje foi a graciosa "estrelinha" Shirley Temple. A menina prodígio de Hollywood manteve durante muito tempo o título de namorada do mundo, depois cresceu, tornou-se moça, casou-se com o bravo sargento Agar. Teve um "baby", e durante todo este tempo esteve afastada de Hollywood. Agora voltou jovem e encantadora como sempre, e com seu sorriso reconquistou milhares de fãs, que não a esqueceram. "Adventure in Baltimore" é o seu mais recente trabalho (Foto RKO).





N. S. DAS GRAÇAS
Padroeira de Luiz



Há 5 anos Adão e Luiz cumprem pena na Penitenciária Central. 25 ainda faltam para o suspirado dia da liberdade. Respeitados pelos companheiros, distinguidos pelo diretor Castro Pinto vão atravessando dias e dias. Tristes, pacientes, eles esperam a hora em que poderão regressar ao Rio Grande do Sul para rever a terra e os parentes

TRINTA ANOS POR UM MINUTO

Reportagem de HELIO FERNANDES

Nota da redação — Publicando esta reportagem a REVISTA DA SEMANA não subscreve no todo o sentido profundamente humano que animou o espírito do repórter em face desse fato lamentável entre tantíssimos feitos gloriosos realizados pela bravura de nossos soldados nas paragens italianas.

A alegação contra os condenados à morte foi tremenda: — armados de fuzil-metralhadora infelicitaram uma mocinha em casa desta e mataram o tio velho que lhe foi em defesa. Um deles montou guarda à ação. Graças a S. Eminência o sr. Cardeal, a pena de morte foi transformada em 30 anos de prisão.

Recentemente, o Conselho Penitenciário, por unanimidade, em parecer de que foi relator o ilustre penalista patricio, prof. Roberto Lira, opinou pelo indulto dos condenados, considerando que ambos tinham boa conduta antes do fato e que, na prisão, se conduziram otimamente. Depois, estavam embriagados. E o acontecimento é uma das desgraças das próprias guerras que destroem tudo. Muitos fatos idênticos de certo aconteceram em todas as frentes e ficaram impunes por força de circunstâncias que as mesmas guerras possibilitam.

O público que medite e, se quiser, opine. Seria possível a reparação do erro? Está bem a condenação em vigor? Seria o caso de redução da pena? E o indulto?

ESTA é a história dramática e real, cruel e humana, de dois pracinhas que foram condenados a 30 anos de prisão. Viviam pacatamente no interior do Rio Grande do Sul quando de lá foram arrancados para atender ao chamado da pátria em guerra. Apresentaram-se, foram mandados para os campos da Itália, e de lá voltaram como prisioneiros. Cometeram um crime que outros homens classificaram de monstruoso. E como a palavra é dura, o castigo teve que ser também duro. Mas outros crimes também monstruosos, outros crimes

muito mais monstruosos, outros crimes punidos com 20, 25 e até 26 anos, foram depois esquecidos, e seus autores postos em liberdade. Espiões foram libertados. Traidores confessos da pátria foram devolvidos ao sol e à liberdade. Só dois ex-pracinhas continuam esperando o indulto, indulto que há 11 meses foi recomendado ao sr. Presidente da República pelo Conselho Penitenciário, em votação unânime, depois de um parecer notável do professor Roberto Lyra.

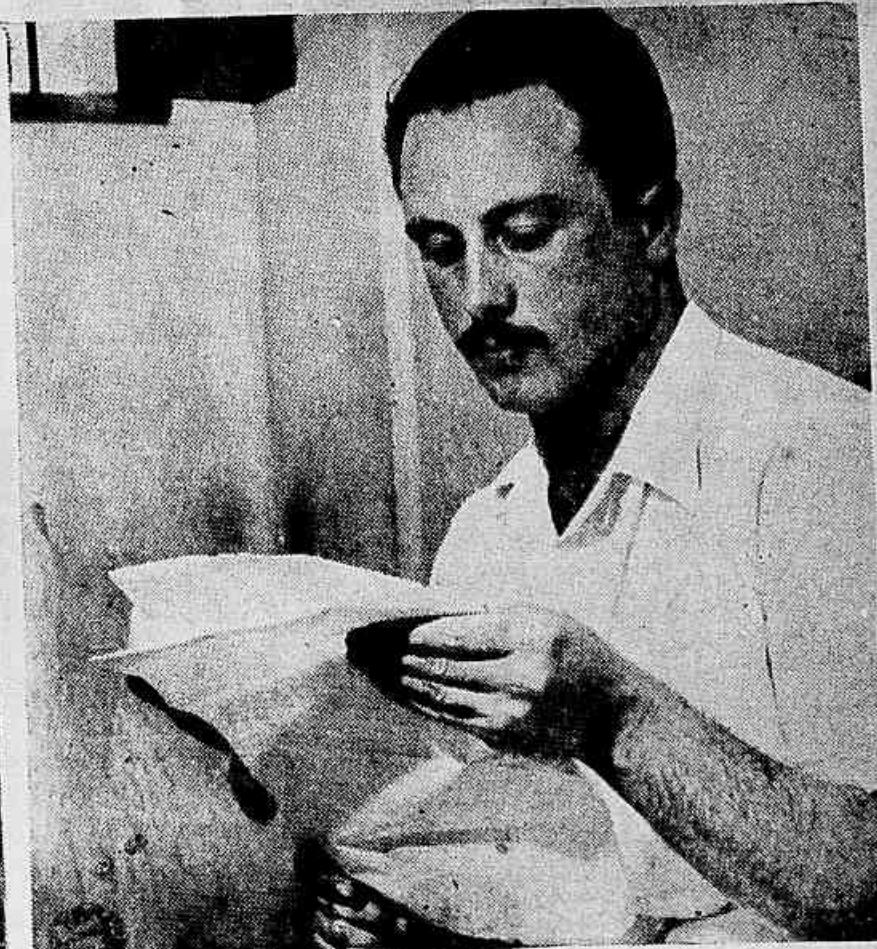
(Continua na pág. 52)



Adão folheia uma revista e contempla as jovens de "maillots". Se eu ficar aqui 30 anos, diz ele, vou esquecer até a forma humana



Os dois pracinhas mostram ao repórter o parecer do professor Roberto Lira. De acordo com esse parecer eles esperam o indulto



Luiz recebe carta de casa. Esse é talvez o seu dia mais feliz desde que foi encarcerado. Quem lhe escreve é o irmão mais velho



Presente de um antigo amigo da F.E.B., este cachorrinho não o abandona um minuto. Dorme com ele, vai com ele para a sapataria onde trabalha, acompanha-o nos momentos de folga. Biriha é o seu nome, pois Adão é botafoguense.



Pertencendo à Comissão de Disciplina, Adão tem o cubículo sempre aberto podendo entrar e sair a qualquer hora.



Fumante inveterado, Luiz não abandona o charuto. É da Comissão de Assuntos Religiosos e se orgulha da passeira que usa por esse motivo.



É Adão na sapataria onde trabalha. Fabrica sapatos para homens livres. Aprendeu o ofício na prisão e hoje já é um mestre.



Colocando flores no altar de S. Jorge, seu padroeiro. Essa operação se repete todos os dias às flores vêm de fora.



A organização da Presidência é excelente. Tudo limpo, tudo pensado e maravilhosamente realizado desde a comida até os banheiros.

DE
DISCIPLINA
SENT-3285

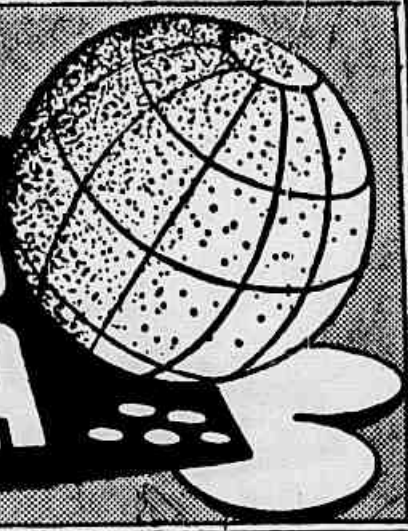
O PRACINHA ADÃO
Esperando a liberdade

3285



ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O Mundo MARCHA



Schuman, Ministro do Exterior da França conferência em Londres com líderes britânicos sobre a crise econômico-financeira da Inglaterra. Estão em situação difícil os católicos belgas em face da crise política desencadeada pelos partidos contrários à volta do rei Leopoldo. Trata o Senado norte-americano da ratificação do Pacto do Atlântico. Continua a luta entre o governo tcheco e o clero católico sob a direção do arcebispo Beran. O primeiro ministro inglês Clement Attlee em discurso a membros do Partido Trabalhista, em Manchester, ataca o governo soviético. Declara o novo embaixador dos Estados Unidos em Moscou que tudo fará pelo aumento da amizade entre os dois países. O governo norte-americano está estudando meios para realizar uma nova política na China. Milhões de norte-americanos buscam as praias e lugares frescos fugindo da tremenda onda de calor que assalta dois terços do país. Divulga o departamento de estatística das Nações Unidas que a Rússia e seus satélites aumentaram mais sua produção industrial em 1948 do que todos os países do Plano Marshall. Stafford Cripps, chanceler do erário e Ministro da Economia da Inglaterra apresenta ao gabinete o seu programa secreto para evitar a evasão das reservas em dólares ouro do país. Chega à Argentina a delegação militar do Brasil às festas da Independência daquela República, sob a chefia do Ministro da Guerra brasileiro. Tenta Chiang-Kai-Chek prosseguir na luta contra os comunistas chineses e pede mais auxílios aos Estados Unidos. É publicado o calendário do Ano Santo de 1950, proclamado por uma bula papal. Reune-se o Conselho Econômico e Social da ONU devendo debater dentre outras, uma proposta do Brasil sobre aperfeiçoamento de funcionários administrativos. Paul van Zeeland primeiro ministro da Bélgica pediu demissão por não ter podido formar o Gabinete. Conferenciam na Europa o Secretário do Tesouro norte-americano, John Snyder com o Ministro da Fazenda da França sobre maior ajuda do plano Marshall aos países do Velho Mundo. São expulsos da Argentina oito dirigentes bolívianos que estavam ali refugiados. Pensa o governo japonês em colocar o Partido Comunista fora da lei em virtude de estarem os soldados repatriados da Rússia a entrar naquela organização. Celebra-se no Rio a passagem do Cinco de Julho. Rússia, Tchecoslováquia, Finlândia e Polônia, afirmam acordos comerciais. Henry Wallace dirige uma carta ao senado dos Estados Unidos condenando a atual política financeira e comercial do país e advertindo a nação para os perigos da mesma. Entram em greve em toda a Itália os operários têxteis. Declara-se em toda a Inglaterra uma onda de greves. Resolveu a Inglaterra manter a libra esterlina sem desvalorizá-la. Acheson ocupa-se da situação financeira britânica. Passa por Portugal tremenda onda de calor secando rios e matando peixes. A seca nos Estados Unidos já causou mais de setenta milhões de dólares de prejuízos. Moderniza-se o exército nacionalista chinês para continuar a luta contra os comunistas. São descobertos por técnicos norte-americanos e brasileiros grandes depósitos de manganês no Território do Amapá. Peron denuncia sabotagem contra a Argentina. Aprova a Câmara dos Deputados do Brasil o projeto de lei do "impeachment" que trata dos crimes de responsabilidade dos governadores. É suspenso durante três meses o comércio da Inglaterra com os Estados Unidos a fim de economizar dólares ouro. Morrem nos Estados Unidos 153 pessoas em virtude da onda de calor. Suspende a Polônia o seu comércio com a Iugoslávia. Foram normalizadas as linhas de abastecimento de Berlim. Declara o presidente Truman numa de suas conferências com a imprensa que o mundo caminha em direção da paz mundial. Decreta-se cinco dias de luto na Bulgária pela morte de Georgi Dimitrov. Declara Truman que está mais confiante nas perspectivas econômicas dos Estados Unidos. Teme o governo dos Estados Unidos que seja rejeitado o projeto que aumenta em 4 bilhões de dólares os impostos daquele país. Cresce a repercussão do discurso de Dutra por ocasião do almôço dos generais, em todos os centros políticos do país não ligados ao acordo inter-partidário. O dirigente sindical Lombardo Toledano fala demoradamente no Congresso da Federação Mundial dos Sindicatos e ataca os Estados Unidos. Embarca para a Suíça para tratar da saúde o Sr. Sumner Welles, ex-Sub-Secretário de Estado da América do Norte. Volta ao Rio o governador Otávio Mangabeira. É contrário à cassação do Partido de Representação Popular o procurador da República Sr. Luis Galloti. Propõe a União Soviética a abolição da guerra atômica na Conferência de Convenções de Guerra reunida em Genebra. Vem ao Brasil uma missão técnica do Banco Mundial para estudar "in loco" as possibilidades sobre a concessão de um empréstimo de 45 milhões de dólares. É preso em Changai o vice-consul norte-americano William Olive por ter violado leis de trânsito. Ameaça de Estado de emergência na Inglaterra. A Inglaterra estuda secretamente com a URSS um acordo comercial para trocar maquinário agrícola por produtos cereálíferos daquele país no total de um milhão de toneladas. O senador norte-americano Taft é contrário ao fornecimento de armas à Europa, exceção da França, mas moderadamente. Portugal é assolado por tremendas tempestades meteorológicas dentro de grande onda de calor. O governo da Tchecoslováquia publica uma nota em que diz estar protegendo a Igreja Católica, com a qual dispense 50 milhões de cruzeiros. A França apoia a Rússia sobre a questão das indenizações de guerra pela Austrália. O Imperador Hiroito visita Mac Arthur. Renunciou o vice-primeiro ministro italiano Porzio. Estados Unidos, Grã-Bretanha e Canadá chegam à conclusão de que a crise econômica britânica é tão profunda que não pode ser resolvida mediante ajuda econômica norte-americana e canadense. Falando ao povo por ocasião das comemorações do aniversário da Revolução Constitucionalista de S. Paulo, o governador Ademar de Barros ataca a política do Cateta de candidato único. Chega à capital das Filipinas o generalíssimo Chiang-Kai-Chek a fim de combinar com aquele país um plano de frente única contra o comunismo. Explode e incendia-se no porto de Estambul o navio "Corum" com oito centos passageiros, morrendo cerca de cem e sendo feridos trinta. É morto o Secretário do Partido Cristão Democrata de Palermo, Itália, não sendo identificado o assassino. Abandonam os portos do Brasil os navios norte-americanos em virtude da crise de dólares. Iniciam-se no Instituto Agrônomico de Campinas, S. Paulo, os trabalhos da Primeira Reunião Brasileira de Ciência do Solo, fundamental para a nossa agricultura.

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!



A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gestelra** sem demora.

Regulador Gestelra trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gestelra trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gestelra**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

ANITA GARIBALDI. HEROÍNA POR AMOR

Romance de
VALENTIM VALENTE

Irmãos Pongetti, Editores
Rio de Janeiro
1949

Romance lhe chamaremos e não reconstituição histórica, ainda menos biografia, porquanto o que na obra realmente impera é a imaginação. Daqui lhe vem o interesse, o maior valor. Até onde poderia ser conduzida e apurada a verdade dos sucessos, outros autores o haviam feito mais ou menos engenhosa ou conscienciosamente. Nem o fundo de exatidão dos acontecimentos nem a fidelidade dos personagens certamente precisaria de mais ampla ou segura interpretação. Os documentos haviam desempenhado o seu grande papel, passavam a descansar nas páginas dos arquivos. Restava agora a maior ou menor eloquência da narrativa. Contar as mesmas coisas de outra maneira ou por outras palavras para poder dar a impressão criadora; repetir o passado, emprestando nova vida à tradição ou à lenda...

Assim o sr. Valentim Valente se devotou a uma ressurreição, mais uma, de Anita Garibaldi. Nessa empresa o moveram especiais razões de caráter e de sentimento. Italiano de origem, bem da sua gente, pelas afinidades do sangue como pelas razões do amor e do ideal, tudo o induzia à glorificação daquele herói entre todos aventureiro e romântico. Animava-o a condição primacial do vulto, os atributos decorativos da imagem, da atitude, do rasgo — como agora se diz — espetacular. Era, tanto quanto uma figura de epopéia, um personagem de ópera. Assim o destino daquela a quem o sub-título do romance batiza "heroína por amor" estava traçado em beleza e paixão. Garibaldi se tornaria esposa de Anita por um determinismo de afeto extremo, de um lado, do outro mais do que isso, fascinação, idolatria...

O livro principia quase como um conto de fadas: "Era uma vez... uma brasileira morena, 'adormecida' à beira de uma laguna. Chamava-se Ana Maria de Jesus, nome que diz amor e sacrifício"... Na página seguinte um marinheiro então estranhamente — mas sem de modo algum desafinar — uma canção gaúcha. E' a bordo de uma escuna aprisionada, ao tempo da Revolução Farroupilha; e o marujo-cavaleiro expande a saudade das coxilhas natais, entregue à faina da sua embarcação:

Quando ato a cola do pingo
E ponho o chapéu de lado
E boto o laço nos tentos
Por Deus que sou respeitado!

De manhã ensilho o pingo,
Solto o poncho estrada a fora;
Canta o galo, chora a china,
Que o gaúcho vai se embora.

A história prossegue sem a preocupação do "seguimento". Ora se deixa orientar pela verossimilhança, ora cede ao efeito pitoresco. E, de certo ponto em diante, a poesia italiana reclama os seus direitos, por entre os episódios políticos ou belicosos, em italiano mesmo, isto é: na autobiografia lírica do próprio Garibaldi. Como se vê, não falta ao livro variedade de assuntos nem de estilos. E sempre o autor se exprime em linguagem corrente, fácil, com o requisito predominante da sinceridade.

DE QUITANDINHA A BOGOTÁ. PASSANDO POR BUENOS AIRES

Reportagem comentada e
ilustrada, por P. NUÑEZ
ARCE

Letras Editora Continental
São Paulo
1949

ficava completa e indubitável a apresentação da obra.

O sr. P. Nuñez Arce inspirou o seu trabalho no ideal da paz e do amor entre as nações. Ninguém deixará de compreender a necessidade suprema de tal harmonia. Justamente por isso ela se torna tão difícil de obter — quanto mais de assegurar. Durante certo período reinou nesta parte do continente americano uma espécie de lema, que parecia obedecer à própria indicação alfabética. Um estadista, em solene oração a que quis dar a eloquência

da clareza e da singeleza extremas, estabeleceu o princípio literal do acórdio idealizado. Celebrou-o sucintamente pelo que representava de fácil, elementar, intuitivo. As três nações que um problema de momento especialmente designava para se unirem e entenderem vinham a ser a Argentina, o Brasil e o Chile. O determinismo das três iniciais parecia tão nítido, transparente, assegurado como se de outra coisa não houvesse mister para a compreensão e a solução de tudo. Era como o a-b-c de uma política apenas revelada logo firmada em supremo exemplo e interpretação perfeita. Era o A B C.

Por longo tempo essa fórmula se repetiu e glosou em discursos, conferências e até convenções e tratados, com todo o caráter definitivo. A rigor, se tratava de uma frase de brinde ou saudação oficial; envolvia, porém, um mundo de idéias nobres e justas, para sempre consagrado. As três nações continuaram, como era bem de esperar, cada vez mais unidas e acordes para os seus desígnios de futuro. Outros discursos se ouviram, outros congressos vieram contribuir para questões e resultados possíveis entre aquêles e outros povos. Não se trata da América nem apenas do mundo. A ansiedade da paz, de que todas as nações e acima de tudo necessitam continua a depender desta circunstância simplicíssima e formidável: todas as nações querem a paz, como se cada uma ou cada grupo essencialmente a exigisse — mas aquela, a sua e não outra qualquer. Não importa...

A paz há de vir. De Quitandinha, de Bogotá, como agora, neste livro, foi questão? De Washington, como anuncia o sr. Truman? De Buenos Aires, como nos deixam prever as últimas páginas da obra presente: "Glossário das idéias do presidente Peron"? Não está, exatamente, nas atribuições de um repórter resolver tais problemas, assentando-os em autênticas profecias. Mas o sr. P. Nuñez Arce não leva tão longe a sua ambição profissional. Por entre as fotografias — em que a sua pessoa frequentemente aparece — as atas de sessão, outros dados e documentos incluídos no programa da sua profusa reportagem, dá satisfatoriamente por cumprida a sua missão.

O ESPELHO DE IZANAGUI OU LIVRO DE HIDEKO

Páginas de prosa poética,
por AFRÂNIO LICÍNIO
DE MIRANDA

Livraria Martins
Editora S. A.
São Paulo
1949

lavras. Iriamos, de algum modo, sabiamente — e, bem entendido, não fazendo questão de pronúncia — para além do que, até agora, aprendêramos e tão grato já nos era ao ouvido e ao sentimento: gueisha, hai-kai, samurai, saké, miumé, a linda saudação de adeus doloroso ou conformado, que se nomeia saionara... Em verdade, valeria a pena tal esforço de apreensão. Poderíamos fazer em voz alta, com sua música enlevadora, a invocação que principia: "Oh, vós que não estais afeitos às coisas do País do Sol Nascente. Ao entrardes nesta 'mia' ideal, deixai as 'guetas' da malícia ao pé do Torii". Assim, como se cantássemos ao som do "fue", semelhante ao da flauta, ou repetíssemos alguma "hanashika" de narrador ambulante, nos habituáramos a dizer "igreja" ou "respeitável igreja", "gueta" espécie de tamanco, "torii" que o vem a ser pórtico do mesmo templo. E quem não desejaria comunicar-se de tal modo com os outros homens — e sobretudo com as mulheres?

Quer dêste livro falemos sorrindo ou deveras refletindo, os seus poematos são, por via de regra, delicados e finamente sentidos. Lembrem jóias de pensamento e emoção. Tomemos um, para amostra: "— Tocador de biwa, tocador de biwa! Por que tocas o instrumento de cordas de seda, quando ela já se foi por um dos Seis Caminhos e se não ouve mais? Atira ao rio essa palheta de marfim e não toques, por piedade!"

Disse. E éle, suspirando, obedeceu-me. Mais tarde, eu passava, descuidado, quando o vi sob a mesma cerejeira. Parecia que estava meditando, tendo ao lado o instrumento com as cordas já rotas.

— Tocador de biwa! Por que não tanges as treze cordas do teu alaúde, agora que ela partiu e não escuto a música da sua voz?

Mas éle, desta vez, não respondeu. E notei, arrependido e contrafeito, que o músico morrera de fome.

RETRATO NATURAL

Versos de
CECILIA MEIRELES

Livros de Portugal S. A.
Rio de Janeiro
1949

A primeira poesia dêste volume parece dever apresentar-se integralmente. Forma um sistema de definições. Traz em si uma alma que se retrata e se explica — tanto quanto é possível à imaginação e à sensibilidade revelarem-se por si mesmas. Esta poetisa, esta em particular e em sua ampla inimitabilidade, não diz tudo o que tem a dizer. Muita coisa lhe fica, entre os pensamentos como entre as próprias rimas, que deseja ou, mais propriamente, exige ser adivinhada. A essência da sua inspiração constitui uma espécie de mistério que se tornou sagrado. Tudo está na revelação que há de vir para quem verdadeiramente a deseje ou mereça...

Aqui está minha vida — esta areia tão clara
com desenhos de andar dedicados ao vento.

Aqui está minha voz — esta concha vazia,
sombra de um som curtindo o seu próprio lamento.

Aqui está minha dor — este coral quebrado,
sobrevivendo ao seu patético momento.

Aqui está minha herança — este mar solitário,
que de um lado era amor e, do outro, esquecimento.

Nos versos da sra. Cecília Meireles reina sempre uma harmonia secreta, não indecisa nem mesmo vaga, mas sobretudo sutil. Vem com eles certa música, não estranha mas diferente, que lhes dá o envolvimento e o poder de penetração. Feita de pensamento ou sentimento, é sempre melodia que se não confunde, que se faz sentir ao primeiro acorde, à primeira emoção. Dir-se-ia que os seus versos a andaram procurando e longamente a pressentiram, para a encontrar. Por isso buscavam formas que pareciam encaminhar-se para alguma idéia, arte, expressão definitiva. Neles se operou uma evolução. Deram-se ares de arriscar o exotismo, de se aproximar do chamado futurismo. E entretanto iam encontrando moldes cada vez mais vivos, mais claros. Continuam fugindo, até certo ponto, ao recorte como ao sentido acentuadamente clássico. Já, porém, não repelem em toda a linha regras tais como a simetria dos ritmos ou a correspondência sonora. Mantêm certos caprichos ou inistências, de que, não raro, tiram efeitos de originalidade. A predileção sumária da tônica chega a servir-lhes de princípio absoluto. Em poesias bastante extensas aquela lei se impõe, com a sua singularidade, poderíamos dizer a sua originalidade. A artista requintada da "Vaga música" e do "Mar absoluto" torna-se virtuosa. Não importam, porém, normas ou processos e sim os resultados. E o que de cada página aqui resulta é beleza.

Entre os poucos exemplos de beleza "antiga" nos impressionam as estrofes que têm o título "Imagem":

Tão brando é o movimento
das estrélas, da lua,
das nuvens e do vento,
que se desenha a tua
face no firmamento.

Desenha-se tão pura
como nunca a tiveste,
nem nenhuma criatura.
Pois é sombra celeste
da terrena aventura.

Como um cristal se aquietou
minha vida no sono,
venturosa e completa.
E teu rosto aprisionou
em grave luz secreta.

Teu silêncio em meu peito
de tal maneira existe,
reconhecido e aceito,
que chego a ficar triste
de vê-lo tão perfeito.

E não pergunto nada.
Espero que amanhã,
e a cor da madrugada
pouse em tua cabeça
uma rosa encarnada.

SALADA



— Você se decidiu pelo mais velho e mais feio?!
— E' preciso um **coronel** para ganhar a batalha dos abastecimentos.



Antes, mesmo, de pegar uma sucuri à unha, ele já era um encantador de serpentes. Tem uma **gaita** mágica...



— Vou para o Zoo do Rio, mas estou preocupado com a minha bolsa! Dizem que o Rio é a cidade dos assaltos!



Esse tal **Lero** é um jogador que vale por dois!
— Dois?! Duvido muito da eficiência desse **Lero-Lero**...



— Vasco e S. Cristóvão 11x0! Um tento para cada jogador!
— Foi de mais! O **keeper** não pode fazer goal...



— Mandeí chamá-lo para precipitar uma solução constitucional.
— Eles se lembrarão de 1937 e arranjarão logo um candidato...

Viver com AMOR

CAPÍTULO I

Surpresa de uma viagem

Dentro de quinze minutos aquele navio de passageiros que ia fazer-se ao largo para os portos da carreira de Carribean, estaria em marcha. Nos seus mastros as bandeiras tremulavam aos ventos de março, dando um ar festivo ao barco elegante e cheio de turistas.

Estavam-se esgotando os últimos instantes e se via o movimento a bordo, com pessoas a despedir-se de outras, flores que chegavam, mensagens, telegramas que eram entregues, naquele agodamento característico de tais momentos.

Dentre os passageiros que chegavam na hora exata da partida, se via Miss Carol Sturtevant, muito excitada e nervosa, culpando a quase perda do navio ao atraso do trem que a trazia de Reno.

Era uma mulher alta, ainda jovem e muito graciosa, trajando com muita elegância um vestido verde tendo por cima um agasalho de castor; à cabeça lindo e moderníssimo chapéu de feltro completando a beleza de seus cabelos alourados e puros. Ela se destacava facilmente pela sua distinção entre o barulho daquela multidão em movimento desordenado. Carol era muito bonita e uma maquiagem descuidada destruiria mesmo sua beleza natural, sem artificialismos; tinha olhos azuis, vivos e românticos. Diante daquele tumulto e depois de já mais calma, ela parecia pensar intimamente:

— Por que vim? Não deveria ter feito isto. Talvez tivesse sido preferível ir para casa e enfrentar a situação com firmeza.

Chegando ao camarote não conteve a satisfação de ver ali várias corbelhas, telegramas de boa viagem com expressões amáveis. Era de amigos seus, de gente de sua família. Ali a bordo todos lhe eram estranhos. Acabara-se a linha de seus conhecidos e amigos. O mar os separava agora.

Abrindo as mensagens telegráficas ela foi sentindo umedecer-lhe os olhos. Eram da mãe de Bill, de Freda e de Scott. Aquelas flores também foram mandadas por eles.

De súbito seus pensamentos recuaram a tempos passados, quando em dias calmos ela ouviu Scott dizer a Bill, com muita graça: "Por que você não morre, Bill? Só assim eu poderia casar-me com Carol!".

Tendo terminado com o número anterior da REVISTA DA SEMANA o romance "Dedos queimados", de Kathleen Norris, damos início agora ao bellissimo romance de Margaret Gorman Nichols, escritora norte-americana de muito público. O nome em nossa língua é a tradução literal do título em inglês, "To Live With Love", perfeitamente ajustado à história que passamos a narrar.

Todos riram dessa sugestão. Até ela.

A fim de não ficar alimentando lembranças e aumentando saudades, Carol se preparou, deixou tudo o que era seu em ordem no camarote e subiu ao "deck". Olhou para os lados da cidade e viu os enormes arranha-céus de Nova York que se afastavam com a marcha do vapor em direção ao mar alto. Ali também havia em volta dela muitas outras pessoas que viajavam. Eram senhoras de idade, jovens vestidas com trajes primaveris muito prematuros, crianças em correrias, pares de noivos entregues aos seus idílios sobre as ondas. E muitos outros passageiros de variadas idades e de aspectos contrastantes.

Diante de tudo isso poderia Carol esquecer os seus, sua vida, tornar-se mais feliz agora? Seja como for, ela se achava numa outra esfera de existência e sentia curiosidade e apetite para prosseguir na experiência como uma criança se excita ao ver bombons numa vitrina.

Após rápido passeio ao longo do tombadilho, dirigiu-se ela ao bar com a intenção de reanimar o espírito com um coquetel e fumar um cigarro. Debalde procurava fugir aos seus pensamentos que continuavam a martirizá-la.

— Estou fugindo e vejo que não posso fugir... Era melhor voltar. Preferível vê-los ainda...

Esta série de auto-censuras continuava a martirizá-la durante semanas depois do início do cruzeiro, embora ela procurasse justificar seu procedimento com uma pergunta íntima: — "Não foi Bill quem lhe esmagou o coração?". Mas vinha em seguida a outra face do problema e ela sentia que estava apenas cometendo um erro com aquela falsa e fútil fuga.

No bar havia risos, gargalhadas, conversas, movimento e alegria generalizados. Carol percebeu que olhares curiosos e indagadores a estavam mirando. Ela compreendeu que o vestido que usava não se ajustava àquele ambiente. Ergueu-se, foi ao seu camarote. Retirou de uma das

maletas lindo e moderno vestido. Assim poderia apresentar-se de rosto mais alegre, com vernizes de felicidade e fazer disso um bálsamo para suas preocupações.

A hora do jantar, música suave alegrava o ambiente. Ela seguiu o garçon até ao lugar que lhe estava reservado. Carol estava sem chapéu e os seus belos cabelos lhe caíam pela nuca num halo luminoso. Notou ela que três passageiros que estavam também à mesma mesa, a fitavam com certa hostilidade no olhar, como sucede sempre entre certos estrangeiros que ainda não se conhecem. Esses comensais eram um senhor idoso, já careca, uma senhora muito cheia de jóias e uma mocinha com olhos castanhos. A velhota que, como se via logo, era a esposa do cidadão, tinha um rosto parecido com o daqueles aristocráticos cães de Boston, muito sombrio e triste. Era o sr. Talbott, sua esposa e Miss Endicott.

Apesar de reservados tinham aquela polidez própria das pessoas que ainda não se conhecem, ou se encontram pela primeira vez. Além desses três personagens, havia ainda um quinto companheiro de mesa, o sr. Weger, baixote, grosso, já maduro, sempre sorridente e aparentemente feliz.

— Já fizeram antes essa viagem? — perguntei.

— Eu já fiz — respondeu Miss Endicott acariciando seu colar de pérolas. — É, na verdade, maravilhosa.

Mas o sr. Weger interveio com aquele riso de uma criança de doze anos de idade:

— Eu nunca fiz desses cruzeiros, embora tenha viajado muito para o estrangeiro.

Acaba de dizer isso e volta a rir sem motivo algum. Depois, franzindo a testa, pergunta olhando a mão esquerda de Carol:

— E' Miss ou Mrs. Sturtevant?

Carol sentiu uma onda de calor lhe subir à face. Seu anel de casamento não estava no dedo. Ela o guardava num escrínio que trazia numa das valises.

— Mrs. Sturtevant — respondeu ela tranquilamente. Carol bem via que isso merecia uma explicação, pois que não usava aliança. Não era, tão pouco, solteira ou casada. Bastar-lhe-ia dizer, entretanto, que era divorciada. Talvez lhe fosse mesmo preferível dizer de agora em diante às pessoas estranhas que precisassem saber, que era uma divorciada. Contudo aquele seu divórcio não passava de uma mentira.

Muito conversou depois com Mr. Weger. Um navio como aquele muito se parece com uma casa de malassombrados. Encontramos pessoas que abalroam conosco a rir, outras que têm as cabeças a jogar, portas que se abrem inesperadamente. Carol foi ao salão de danças onde pares bailavam felizes. Muitos usavam trajes de viagem de duas côres, outros em indumentos de tarde. Havia a maior liberdade de vestimenta.

Depois de dar voltas foi para o seu camarote e ali começou a meditar em sua vida e achou mesmo muita semelhança com o que se passava consigo naquele navio. Dava giros e giros e não sabia aonde ir. Via Bill e, imaginariamente, o rosto daquela a quem jamais vira: Evelyn Thayne... Todo o passado surgia então encontrando-se com o presente, explodindo diante dela. Vê a viagem na estrada de ferro, o pôrto de embarque, o vapor, as ondas...

Depois de vários outros dias a maioria daqueles passageiros já lhe parecia tão familiar como se se tratasse de amigos de muitos anos. Quando começaram a sentir o clima e a temperatura das zonas mais quentes, já ninguém obedecia às formalidades da indumentária cerimoniosa e iam a todos os lugares com trajes de esporte, vários dentre eles, mulheres e homens, expondo-se ao sol para adquirir a cor bronzeada dos trópicos. Os garçons eram chamados pelos seus próprios nomes, havia flertes a granel, pedidos de autógrafos, trocas de gentilezas, confidências, grupos a divertir-se fraternalmente. Ela passou a ser apenas "Carol" para seus amigos de mesa, bem como para outros passageiros que jogavam tênis no "deck" de desportos, lá em cima na cobertura. Banhava-se com outros na piscina, tornando-se familiar e desfeita qualquer cerimônia.

Tudo aquilo lhe ia servindo para desfazer os pezares anteriores e aplainar caminhos para novos horizontes. Às vezes, sentada comodamente em sua pol-



trona no "deck", Carol olhava a imensidão do céu e do mar e procurava esquecer suas preocupações. O mundo rolava em volta de seus pensamentos. Os seus conflitos íntimos precisavam de ficar face a face com a realidade.

Ela sabia que Bill havia desposado Evelyn. Vozes lhe disseram isto aos seus ouvidos.

Quando Cornelius Weger, passeando ao lado de uma atraente passageira de nome Olívia, passou pelo lugar em que estava Carol a deliciar-se a contemplar o cenário do mar e do céu, vendo-a não se conteve:

— Ah! Aqui está você, Carol! Levantou-se muito cedo! Bom dia!

Carol estava como que ausente dali. Ergueu os olhos e respondeu à saudação.

— Bom dia!

Mas a companheira de Weger pegou-lhe pelo braço e disse:

— Não pare aí. Você disse que íamos dar seis voltas. Não é verdade?

Carol ficou a olhá-los naquela desproporção. Ele baixote e ela alta, parecendo uma torre ao lado dele. Mas aquelas cenas eram mesmo próprias de bordo onde só se viam homens ao lado de mulheres. Somente ela permanecia como que isolada. Tudo por motivo do divórcio que lhe transformara a vida, a persona-

lidade. Carol continuava a raciocinar sobre sua vida, seu futuro, os caminhos que deveria seguir.

Quando chegaram a La Guayra, Venezuela, o panorama das casas subindo pelas encostas dos morros lhe deu uma visão agradável da terra e dos seus costumes. O sol se erguia por detrás das montanhas. Mais tarde ela se juntou a outros passageiros, dentre estes Weger com sua linda e vivaz Olívia, oficiais de bordo e seguiram pela estrada de rodagem até a pitoresca Caracas. O dia foi todo tomado em compras, passeios pelos pontos pitorescos da cidade, um almoço no "Country Club" situado num dos subúrbios, onde os passageiros do turismo foram homenageados. Carol aproveitara as visitas às lojas para aperfeiçoar seu espanhol. Comprou muita coisa ali em Caracas e quando chegou para o almoço começou a lembrar-se de que havia esquecido alguma coisa: um presente para Bill.

Depois de ter-se divertido em Caracas, ela a visitar as ruínas de uma igreja em Cartagena, a ilha de Curaçao, Colon, "Catun Locks", Panamá, Jamaica com flores de um brilho excepcional em dia de sol brilhante. Ela comprava tudo, sêdas e perfumes. Até palmeiras vendidas por meninos de cara suja. Tocavam e

dançavam rumba. Novos passageiros entravam aumentando a alacridade.

Na volta do cruzeiro, Carol teve oportunidade de saltar em Havana, último porto antes de chegar a Nova York. Levantou-se cedo e subiu ao "deck".

Ela se achava como que mais confortada com aquele passeio e se felicitava mesmo de não ter chorado sua vida desde a primeira noite de separação de Bill e dos seus. Estava alegre como um menino que espera receber um prêmio por ter-se portado convenientemente.

Na capital de Cuba ela esteve no prado, almoçou em bons restaurantes; em companhia de outros passageiros foi a clubes noturnos dançando com Mr. Weger e outros inclusive com um sul-americano que vinha do Panamá casado com uma jovem muito linda mas que não sabia uma palavra de inglês, embora percebesse por alto que o seu espôso tinha admiração pelas norte-americanas... Champanha, rumba, ceias em clubes cubanos de luxo, tudo isso contribuía para esquecer os recentes meses do passado que já pareciam tão distantes!

Deixaram-se ficar na cidade até às quatro da madrugada, só chegando a bordo perto das cinco, quando o navio zarpou em direção de Nova York. O bar

de bordo estava muito movimentado com fotógrafos, baterias de filmar, bebidas, champanha, sendo ela muito fotografada. Carol estava contente. Devia fazer outros cruzeiros turísticos.

Veio até ela Mr. Weger com sua face resplandecente de alegria e vinhos espirituosos.

— Como vai a querida? Divertindo-se muito? Que bom se nós perdêssemos o navio! Todos ficaríamos em terra, esquecidos do navio!

Era a hora da partida. Muita gente a despedir-se, a cantar. Todos riam e pilheriavam naquela natural algazarra de gente que queria divertir-se; mas havia um rosto sério entre todos eles. Era o de um homem cujos olhos não perdiam nenhuma daquelas cenas.

Ao chegarem todos a bordo, aquele homem se dirigiu a Carol e lhe falou com ar de naturalidade, pilheriando:

— Como a senhora vê, não devia mesmo ter esquecido de embarcar. Se tal sucedesse, não teria eu o prazer de conhecê-la, nem a senhora a mim...

— O senhor é passageiro novo aqui?

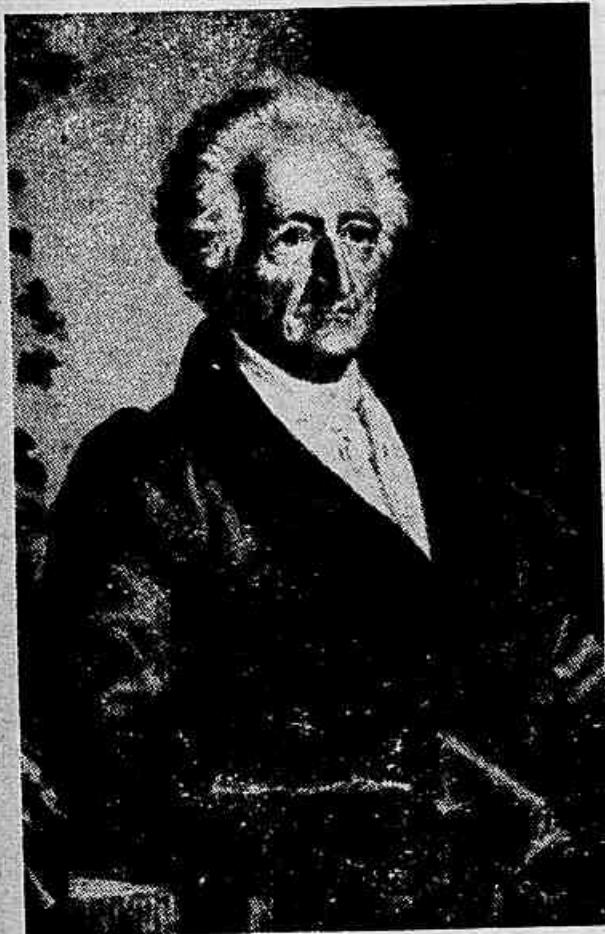
— Nem tanto. Estou a bordo há três dias.

— Ainda não o tinha visto.

(Cont. na pág. 54)

VIDA LITERÁRIA

E. CATETE REIS



COETHE

GOETHE E O ALCOOLISMO

GOETHE, nas suas "Memórias", confessa que teve certa predileção pelo álcool.

Entretanto, escrevendo a seu filho que, aos dezoito anos, completava o primeiro ano na Universidade de Heidelberg, afirmava o autor "Werther".

"Vivemos em plena atividade, segundo a nossa antiga maneira, porém com um pouco mais de moderação, segundo as exigências da idade.

Já abusamos muito do vinho.

E nesse sentido nos foi agradável saber pela tua carta que procuras evitar os excessos da bebida o maior obstáculo, sem dúvida, para uma vida útil, decente e feliz".

Um comentador faz a propósito desse trecho a seguinte observação: Goethe nunca sofreu qualquer dano resultante do seu gosto excessivo pelo vinho, mas a constituição fraca do filho foi a consequência dos abusos alcoólicos do pai.



MANN

PRUDÊNCIA

PERGUNTOU-SE a Thomas Mann o que ele pensava das reivindicações dos novos líderes políticos da Alemanha:

— Desconfia de um alemão que fala demais, sobretudo se ele fala bem, respondeu prudentemente o romancista.

IMAGENS E CARICATURAS

Sorria sempre, mostrando o teclado otimista dos dentes... (Paulo da Silveira — "Querem furtar o espelho de Narciso" — "Jornal do Comércio," de 26-5-49).

★ "George Sand? Um coração de pomba e uma pena de água" (Alexandre Dumas).

★ Criara-as com enternecimento de pai. E elas eram, agora, naquêlo fundo de sertão, o mais risonho enteado da sua velhice. (Paulo Setubal. — Os irmãos Leme).

★ O comissário deitou-lhe um olhar verdadeiramente profissional, destes que atravessam a roupa, varam a pele e vão até o fundo das consciências... (João Luso — A varinha mágica — "Jornal do Comércio").

"UN PEU DE PUDEUR"

Um dos últimos números de "Combat", jornal parisiense, aparecido durante a guerra, traz uma crítica a certa nota publicada no suplemento literário do "Figaro". Essa nota do velho diário explora, com malícia, a possibilidade de virem a ser criados, à semelhança dos bancos de sangue, olhos, ossos, etc., já existentes, estabelecimentos destinados às reservas e guarda do sêmen humano...

O suêto, que acabou sendo transcrito, em parte, por "Combat", boia com as celibatárias que acaso queiram aproveitar-se da futura oportunidade de um aprovisionamento conveniente para a realização do supremo sonho que o destino lhes negou.

Paremos por aqui, pois só a transcrição demonstra que o "Figaro" foi aonde talvez não devesse ter ido, tanto que o seu jovem colega da imprensa parisiense, no título do comentário, pede "un peu de pudeur".

Como se vê, a reação contra a onda de desmoralização que anda pelo mundo está sendo geral. Até a França, que sempre se permitiu um pouco mais de liberdade, com a sua Paris desregrada e fantástica, já demonstra que nem todos se acham de acordo com esses desvios ensejados pelo materialismo sem rédeas nem freios.

Na verdade, esse fato de que se valeu o "Combat" para profligar o "Figaro" encontrará milhões que nele não vejam nada de mais. E haverá milhares, entre esses milhões, capazes de compreender e divertir-se com o malicioso comentário, sem no mesmo encontrar qualquer coisa mais grave. Na aparência, não há maldade, nada nocivo. Mas a verdade é que nem todos estão preparados para suportar os traumatismos sensoriais que certa linguagem ou certa literatura lhes possam trazer. Daí, a necessidade de reagir, em favor dos bons costumes, em todos os recantos onde a nossa decantada civilização já começa a descambar para determinados redutos que cheiram a sodomismos ressuscitados.

À imprensa, falada ou escrita, e, de um modo geral, à literatura, cabe o levantamento de barricadas para impedir e sustar essa avalanche que se aproxima.

O materialismo é criação do espírito. Um veio antes, é maior e deve ser mais forte. Incrível será que, repetindo a história do mundo, tenhamos que perder tudo novamente, à força daquilo que não cria senão um abismo profundo, o caos em que mergulhará a civilização.

No que tange ao Brasil, já não é sem tempo que se pretende iniciar uma cruzada de regeneração moral, principalmente no setor mais importante, no qual a literatura se inclui, nela se destacando a má imprensa.

FRANCISCO ALVES IMORTAL

Na sessão pública, com que a Academia Brasileira de Letras, em 29 de junho último, reverenciou a memória de Francisco Alves, o Sr. Gustavo Barroso, Presidente da Academia, em seu discurso de saudação aos escritores premiados, assim se referiu ao grande benfeitor da instituição:

"Nenhuma figura tem sido mais estudada e retratada no seio da Academia do que esse ocupante da cadeira nº. 41, para sempre espiritualmente preenchida. Rodrigo Otávio, Medeiros e Albuquerque, Ramiz Galvão, Gustavo Barroso, João Luso, Afrânio Peixoto, Levi Carneiro, Macêdo Soares, Coelho Neto, Olavo Bilac, Felix Pacheco, Dantas Barreto, Augusto de Lima, Fernando de Magalhães, Antônio Austregesilo, Afonso Celso, Celso Vieira, João Ribeiro, Ademar Tavares, Cláudio de Souza, Pedro Calmon, Mucio Leão, João Neves da Fontoura, como Presidentes ou como simples membros da instituição, já se ocuparam da vida e da obra do grande livreiro. Conhece-se a fundo sua biografia e sua bibliografia. Revelaram-se seus pseudônimos nas obras didáticas que compôs, adaptou, traduziu, melhorou ou preparou em colaboração com outras pessoas de nomeada. Retrataram-se todos os episódios marcantes de sua trabalhosa e honrada existência, e todas as anedotas correntes a seu respeito. Citaram-se as revistas e outras publicações que promoveu. Fez-se intensa e definitiva luz sobre

esse homem de negócios, modesto e bizarro, mas cujo espírito desde os mais tenros anos fora marcado pelo destino para viver dos livros, pelos livros e para os livros, ainda permitindo livros pela voz da Academia Brasileira depois de adormecido no último sono".

MODÉSTIA

Jean Moreas se glorificava a si próprio dizendo com a maior naturalidade deste mundo: "Grandes poetas só há três: Virgílio, Racine e eu; cito-os assim por ser a ordem cronológica.

DE TÔDA PARTE

O Instituto Histórico já iniciou as comemorações do centenário de Joaquim Nabuco, com uma série de conferências sobre a vida e a obra do autor de "Minha Formação". A primeira conferência nã, presidida pelo S. Vincent Auriol, de Austregesilo.

Por iniciativa da Associação dos Escritores Combatentes da França, realizou-se no dia 2 do corrente, em Paris, a cerimônia, presidida pelo S. Vincent Auriol, de inauguração, no Panteon, de duas placas onde se encontram inscritos os nomes de 197 escritores mortos pela pátria de 1939 a 1945.

Já apareceu em Londres, editado pela Casa Hutchinson, a tradução do romance "Pureza", do Sr. José Lins do Rego, traduzido por Lucie Marion.

Em cerimônia levada a efeito no dia 1.º do corrente, o escritor e cientista argentino, Sr. Gregório Aráoz Alfaro, foi homenageado pela Academia Brasileira de Letras, tendo recebido o diploma de sócio correspondente, na vaga do Embaixador Ramón Cárcano.



BERNARD

SINCERIDADE

TRISTAN BERNARD, autor tantas vezes vitorioso, escreveu uma peça, "Les phares soubigou", que não obteve êxito algum.

A quinta ou sexta representação, um amigo lhe escreveu, pedindo duas poltronas: "Impossível meu caro — respondeu Tristan Bernard — o empresário só dá a fila inteira".

A outro amigo, que fôra menos modesto na solicitação, dirigiu o teatrólogo o seguinte bilhete:

"Meu caro amigo, junto a este encontrará o camarote que me pediu. Aconselho-o, porém, a ir armado, pois o lugar é deserto".

O prêmio "Livro para Mocidade", instituído pela Sociedade dos Professores e Professoras da Suíça, foi conferido a Traugott Vogel, pelo conjunto de sua obra.

Um famoso castelo — o de Fontainebleau — foi descrito em um livro histórico recentemente publicado por Maurice Ternesca — "Les grandes heures de Fontainebleau".

João Ignácio Luca de Tena verteu e foi representada em Madrid, no Teatro Lara,



Bernard Shaw, o quase centenário escritor irlandês, recebe a ilustre visita do Pandit Nehru, Primeiro Ministro da Índia. Que estará dizendo Shaw com esse zombeteiro semblante? Quererá acaso saber como se sente o indiano, trajado de acordo com o mais exigente figurino londrino?

a peça "Deus lhe pague", do Sr. Joracy Camargo.

A Sociedade Goetheana de São Paulo está comemorando o centenário da morte do grande escritor alemão, com a realização de um curso de conferências sobre a vida e a obra do criador de "Fausto".

BROADCAST



Zé Trindade começou na Bahia, fazendo humorismo. Hoje, está no Rio, e já fez até fita. A propósito de "O cavalo número treze", disse ter levado coice...

RÁDIO-FLASHES

BIOGRAFIA SINTÉTICA

Há onze anos passados, valendo-se do microfone da Rádio Sociedade da Bahia, Milton Bitencourt, que vocês conhecem por Zé Trindade, ensaiava os primeiros passos na carreira radiofônica, explorando o gênero humorístico. Deu-se bem com a história, pois não tardou em tentar o "broadcasting" carioca. Chegou ao Rio aí por volta de 1945, indo bater com os costados na Rádio Clube do Brasil, ao tempo da direção de Renato Murce. Nesse prefixo, após atuar com destaque nos mais variados programas, viu-se assediado pela Mayrink Veiga, que lhe ofereceu maiores vantagens. Zé Trindade trocou a PRA-3 pela PRA-9, estreando em "broadcasts" de sentido humorístico, tal como "Cavalcada de estrélas" e outros.

Nesse ponto, o cinema utilizou seu concurso, lançando-o em "O malandro e a gran-fina". A essa película, seguiu-se "O cavalo número treze", cujo argumento foi escrito por Henrique Pongetti e Raimundo Magalhães Júnior. No momento, o artista mayrinkiano acaba de terminar "Inocência", filme em que aparece ao



Daisy Lucidi participa do desempenho de "Um amor diferente", novela assinada pelo rádio-ator Teixeira Pinto

lado de Maria Dela Costa. Fora do microfone, e da câmera, Zé Trindade dedica-se à música popular, compondo jongs, chorinhos e sambas.

FOLHAS SOLTAS

Como Dircinha Batista, a rádio-atriz Cordélia Ferreira acredita piamente em mau olhado e não gosta de passar por baixo de escadas.

★ Tito Guizar, o famoso cantor de "Rancho grande", apresentou-se ao público brasileiro, pela primeira vez, através do microfone PRA-9. Hoje, decorridos nove anos dessa estréia, ele pode ser ouvido na onda da Rádio Globo.

★ Lamartine Babo, ao contrário de Silvino Neto, gosta imensamente do número treze, descarregando seus palpites nesse número, quando o mesmo cai numa sexta-feira de... agosto.

★ Como Maria Helena, o rádio-ator Edmundo Mala tem a mania de colecionar revistas, jornais e discos.

CONFISSÃO

"Fim de semana", é todo um esforço de Aerton Perlingeiro para distrair os frequentadores do auditório da PRA-3. Programa que reúne um punhado de bons elementos de nosso sem fio, como



Aerton Perlingeiro atribui o êxito de "Fim de semana", ao absoluto respeito ao público e outras "cositas mas"

Trio Guarás, Vocalistas Tropicais, Déo Mala, Luiza Loreno, Adelaide Chiozzo e o próprio Perlingeiro, esse cartaz de há muito conquistou a simpatia popular. Daí, desejamos saber de seu criador, a que ele atribui o êxito do mesmo. Eis a resposta:

— O absoluto respeito ao público, o sabor popular de suas atrações e a variedade de suas seções, como "Parque Infantil", constituem os motivos que fizeram de "Fim de semana", um programa cem por cento vitorioso.

DUAS NOVELAS

Teixeira Pinto alia suas qualidades de intérprete da arte de dizer ao microfone às de produtor de novelas. Ainda agora, ele acaba de confiar a Daisy Lucidi, Wolner Camargo, Graziela Ramalho e Hemílio Fróis, o desempenho de sua mais recente produção, a que intitulou de "Um amor diferente". Essa história em capítulos pode ser ouvida às terças, quintas e sábados, das 14,30 às 15 horas, através da PRE-3.

"Marcado pelo destino", produção que traz a assinatura de Alvaro Augusto, é o drama seriado que a PRA-9 está apresentando às terças, quintas e sábados a partir das 14,30 horas, no desempenho de Sadi Cabral e demais integrantes do elenco de teatro-cego da Mayrink Veiga. A novela em apreço, serviu para o retórno de Sadi Cabral aos penates mayrinkianos, de onde se afastara para trabalhar com Amaral Gurgel.

NOVIDADES EM FOCO

Abílio Lessa desligou-se do "cast" da Tupi, assinando contrato com a Nacional, aliás, iniciou sua carreira artística nessa última emissora.

★ Bob Nelson interrompeu sua "tour-née" pelo interior do país, a fim de desobrigar-se dos compromissos assumidos com as fábricas de gravações.

★ Aires de Andrade vem de lançar ao microfone da PRA-2, em substituição a "O romance do piano" o programa "O romance da ópera".

★ Cid Camargo, deixou o quadro de locutores da PRG-3, estando em negociações com a PRE-3.

★ "Na Corte do Rei Xaxá", é o título de uma nova produção de Haroldo Barbosa, que a Tupi acaba de lançar.

★ Estelinha Egg voltou ao rádio, reaparecendo através de "Muiraquitãs", programa escrito por Pascoal Longo.

★ Assegura-se, ao fecharmos esta seção, o ingresso de Cesar de Alencar e Renato Murce no quadro do pessoal da Tupi. Tal notícia, a confirmar-se, acarretará a saída de outros tantos elementos da PRE-8.

★ Finalmente, Reinaldo Dias Leme, afilvela as malas para uma viagem aos Estados Unidos.



PECADORA

Bolero

Agustín Lara

Divina claridad
La de tus ojos...
Diafanos como gotas de cristal
Uvas que se humedecem com sol.

[lozos]
Sangre y sonrisas juntas al mirar,
Sangre y sonrisas juntas al mirar,

Por qué te hizo destino pecadora
Si no sabes vender el corazón
Por qué pretende odiarte quien te
[adora]
Por qué vuelve a quererte quien te
[odió]

Si cada noche tuya es una aurora,
Si cada nueva lagrima es un sol,
Por qué te hizo el destino pecadora
Si no sabes vender el corazón.

XODÓ DIFERENTE

Samba

P. Fonseca Almolda, Djalma Dias e
Jorge Gonçalves

BIS

Um bocadinho de xodó
Quem não tem por alguém xodó
Ha! um xodó diferente
Que pega e não larga
O coração da gente.
Oi quem é que não tem xodó?
Quem não tem por alguém xodó!
E quem é que não tem xodó?
Mas quem é que não tem xodó?

II

Se você quer sentir
Do xodó o sabor,
Tem que amar e sofrer
Tem que ter um amor
Dêsses que transformam a gente!
Ai é que está um XODÓ DIFERENTE,
Oi quem é que não tem xodó?
Mas quem é que não tem xodó?

★

MENTIRITAS TUYAS

Bolero rítmico

Pepe Robles

Tú me dices que me queres
Que yo soy tu adoración
Son tan lindas tus palabras
Que me llenan de ilusión.

Y aunque sé bien que es mentira
Lo que acabaste de decir
Esa mentirita tuya
Es la que gusta a mí
Esa mentirita tuya
Es la que gusta a mí

No puedo compreende-lo que me
[pasa]
Por este amor tan falso que me
[brindas]
Sabiedo que tú a mí no me has
[querido]
Borrarte de mi mente no he podido

Vuelve y dime que me queres
Y que vives para mí
Vuelve y dime que eres mía
Para yo vivir feliz.

No te importe que yo sepa
Que tú me vas a mentir
Esa mentirita tuya
Es la que me gusta a mí
Esa mentirita tuya
Es la que me gusta a mí.

FAÇA-SE JUSTIÇA

O rádio tem coisas incomprensíveis. Enquanto figuras de primeiro plano enxameiam a relação de despesas das grandes emissoras, elementos de valor existem, que permanecem na cerca, esquecidos dos "todo-poderosos". É o trabalhinho de sapa feito por aqueles, em prejuízo destes. Porque, sabendo-os ativos e experimentados, com capacidade para arrancar-lhes o cómodo meio de vida a que se habituaram, esses falsos valores, à custa de intrigas, vão erguendo suas barreiras. Com isso, perdem os ouvintes e o próprio rádio. O primeiro, porque se vê privado de ouvir bons elementos, ao passo que o segundo, por não contar com uma boa pleiade de valores.

Jaime Moreira Filho, locutor que se impôs pela sua classe, viu-se traído por esses devastadores de nossa radiofonia, sendo jogado à cerca. O radialista tanto procurou fazer pelos novos, abrindo-lhes as intransponíveis portas do "broadcasting" carioca, que se acha, presentemente, fora da atividade radiofônica, embora seja figura de primeiro plano, com capacidade para muito produzir. É que a barreira está formada, a fim de impedir seu retorno ao microfone, onde, por certo, continuará a avantajá-lo entre os profissionais do mesmo ofício. Enquanto isso, figuras inexpressivas, de conhecimentos duvidosos, vão se infiltrando, uma vez que se sujeitam às condições impostas pelos altos dirigentes da radiofonia indigena.

Na hora em que o Brasil se prepara para a realização do campeonato mundial de futebol, o rádio está na obrigação de arregimentar seus elementos de primeiro plano, para a transmissão das pugnas desportivas. Jaime Moreira Filho é um deles. Trazê-lo ao convívio do microfone é dever que se impõe às grandes emissoras. Reflitam aqueles que desejam ver a radiofonia em plano elevado e chamem o competente locutor para o posto que lhe cabe, deixando à margem ressentimentos tolos e fazendo ouvidos moucos às intriguinhas. Jaime Moreira Filho, além de possuir público, é um bom locutor-esportivo e um radialista de fibra.

A. MIGUEIS

Por LUIS ALÍPIO DE BARROS

GABRIEL FIGUEROA

TALVEZ seja "Distinto Amanecer" a película que assinala o arranco da triunfal carreira do grande fotógrafo mexicano Gabriel Figueroa. "Distinto Amanecer" foi dirigida por Julio Bracho, para Filmes Municipales, e sua alta qualidade técnica e artística marcou, também, uma nova rota no estilo geral do cinema mexicano. Porque depois, o "índio" Emilio Fernandez começou sua grande série mexicana, tendo sempre como "câmera-man" a Gabriel Figueroa.

Quatro filmes formam o primeiro ciclo de trabalho de Figueroa: "Flor silvestre", "Maria Candelaria", "As abandonadas" e "Bugambilia" (Coração Torturado). Das quatro películas, "Maria Candelaria" foi a que mais sucesso obteve, pois é hoje um filme clássico não somente da cinematografia mexicana como do cinema universal. Em "Candelaria" está presente a grande influência de Eisenstein, mas também se observam os bons e apreciáveis frutos de "Janitzio".

Gabriel Figueroa é um homem de aguda inteligência e aguda sensibilidade. Um homem com o sentido da Arte. Compôs uma estética para o cinema mexicano: luminosidade, claro-escuro, céu, terra e homens, são captados por ele com singular mestria. Possui finíssimos elementos de trabalho e sabe usá-los.

Depois dos filmes já citados, Figueroa ofereceu ao cinema mundial as notáveis fotografias de "Enamorada", "Rio escondido", "Macovia", e "A pérola", no cinema mexicano, e "Domínio de bárbaros", para o cinema norte-americano.

Um dos fotógrafos cinematográficos mais premiados do mundo, Figueroa ganhou, com "Maria Candelaria", o prêmio internacional de fotografia no Festival de Cannes (1946); com "Enamorada", o prêmio pela melhor fotografia no Festival de Veneza (1947) e o prêmio pela melhor fotografia no Festival de Locarno (1947); e com "Rio escondido", o prêmio pela melhor fotografia no Festival de Madri (1948) e o prêmio internacional de fotografia no Festival de Praga (1948).

Entre outros tantos trabalhos de Figueroa, podemos citar as cenas exteriores do filme norte-americano "Tarzan e as sereias" (RKO) e o mais recente sucesso do mestre da fotografia: "Ópio" (A droga maldita), uma película mexicana que será apresentada em todo o mundo pela Columbia.

Figueroa foi, ultimamente, considerado pelos críticos norte-americanos, como o maior fotógrafo cinematográfico do mundo, tendo sido condecorado com o prêmio "Golden Gloves".



FIGUEROA

MARIA FELIX VEM AO BRASIL

SEGUNDO informações colhidas em fontes seguras, a belíssima atriz mexicana Maria Felix vem brevemente ao Brasil, em viagem de recreio. Será um acontecimento de grande interesse este, pois Maria Felix, além de ser uma das mulheres mais belas do mundo, possui um grande prestígio perante o público brasileiro.

Atriz de méritos artísticos indiscutíveis, Maria Felix tomou parte em várias das melhores películas já produzidas pelo cinema mexicano.

Na foto acima, cedida com exclusividade à REVISTA DA SEMANA pela "Difilmes", Maria Felix aparece em uma cena de "Rio escondido", filme dirigido por Emilio Fernandez e fotografado pelo mestre Gabriel Figueroa, e premiado em vários festivais cinematográficos europeus.

CASTRO ALVES NO CINEMA



PAULO MAURICIO

AFIRMAM os responsáveis pelo filme "Vendaval Maravilhoso" (A Vida de Castro Alves), que a estréia mundial da película será realizada no Brasil, no dia 7 de setembro próximo, isto é, no dia do aniversário da nossa Independência. Na foto acima, o jovem ator Paulo Mauricio, na caracterização do maior de nossos poetas. Amália Rodrigues também está no elenco de "Vendaval Maravilhoso".

ONDE ANDA HOLLYWOOD?

SIM, onde anda o cinema de Hollywood, que está, com todo o seu poderio material e econômico, sendo suplantado no gosto do público carioca (e dizem que o público somente gosta de filmes americanos...)?

"Hamlet", película inglesa, está fazendo semanas e mais semanas "Escravas do amor", uma película francesa, está batendo records de bilheteria, e "Pecadora", um filme mexicano, depois de um sucesso espetacular em São Paulo já fez suas quatro semanas na Cinelândia carioca. Isso sem falar nos filmes italianos, sempre otimamente recebidos pela população do Distrito Federal (vide "Um dia na vida" e "Trágica perseguição").

E Hollywood? O último sucesso do cinema norte-americano nesta capital foi "Belinda", de fato um ótimo filme, mas que sozinho não pode representar aquilo que Hollywood pode e deve fazer como Capital do Cinema.

QUANTOS CINEMAS TEM O MÉXICO E OS ESTADOS UNIDOS?

DE acôrdo com dados estatísticos que recebemos, referentes aos anos de 1946-1947, podemos fornecer aos nossos leitores o número exato de cinemas existentes nos Estados Unidos da América do Norte e no México, assim como o número total de lugares que reúnem todas as casas de espetáculos. Vejamos inicialmente, o México. O próspero e amigo país azteca possui em seu território o total de 1.726 cinemas, assim distribuídos: 85 localizados no Distrito Federal; 1.568 cinemas fixos nos Estados da República e 73 cinemas ambulantes também nos Estados. Tudo isso representa um número total de 1.204.525 lugares, distribuídos entre poltronas (745.493) e balcões (459.027).

Nos Estados Unidos da América os números ascendem espetacularmente. Existem na terra de maior indústria cinematográfica 11.765 cinemas com duplo programa por função, e 7.000 com um só programa

por função. Há ainda 584 cinemas para negros e 368 cinemas ambulantes. O total de casas de espetáculo eleva-se então a 19.717, representando um total de lugares de 11.989.828.

ASSOCIAÇÃO DO CINEMA BRASILEIRO

O cinema nacional está com vontade de ir mesmo para a frente, e parece que pretende enfrentar com vontade a eterna crise. A luta abre-se em todos os sentidos. Clubes de cinema são fundados. Grandes planos de realização são estudados e preparados. E agora, foi fundada a Associação do Cinema Brasileiro, que terá a finalidade de defender o cinema nacional em todos os setores de sua atividade.

A frente da novêl Associação, estão figuras conhecidíssimas dos nossos meios cinematográficos, principalmente produtores e diretores. Moacir Fenelon, Ademar Gonzaga, e Luiz de Barros fazem parte da primeira diretoria. A coisa está tomando um aspecto mais vigoroso, e

isso não deixa de ser promissor. O cinema brasileiro precisa se estabelecer em bases sólidas e definitivas.

A FALTA DE FILMES VIRGENS

Perdura como uma série ameaça à subsistência do cinema brasileiro, a crise de filmes virgens. A gravidade da situação levou os produtores nacionais a se dirigirem ao presidente da República, pedindo-lhe que venha em socorro da indústria cinematográfica nacional, em vias de completa paralisação.

Segundo informam as firmas importadoras de filmes virgens, a falta do produto no mercado apresenta-se porque não se pode importar, em vista da falta de divisas. A situação apresenta-se bastante crítica. O material existente em poder dos produtores é mínimo e mal chega para pequenos documentários. Segundo as estimativas, o nosso consumo anual eleva-se a cerca de 12 milhões de metros de filme virgem, calculados em cerca de 350 mil dólares.

NAS TELAS

"HAMLET"

A obra imortal de William Shakespeare foi excelentemente transportada para a tela pelo shakespeareano Sir Laurence Olivier, que além de oferecer uma interpretação invulgar, deu à obra clássica um sentido cinematográfico de grande qualidade. Olivier soube fazer cinema em "Hamlet" sem a obra imortal perder a sua grandiosa poesia e a sua qualidade teatral. Neste arranjo quase miraculoso é talvez onde reside a maior expressão da realização cinematográfica de Laurence Olivier. Filme belo e inesquecível. Notável interpretação de Olivier como o atormentado príncipe dinamarquês. Ótimo desempenho de Jean Simmons como "Ofélia". Conjunto magnífico no "supporting-cast". Filme apresentado pela Universal-International.

PANELINHA

○ S produtores de filmes nacionais fizeram chegar às mãos do Chefe de Polícia uma representação contra o chefe do Serviço de Censura, sr. Melo Barreto Filho. Nesse documento, os signatários dizem que o responsável pela censura cinematográfica no Brasil protege os exibidores, em detrimento dos produtores, que lutam contra toda a sorte de dificuldades para se manterem e assim manter a cinematografia nacional. Esta Censura está mesmo de "amargar"...

★ Ingrid Bergman correu sério perigo de vida, em águas do Mediterrâneo. O barco motor "San Lorenzo", em que Ingrid, o diretor cinematográfico Roberto Rossellini e dois marinheiros regressavam da Sicília para a ilha vulcânica de Stromboli, onde está sendo rodado um filme interpretado e dirigido por Ingrid e Rossellini, respectivamente, foi destruído por um temporal, a dez milhas de Stromboli, e os quatro puderam apenas valer-se de um escalor para atingirem a ilha depois de três horas de luta contra o mar forte.

★ Esteve nesta Capital, durante alguns dias, o sr. Egidio de Maio, exibidor argentino, proprietário do circuito cinematográfico encabeçado pelo cinema Libertador, de Buenos Aires.

Em viagem de férias, demorou-se durante uma semana, no Rio, o sr. J. C. Bavetta, que durante vários anos dirigiu os escritórios da 20th-Century-Fox no Brasil. O sr. Bavetta está residindo no México, onde exerce as funções de diretor geral da 20th-Century Fox para a América do Sul.

★ Segundo notícias de fonte italiana, Greta Garbo interpretará, nos estúdios de Roma, uma película baseada em "O Fogo", obra de Gabriel D'Annunzio.

★ Alida Valli a atriz italiana que se encontra em Hollywood contratada por David O. Selznick, fará um filme na Inglaterra para J. A. Rank.

★ Grandes economias estão fazendo os produtores norte-americanos em seus novos planos de filmagem. Eles procuram agora uma melhor nivelção nas perdas que vêm sofrendo ultimamente. E são muitos também os produtores que buscam afanosamente quem se interesse pela aquisição de suas ações, pois vivem debaixo de uma onda de pessimismo com respeito ao futuro do cinema ianque. A imprensa americana comenta sob várias maneiras a caótica situação que reina em Hollywood atualmente, ante o descontentamento evidente diante do vertiginoso decréscimo nas arrecadações.



FREDRIC MARCH HOMENAGEADO — A fotografia que estampamos acima, cedida com exclusividade à REVISTA DA SEMANA pelo British News Service, apresenta o momento exato em que a linda atriz Jean Simmons oferecia a Fredric March, em Londres, magníficas rosas. Fredric March recebeu comovido a homenagem da jovem atriz, pois fazia naquele dia exatamente 21 anos de casado e isso não é brincadeira no cinema. March encontrava-se em Londres, pois demorou-se vários meses na capital britânica, onde fez o papel título no grandioso technicolor inglês "Cristovão Colombo", outra homenagem da Inglaterra ao descobridor do Novo Mundo. March é casado com a atriz Florence Elldridge, que interpreta em "Cristovão Colombo" o papel da Rainha Isabel.



STEWART GRANGER

○ jovem ator inglês, um dos mais populares da cinematografia britânica, nasceu em Londres e se educou no Epsom College. Seu verdadeiro nome era James Stewart, mas para evitar confusões com o famoso ator de Hollywood, Granger resolveu rebatizar-se com o nome que ostenta hoje em dia.

Stewart Granger iniciou-se na vida dramática ainda na escola, logo se unindo a uma companhia teatral. Imediatamente apareceu em teatros londrinos e durante algum tempo pertenceu à mais famosa instituição teatral britânica, o Old Vic.

Em 1938 fez o seu "debut" na tela. A guerra, no entanto, interrompeu sua carreira. alistou-se no exército e depois de fazer a guerra, voltou ao cinema. Trabalhou em "Missão Secreta" e em outras películas. Estas duas atuações lhe facilitaram o papel de Rokeby em "The man in grey", ao lado de James Mason e Margaret Lockwood. Depois, tudo foi mais fácil e Stewart Granger entrou definitivamente no rol dos atores cinematográficos de maior prestígio popular. Entre os seus mais recentes filmes, poderemos destacar "Madona das sete luas", "Cesar e Cleopatra", "Capitão Boycott", e "O violino mágico". A mais recente película de Stewart terminada na Inglaterra é "Woman Hater", uma alta comédia, onde Granger contracenou com a famosa e belíssima atriz francesa Edwige Fenech, a sensacional "Nastasia" de "O Idiota". (Fotografia de Stewart Granger fornecida pelo BNS).



O PASSADO DE UMA ESPOSA

GERALDA LAUZA

Meu coração era como um gelo morto dentro de meu peito ao ouvir o que me disse André.

— Não me ouves, Silvia? — Paris! Nunca pude imaginar que iam enviar-me para a Casa Maternidade de Dursan-Grèce. Sempre julguei que mandassem um outro. É só por que nunca me ocorreu a tal possibilidade.

Interromper-se de súbito estranhar-se o meu silêncio.

— Não pareces muito entusiasmada, Silvia.

— É que se trata de uma grande surpresa... Foi tão repentinamente...

— Diz-me, Silvia, há alguma razão para que não desijas ir para a capital da França?

Soube imediatamente e respondi com um pouco convulso:

— Claro que não. É que preciso de tempo para habituar-me a essa ideia. Não é comum que um rapaz proporcione à esposa uma residência em Paris.

Olhei-o. Ele estava com uma expressão seria, pensativa.

— Há alguma razão, Silvia, a preferir que não váres. Se não, é

de-me. Não disse, pois, recusar o oferecimento.

Eu fiquei a interrogar-me intimamente se, com efeito, haveria esse motivo.

— Que absurdo, André! Claro que não. Não é isso uma oportunidade que deves aproveitar. Quia a mulher que não ficará nunca com a ideia de ir morar em Paris?

Essa conclusão deu fim à nossa discussão. Mas durante aquela noite não pude dormir e fiquei insone, pensando no caso. Recordava-me a nossa noivado, nosso casamento dentro de muito pouco tempo e que não me daria tempo de ter-lhe dito.

Eu era dona de meu passado e do meu futuro pertenciam a André. Nesse mundo moderno uma mulher tinha o direito de escolher entre. Mas se era demasiado tarde. Era muito de contar-lhe a agora tinha ainda mais medo de ir a Paris onde tanta gente me conhecia e recordavam o meu passado. E tanta gente me perguntaria por Júlio Gérard.

Suprimo-me em todos os grandes escritórios há um homem como Júlio

Gérard. "É um demônio — disse-me a telefonista, um dia. — Muito fino e não perde tempo. Consequência: muita secretaria todo mês".

— Por que? — perguntei ingenuamente.

— Questão de princípios. Hoje em dia uma mulher não precisa submeter-se às perseguições de um D. João Tântalo para vencer em seu trabalho.

Eu porém, aborrecida em meus pensamentos não prestei muita atenção. Haviam-me comunicado que ia subir ao posto de secretaria particular de Júlio Gérard, nada mais me importando. Desde o curso secundário que me habituara a trabalhar para outros. O que me importava agora era estudar. Estava certa de que saberia enfrentar o chefe e vencer, mas me seriam seus olhos odiosos.

Logo que fui designar meu cargo, ele começou a insinuar-se. As vezes sugeria um almoço em discreto restaurante. Pelo que eu não me recusava, eu sabia que sua senhora estava fora. Eu então sorria amavelmente e recusava seus convites.

Sentia-me muito contente, mas não que não fosse exultar. O senhor é muito conhecido. Alguns poucos me chamam. Não quero causar-lhe maiores dificuldades.

Ele insistia persistentemente por alguns meses em ligar absolutamente segredo, mas eu mantinha a paciência. Chegava mesmo a sorrir para minha esposa

pois que ele era um homem muito atraente. Alto, de olhos vivos e cinzentos, pele rosada de sol, ligeiras manchas brancas às têmporas, dono de boas maneiras, delicado. Devia ser excelente bailarino. Já escutei eu com vários de dois meses como sua secretaria particular quando me fez esta repentina pergunta.

— Gostaria de viver na França, Silvia?

— Isso é o sonho de todas as mulheres, sr. Gérard — respondi despreocupadamente.

— Fala seriamente. Tenho que ir a Paris a fim de tratar do nosso Departamento de Exportação da França. Pensei que fosse tão interessante, que gostasse de ir também.

Não pude responder senão com uma ligeira hesitação.

— Não... é que... bem, tanto que pensei, sr. Gérard, não sei o que dizer agora.

Ele se pôs a rir e me disse:

— Não penses tanto. É evidente que não me seria difícil encontrar uma secretaria em Paris, entretanto penso que a senhora gostaria de conhecer a cidade e os seus habitantes.

Nos dias que se seguiram me debati em meio de pensamentos desconcertados. Era muito mais fácil se recusar a aceitar a oferta de emprego do que a senhora. Compreendia bem como se sentia. Compreendia bem como se sentia. Compreendia bem como se sentia.

(Continua na pag. 46)



"POSANDO" PARA A POSTERIDADE

Tôdas nós temos um prazer imenso, em marcar, pelo retrato, uma determinada época ou acontecimento da nossa vida. A formatura, o primeiro baile, o casamento, etc., são alguns dos grandes motivos. Naturalmente, o que tôdas desejam, quando se deixam fotografar, é que sejam realçados os seus pontos favoráveis e disfarçados os pontos fracos; isso apesar de dizermos sempre: "quero sair tal como sou..." Afinal, nada mais lógico do que esse desejo; ali estaremos sempre, na presença de todos, e, certamente muito nos envaldecerá o verificarmos que afinal, "não somos tão feias assim..." Haveremos de querer também que a fotografia não perca nunca a sua atualidade, que em qualquer época ela possa representar a nossa naturalidade, beleza e distinção.

Para se obter isso torna-se necessária a obediência a certos preceitos. Um deles se relaciona ao vestido, o qual não deverá ser demasiadamente enfeitado nem tampouco com detalhes que revele uma moda muito em voga. Deverá, sempre que possível, ser sóbrio e neutro. Vem em seguida o cabelo. Procurar "inventar" um penteado para o dia do retrato é erro muito comum. É preferível usar-se o penteado de sempre, como também é aconselhável ir ao cabeleireiro de véspera afim de evitar o aspecto artificial e endurecido de toda a

a cabeça recém-saida do cabeleireiro. E o "make-up"? Ele é de vital importância. Deverá também ser sóbrio, evitando-se o mais possível o "rouge" que reflete muito mal na fotografia. O "baton" deverá ser usado com discrição, enchendo, com suavidade a linha dos lábios, fugindo-se aos contornos exagerados que formam uma linha falsa, deformando a fisionomia. Também sobranceiras naturais, evitando-se traços finos e muito arqueados; quanto ao "rimmel" deverá ser reduzido o mais possível, pois além do aspecto vulgar e artificial que empresta à fisionomia, dá ao olhar uma rigidez nada agradável. Terminado o preparo físico, vejamos o mental. O cansaço, esgotamento, as preocupações e os aborrecimentos se refletirão na fotografia, tirando-lhe toda a graça e leveza que seriam de desejar. É importante que se esteja física e mentalmente descansada. As preocupações e aborrecimentos deverão ser afastados, pelo menos momentaneamente ou então deverá ser escolhido um dia em que a pessoa se sinta inteiramente feliz, em que os seus pensamentos sejam agradáveis e humanos, que se sinta, em relação ao mundo um desejo de ser agradável... Notar-se-á, então, na fotografia, uma luz que vem de dentro e que a embeleza ainda mais... É preciso também perder-se a mania de arregalar os olhos para que pareçam maiores, ou sorrir "docemente"

NOS BASTIDORES FEMININOS

a fim de mostrar expressão "angelical", ou ainda ficar dura como uma estatua para revelar "porte".

Se há nervosismo, é melhor conversar antes um pouco com o fotógrafo. Convém ainda deixar os lábios ligeiramente entreabertos. Por fim, concentre a sua atenção na máquina, não como si dali fôsse realmente "sair passarinho", mas como se estivesse ouvindo a sua música predileta.

E não se queixem nunca da "falta de camaradagem" do fotógrafo. Tudo depende de vocês mesmas.

O. B.



“ROBES” PARA GENTE NOVA

TAMBÉM nos trajes para a intimidade existe o fator idade. Não seria próprio que uma mocinha de dezoito a vinte anos, usasse, dentro de casa, “robes” “s sofisticados” em cetim, com grandes caudas ou amplas mangas adornadas de peles, etc. Para elas, existem êsses modelinhos graciosos, confeccionados em sêda ou algodão mas que revelam a sua própria mocidade. Os que aqui apresentamos pôdem ser executados em sêda, lâ ou algodão.



DE HOLLYWOOD

Três elegantes e sugestivos modelos estão aqui apresentados para sua escolha, ao alto: "Tailleur" em lã cinza, casaco drapeado sobre os quadris. Sala réta. Sugestão de Ann Sheridan, RKO. Jayne Meadows da RKO apresenta modelo em alpaca marinho com bordados na manga e ao redor da gola. Conjunto de Jersey de lã branca, blusa estampada formando capuz. Rhonda Fleming, da Paramount



NDA FLEMING

O AMOR

E' ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Disse uma vez o escritor francês Pierre Loti, que o coração jovem é incapaz de amar. Entretanto, quantas provas em contrário em todos os países e a todas as horas!

Na verdade, quando chegamos aos trinta anos, cada ano que passa, mais ficamos sabendo o que, na verdade, é o amor, o amor intenso, sem fantasias.

E, aos quarenta, temos do amor uma idéia muito diferente daquela que possuíamos aos vinte anos.

O amor nos jovens é um sentimento de impulsos, de paixão, de sonhos desordenados. Talvez por isso dissesse o escritor francês aquela frase acima.

Entretanto, mesmo entre os moços há provas de grande amor, de amor sacrifício, de amor renúncias.

O caso que vamos narrar é prova do que afirmamos. Numa cidade do interior do país, um jovem se apaixonou por uma linda mocinha sua parenta distante.

Amaram-se com veemência. Nenhuma das respectivas famílias desejava o matrimônio enquanto ele não dispusesse de recursos, de posição para contrair tamanha responsabilidade.

Foi uma decepção para os dois. Choraram suas lágrimas ocultamente, deplorando aquela proibição paterna; o jeito era aceitar a situação e procurar os necessários meios para fugir àquela condenação.

Ele decidiu ganhar o mundo em busca de recursos e posição, enquanto ela ficava presa ao logarejo sem outra esperança que não a de vê-lo de volta, um dia, rico e capaz de desposá-la.

Rogava a Deus, diante do altar da igreja, para que lhe desse meios.

Passaram-se os meses, os anos...

Um dia correu pela vila a notícia de que o jovem estava na terra. Sua namorada não acreditou, pois, se ele vinha, seria ela a primeira que devia saber.

Mas era verdade. Como os pais dele não residissem mais ali, tendo-se mudado para lugar distante, ele se hospedara no modesto hotel do povoado.

Quando a moça disse aos seus pais que "ele" estava na terra, os velhos não acreditaram. Entretanto, à noite, o jovem desprezado era recebido com festas, abraços e elogios por todos.

Abraçando e beijando a namorada à frente dos pais, ele dava uma demonstração de que já agora era digno de sua mão. Voltava endinheirado, e até com o diploma de um curso de contador!

Oito anos de ausência. Tinha agora vinte e nove primaveras, e ela vinte e cinco. Mudara como por encanto. Suas maneiras eram de jovem educado, sua conversação burilada, suas roupas muito bem feitas. Um "bonitão"...

Lutara, passara privações, estudara, ilustrara-se, sempre com o pensamento nela. Escrevia-lhe sempre, nutrindo-lhe o amor. Desprezara outros casamentos futuros. Acumulara pequena fortuna e era senhor de um futuro certo.

Porque ele conquistara esse triunfo?

Porque... o amor é assim...



Os botões, em grande moda, aqui estão completando esta original gola para o seu vestido de passeio

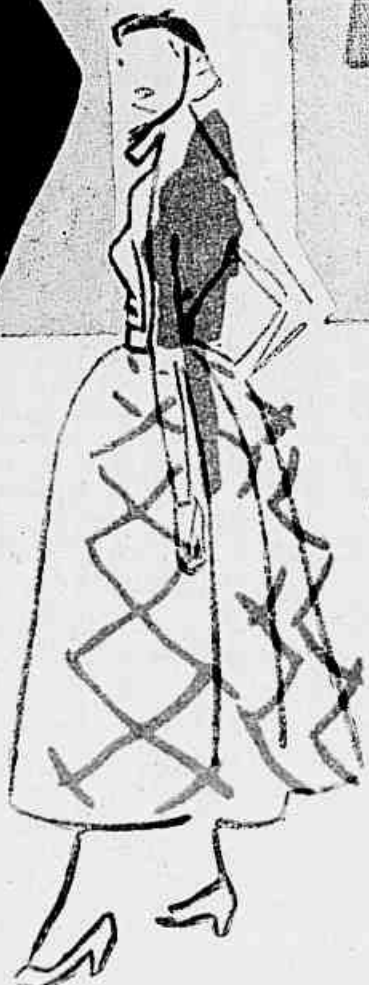


Simple mas bem sugestiva, esta bolsa em couro claro, para complemento de sua elegante "toilette"

Balemeiagem sugere este elegantíssimo e confortável casaco em lã vermelho vivo. Gola formando pelerine

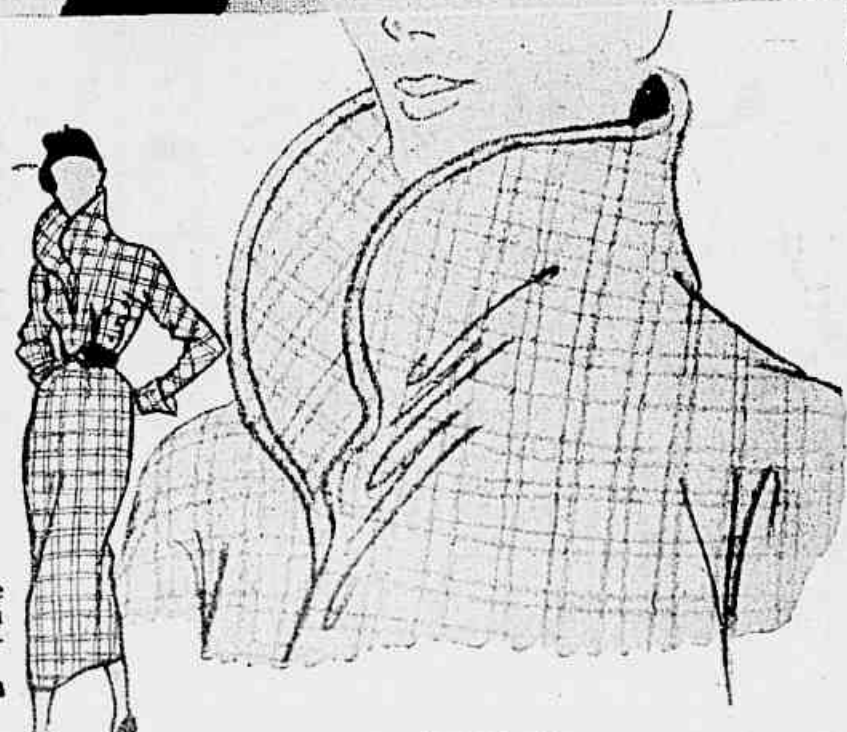
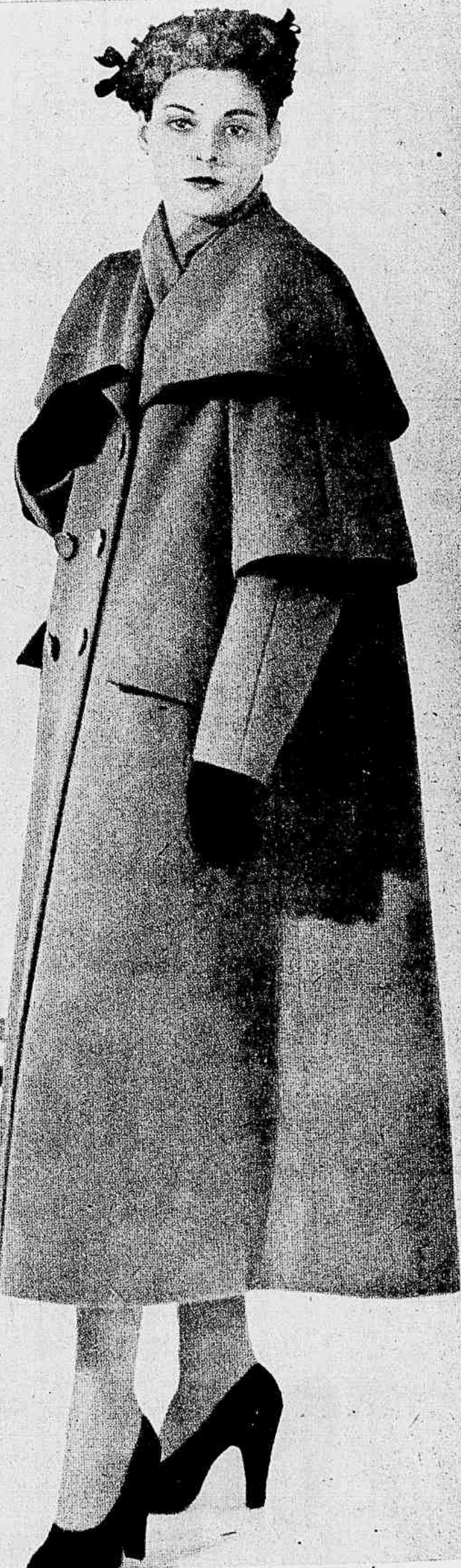


Grande saída para noite em veludo negro, com aplicações de pele de leopardo



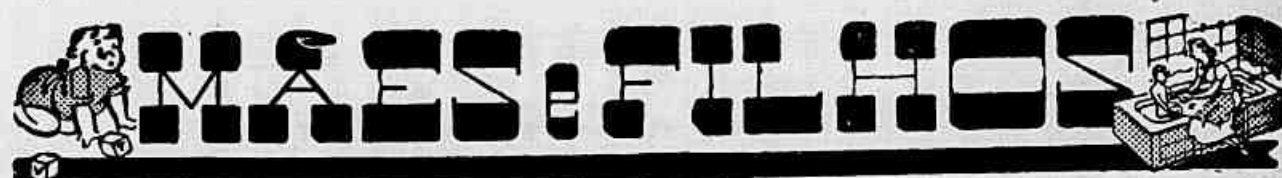
Gracioso este modelinho em fina lã, blusa justa em tecido liso, saia rodada em tecido quadriculado

DETALHES E NOVIDADES

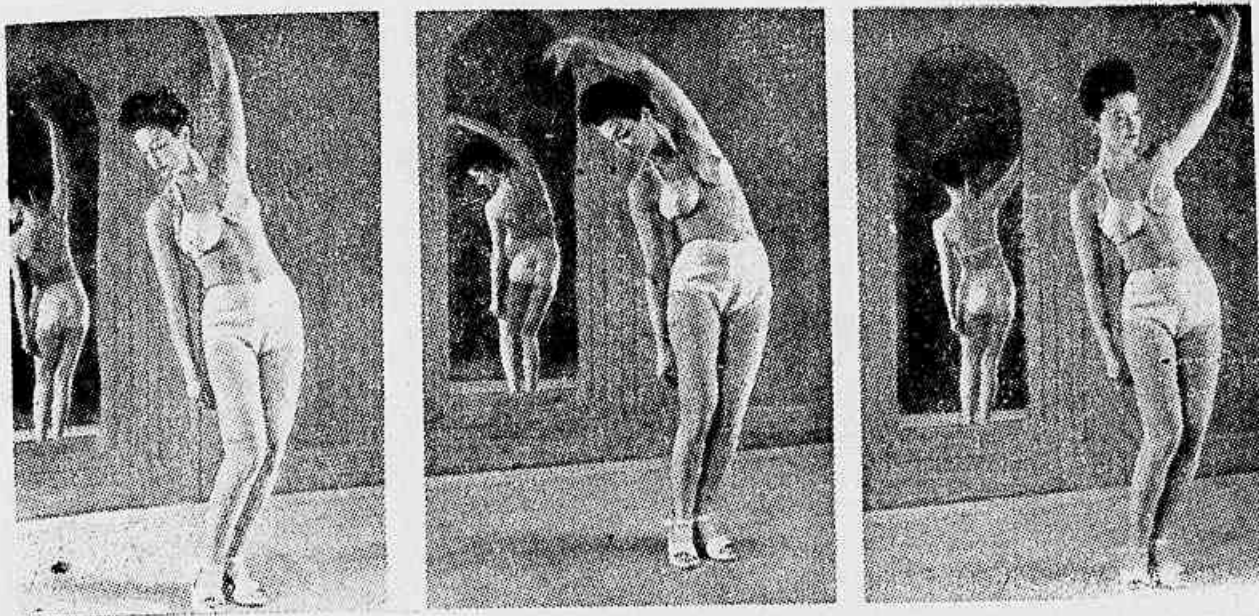


Golas altas, sempre elegantes, aqui está a sugestão de Schiaparelli, talvez importante da moda atual

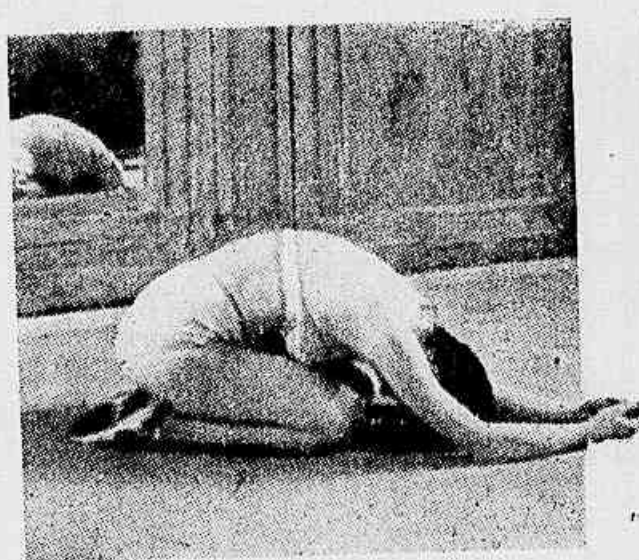
CONTRA O CANSAÇO MENTAL



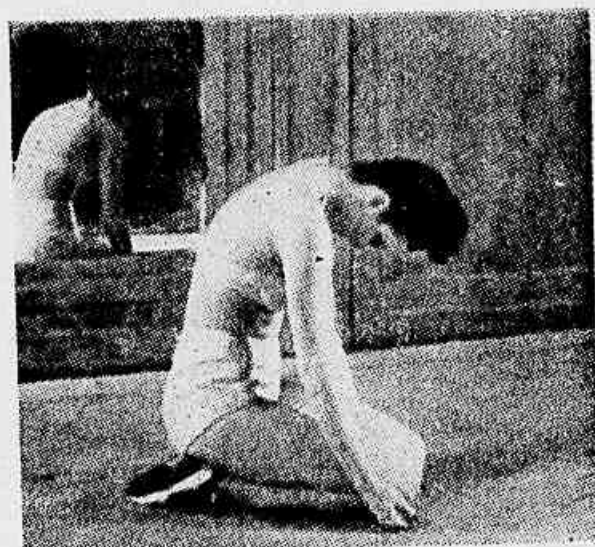
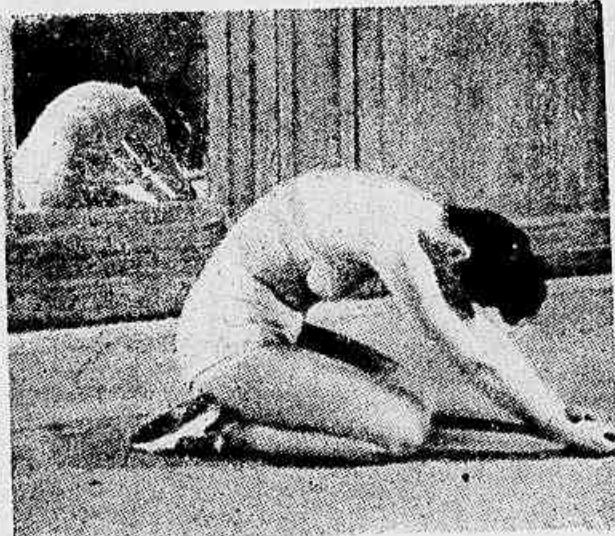
De ANAMARIA CÉLIA



Da esquerda para a direita: Posição de atenção. Corpo inclinado para a direita. Perna direita ligeiramente flexionada contra a esquerda. Braço esquerdo para o alto. A cabeça voltada para a direita. Braço mais para o alto. O peso do corpo se acentua sobre a perna esquerda. Flexão do corpo para a direita, conservando o braço bem sobre a cabeça



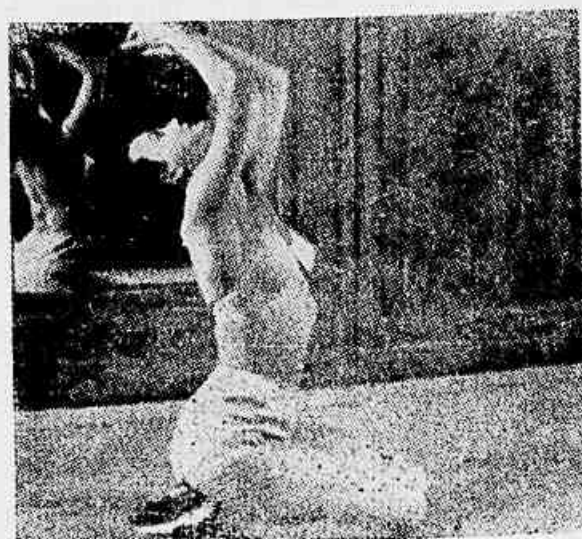
De joelhos, sentada sobre os calcanhares, corpo inclinado para a frente, cabeça repousando no chão. Braços para a frente. Levantamento do busto, cabeça e braços para a frente



Continuação do mesmo movimento, indicado anteriormente. O busto elevado. Braços caindo na extensão do corpo. Cabeça ligeiramente inclinada



Ascensão lenta e progressiva dos braços. Os braços em forma de "V" são estendidos para o alto

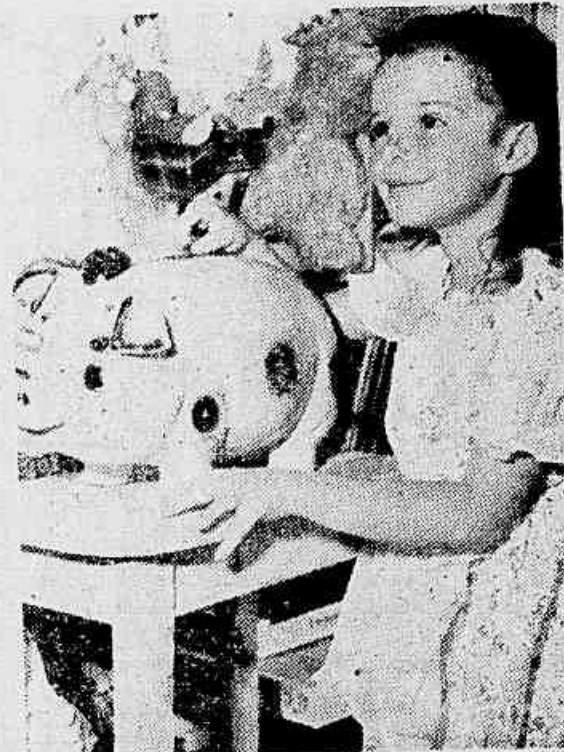


Juntar as mãos na direção da frente. Cabeça inclinada para trás, braços levantados, quase em vertical. Os braços descem lentamente acompanhados pela cabeça, até atingirem o solo, voltando assim à posição inicial

CONSCIENTE E SUB-CONSCIENTE

Apenas nestes últimos trinta anos ou talvez um pouco mais, é que aprendemos a compreender a nossa mente e a sua maneira de trabalhar. Ela não é apenas a parte que pensa. É muito mais do que isso. Os psicólogos descobriram que ela se divide em duas partes às quais chamaram de consciente e sub-consciente. O consciente é a parte que pensa. Dela temos noção e a compreendemos regularmente. O sub-consciente está atrás de todos os nossos pensamentos; não temos noção dele e pouco o conhecemos. No entanto, ele é mais ativo e dele emanam todos os nossos mais profundos sentimentos e as nossas mais profundas emoções. Chega mesmo a controlar, até certo limite, os nossos pensamentos. É no sub-consciente que ficam gravadas todas as nossas experiências da infância; nossos sucessos, nossos fracassos, nossos receios, nossos ciúmes, nossas decepções; tudo enfim que encheu a nossa vida infantil, ainda que nada saibamos a respeito. Com isto, queremos apontar aos pais o erro em que caem quando não educam convenientemente os filhos, quando os castigam com rigor excessivo, quando são injustos, quando procuram impor somente a sua vontade, quando limitam a expansão dos impulsos infantis e quando pensam que, passada a infância a criança tudo esquecerá.

Nada desaparece. Tudo fica no sub-consciente, como que em estado letárgico. Muitas das ações dos adultos, muitos dos seus sentimentos, são guiados por impressões da infância. O assunto é sério demais para ser tratado em poucas linhas. Dele depende a vida futura de uma criatura, e essa vida está exclusivamente nas mãos daqueles que a educaram. Nosso intuito aqui é apenas o de chamar a atenção dos



A criança deve aprender, desde cedo a dar valor ao dinheiro. Com isso aprenderá a conservar melhor as suas coisas. "Pôse" de Gigi Perreau, da RKO

pais para a tremenda responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros... É preciso que eles compreendam isto antes de mais nada; é preciso que saibam que deles depende a formação de um caráter normal ou anormal, de um homem feliz ou infeliz. É preciso que saibam que os "complexos" adquiridos na infância irão prejudicar a vida do adulto e que por tanto, tudo deverá ser feito afim de evitar a formação de tais "complexos".

Por incrível que pareça, existem pais que espancam os filhos, que os assustam, que os submetem a um regime despótico, seguindo, enfim, um caminho completamente errado, impedindo assim que cresçam donos de uma personalidade sadia, de um caráter perfeito e de um sub-consciente livre de pesadelos. À esses pedimos que reflitam um pouco, que procurem conhecer melhor o assunto e que se convençam da sua tremenda responsabilidade frente ao indivíduo.



SAIBA QUE É indispensável à criança, principalmente depois do segundo ano de vida, o contato com outras crianças. Por muito que o adulto se esforce, raramente conseguirá nivelar a sua mentalidade à mentalidade infantil. ★ A criança deve se distrair, mas essa distração deverá ser bem orientada, visando, principalmente, o desenvolvimento normal da criança. ★ A criança bem alimentada tem, naturalmente um organismo mais resistente. Todos os esforços deverão ser empregados afim de que a criança receba o alimento que necessita para se tornar forte e sadia.



Asaúde do BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

EXAMES PRE-NATAIS Os exames pre-natais constituem-se de cuidados da maior importância, tanto para a mulher como para a criança. Só mediante eles a criança já não nascerá doente, muitas vezes (defeitos congênitos, traumatismos do parto), e tantas vezes, até, morta (nati-mortos sífilíticos, asfixia branca, etc.), sem que, então, já nada valham as providências tomadas, por tardias, em face de certas dificuldades que se anunciam à mulher, ou durante a gestação, ou em pleno ato parturitivo, por motivo de seu esquecimento.

E' que, ocasionando situações embaraçosas e sérias, dessas dificuldades, quase sempre, saem atingidos mãe e filho, no mínimo traumatizadas. E são o emprego de fórceps, ou as versões internas, e são os momentos de asfixia criados pelo feto, um sem número de causas desagradáveis.

Trataremos, a seguir, dos exames que a mulher grávida deve fazer praticar durante o período gestacional (e não somente por ocasião da primeira gravidez, mas a toda). São eles:

a) Exame da bacia; b) Exame da apresentação do feto; c) Exames sistemáticos de urina; d) Sorologia para o diagnóstico de sífilis e eventual tratamento.

A) **Exame da bacia** — A bacia normal deve possuir um mínimo de certas dimensões, sem as quais o parto tem probabilidade de ser mau, difícil. Na mulher brasileira foram encontradas as seguintes médias (mensuração externa da bacia):

Conjugata externa	19.11 cms.
Bi-espinha	22.8 "
Bi-crista	25.69 "
Bi-trocanter	29.41 "

São os diâmetros externos da bacia, medidos com o compasso obstétrico. Dêstes diâmetros, o último tem um valor problemático. Grande importância, porém, possui o diâmetro sacro-púbico, que orienta sobre os próprios diâmetros internos da bacia (vias naturais do parto), também chamado diâmetro de Bau-deloque ou, ainda, conjugata externa. Também grande importância possui o estudo da diferença recíproca dos diâmetros bi-crista e bi-espinha; na bacia normal, é ela de 3 centímetros no mínimo; na chamada bacia raquítica, imprópria a função do parto, acha-se sensivelmente abaixo dessa cifra.

E' esse diâmetro que, diminuído de oito centímetros, dá a medida de outro diâmetro que informa ao parteiro acerca da boa conformação interior da bacia, e normalidade dos partos: o conjugata vera, que se estende do promontório à parte superior e posterior da sínfise púbica, e que deverá ter, feito o cálculo, onze centímetros, em média.

Admite-se que bacia que possua uma conjugata externa inferior a 16 centímetros é desagradavelmente uma bacia viciada; entre 16 e 19, poderá sê-la em 50% dos casos; entre 19 e 21 ainda dá 15% de viciosidade; e é verdadeiramente normal acima de 21 centímetros.

As referidas cifras dizem respeito à pelviometria externa. Mais positiva é a chamada pelviometria interna, que lucra sempre em ser feito quando os dados da primeira oferecem um resultado normal. Ambos são para ser feitos por médico, melhor ainda pelo bom parteiro, em condições propícias ao exame, que, é de resto, de uma grande comodidade para a mulher grávida.

Todo primeiro parto exige esse exame da bacia, que previne, não raro, situações penosíssimas.

A bacia estreita é causa de impossibilidade de realizar-se o parto natural, e se reconhecida tardiamente, no ato do parto, muitas vezes já coincide com a morte do feto e o parto só é ultimado com sacrifício deste, e a mulher já muito fatigada com a prolongação do parto.

Reconhecida em tempo, porém, melhores condições eram dadas ao médico para agir salvando a vida do feto e realizando-se o parto mais rápido.

B) **Exame da apresentação do feto** — Há uma posição ideal para o nascimento: aquela em que o feto se apresenta com a cabeça em contacto com a parte estreitada da bacia. A cabeça ainda estará convenientemente flétida, na chamada apresentação do vértice, e assim deverá achar-se para os últimos dias da gravidez, sob pena de tratar-se de uma apresentação de frente ou de face, o que não é normal, como não o é outra qualquer apresentação que se mostre ao exame (de espádua, de nádegas).

E' pois necessário fazer o exame da apresentação do feto para bem julgar da ocorrência de um parto satisfatório.

A má apresentação do feto no ato da parturição torna o parto prolongado, difícil, e ocasiona em o feto frequentes acidentes, entre outros fraturas, paralisias dos membros superiores, a asfixia e morte.

C — **Exame de urina** — Com esse exame ocorre atalhar outro acidente sério, que é a eclâmpsia.

O exame de urinas deve ser praticado em toda mulher grávida, nulípara ou multipara, desde o começo da gravidez. Durante os quatro primeiros meses da gravidez, o exame de urinas deve ser praticado ao menos uma vez por mês; durante o 5º, 6º e 7º meses, todos os quinze dias; durante os dois últimos meses, deve ser repetido uma vez por semana.

Os exames de urina da gestante devem ser interpretados pelo médico. O simples achado de albumina não autoriza o diagnóstico de doença renal, com sua possível consequência — a eclâmpsia. Servirá apenas de index a essa possibilidade. Em 1/4 dos casos, corre simplesmente por conta de uma infecção colibacilar das vias urinárias (pielonefrite), nada tendo que ver com um estado de eclâmpsia latente.

Só o estudo da pressão sanguínea e o exame do sedimento da urina fornece os elementos para bem interpretar sua importância e significação. Se coincide com uma pressão normal, a iminência da eclâmpsia é afastada, e traduzirá antes a pielonefrite; se, ao contrário, mostra-se a pressão elevada, impõe-se certa reserva; somente a dosagem da uréia e da creatinina no sangue elucidará sobre o grau da anormalidade. Uma elevação da Mx com uma pressão diferencial também elevada, é frequentemente index de eclâmpsia iminente.

De resto, não havendo albumina, o exame deve em todos os casos ser completado pelo exame do sedimento, visto que podem existir processos nefróticos, desacompanhados de albuminúria (mas com a pressão, nestes casos, pode já indicar a ocorrência, a tomada da pressão é sempre elemento importantíssimo). A presença de cilindros granulados no sedimento é o que mais significação adquire no exame do sedimento urinário.

Em suma: torna-se sempre necessário que, com o exame de urina, se proceda ao mesmo tempo à tomada da pressão arterial, e exame do sedimento urinário, e que, estando a pressão alterada (Mx, diferencial elevada), se proceda em seguida à dosagem da uréia e creatinina, no sangue, a qual pode denunciar a iminência de eclâmpsia.

D) **Sorologia e eventual tratamento da lues materna (sífilis)** — A sífilis materna transmite-se necessariamente ao feto, mas se tratada logo em começo da gravidez, isso é evitado em grande número de casos (80%). O êxito da profilaxia nos filhos depende, naturalmente, da instituição o mais cedo possível na gravidez. A seu turno o tratamento deve ser orientado de forma que a infecção materna seja atacada com eficiência, com doses suficientes dos agentes anti-sifilíticos empregados; injeções espaçadas, sem continuidade ou sistematização, não satisfazem a esses fins, e até podem reativar a infecção, criando a resistência do microbio da lues. O tratamento pelos arsenobenzóis (914 e congêneres) e o bismuto, constitui a arma por excelência. "Os fetos nascidos de mulheres tratadas pelo 914 são, com maior probabilidade do que com qualquer outro tratamento, imunes de taras lúéticas, e bem desenvolvidos" (observação de Rossi).

E' certo que o melhor e mais oportuno tratamento da sífilis com vistas à prole deverá ter precedido à fecundação, e é esse um dos fins visados pelo exame pre-nupcial nos países que o adotam. Feita essa ressalva, ainda assim não deve ser desprezada a oportunidade de tratá-la, a existir, no período da gestação, e o mais cedo possível.

A sífilis na mulher nem sempre é de origem marital, senão havida dos pais. E' essa uma noção que cumpre gravar bem. Daí uma sífilis na criança, muita vez, exclusivamente materna. Há, porém, mais. A sífilis paterna só se transmite

(Continua na pág. 48)



O MARINHO EM FOCO



O azul marinho está em grande moda. Usa-se o vestido todo marinho ou ainda enfeitado de branco, de tecido escocês, etc. Alguns modelos são completados por boleros ou casacos curtos em tons vivos, outros por estolas em tecido escocês, outros por grandes golas e punhos também largos. Os modelos aqui apresentados, constituem o "básico". Com eles podem ser obtidos os mais variados efeitos.

PROBLEMA DA MULHER

M. MERCEDES SANTOS



ELEGÂNCIA E MATURIDADE



UM ponto importantíssimo ao qual todas as mulheres deveriam dar maior valor, é o que se refere ao traje adequado, isto é, ao que devemos vestir em cada fase da nossa vida. É óbvio que uma senhora de quarenta anos não poder ostentar com a mesma graça de uma mocinha de dezoito, um modelinho vaporoso que só mesmo à última irá bem. O inverso também não é interessante. O que é preciso é que cada uma se conheça que dentro de cada idade e de cada tipo, existe a possibilidade de ser elegante. É bastante, para isso que cada uma escolha aquilo que tenha sido

criado especialmente para a sua fase. Os modelos aqui apresentados, por exemplo são para as que já estão atingindo a casa dos quarenta. Não são menos elegantes do que os demais. São apenas sóbrios e distintos, como a idade o exige.



DESCORTESIA

Pareça embora irrisório, arrisco-me a dizer que muitas vezes o indivíduo não pode mesmo ser cortês com outro, pois, na maioria das ocasiões, a cortesia é recebida pelos ignorantes das boas normas sociais como uma espécie de covardia ou bajulação. No entanto, é evidente que não existe melhor cartão de apresentação para uma criatura do que ela ter cortesia e saber usá-la. Infelizmente, esta qualidade está escasseando nesta grande metrópole, como escassas estão as coisas de mais vital importância. É uma lástima mesmo observar-se a descortesia reinante entre os indivíduos dos mais variados setores da ex-cidade maravilhosa. Por todos os lados, encontra-se a má vontade revestida de uma arrogância de pasmar. No dia 30 de junho último, presenciei um fato que diz bem claro da situação chocante que somos obrigados a suportar diariamente, sem que ao menos tenhamos direito a uma satisfação, por menor que seja.

Chovia torrencialmente. A hora de chegar ao trabalho já ia bastante avançada. Todos os ônibus passavam — como se quisessem zombar de mim — com o sinal vermelho de "lotado". Com o vestido e os sapatos completamente encharcados e sem a mais leve esperança de chegar em tempo no serviço, permaneci nada menos de 40 minutos numa parada da praia do Flamengo. Finalmente o chofer de um "gostoso" da linha 114 comoveu-se — creio que por milagre — da minha desventura e numa freiada, verdadeiramente espetacular, parou o carro. Num esforço simplesmente heróico, enfiei-me nele. Lá dentro, o ambiente era realmente detestável. O ar estava denso de fumaça de cigarros e nem um ventozinho entrava para aliviar aquela atmosfera irrespirável. Os passageiros sentados esbravejavam sem cessar contra os que iam em pé, porque deixavam escorrer água das capas e guarda-chuvas em cima deles. O vendedor de passagens — apesar de estar comodamente sentado — possuía uma cara enfezada e quando o passageiro, mal podendo mexer-se, exibia-lhe uma nota maior, ele num gesto brusco apontava-lhe o aviso da Prefeitura: "Troco máximo até dez cruzeiros".

De repente, um grito histérico de mulher: "Por favor, abram pelo menos uma janela, eu estou morrendo sufocada!".

— Gozado! — disse com ar de desprezo um rapaz perto de mim — Estas belezinhas, quando as janelas estão abertas, ficam danadas da vida e a todo custo tentam fechá-las para que o vento não desarrume o penteado; agora, no entanto, que existe uma razão para que estejam fechadas, elas pedem para abrir, fingindo que estão dando chilique. Francamente! Quem será que entende mulheres?

Esta última frase ele disse olhando-me numa atitude de desafio. Nada lhe disse, pois notei que ele queria barulho e eu sinceramente não me achava em condições para isto. No Mourisco, vagando um lugar próximo à mulher sufocada, tentei "avangar", mas o estupidíssimo me deu um empurrão e sentou-se. Com um movimento de cabeça, agradeceu-lhe a gentileza e ele nem se deu por achado. A mulher pediu licença e abriu a janela e mais uma vez o rapaz deu uma prova cabal de sua grande ignorância: levantou-se e bruscamente fechou-a.

— Por que você é tão mal educado? — perguntou a pobre coitada.

— Porque a senhora não me deu educação — respondeu acintosamente o mocinho interrogado.

A mulher ficou ofendida e começou a falar horrores dos homens de hoje, chamando-os de deseducados, covardes, patifes e indecentes. Um cavalheiro que nada tinha que ver com a história, meteu-se no meio e revidou a afronta atirada aos homens com os maiores palavrões. O trocador sorria a bandeiras despregadas. Piadinhas começaram a surgir de todos os lados e a pobre senhora não teve outro jeito a não ser dar-se por vencida e saltar. Pois tudo indicava que se ela insistisse em discutir com os dois defensores do "sexo forte" talvez terminasse apanhando.

Evidentemente, esta é apenas uma cena entre as muitas outras desagradáveis que diariamente somos forçados a presenciar. Todavia, é de justiça reconhecermos que esta insuportável situação foi criada pela própria mulher. Foi ela que, no seu egoísmo inconsciente e desenfreado, levou o homem a tratá-la sem a devida atenção tradicionalmente dispensada à mulher nas sociedades civilizadas.

Mesmo que a mulher tenha concorrido, com o desenvolvimento de sua educação masculinizada — ao nosso ver inadequada —, à sua vida social, acreditamos que o próprio sentimento do homem o induza naturalmente à cortesia. Sendo lógico pensarmos que as desatenções que praticam decorrem apenas do estágio de evolução que vêm sofrendo as relações entre homens e mulheres, como uma das consequências do após-guerra.

Correspondência

Ana Célia (Salvador, Bahia) — "O meu esposo, que sempre teve tanta confiança em mim, vive agora cego por ciúme que desconheço a razão. Amo-o tanto que não posso suportar isto. Que devo fazer?"

É provável que seu esposo tenha dado ouvido a alguma calúnia ignóbil. Pois se ele sempre teve tanta confiança em você, não é à toa que descobre que é necessário lhe vigiar e medir os seus passos. Você que se sente caluniada, ofendida, humilhada e maltratada por esse homem, é preciso que lhe diga francamente que já não suporta esta situação. Diga-lhe que, se necessário for, até o abandonará. Mostre-se firme nesta idéia, já que tem a consciência tranquila, e garanta a você que ele acabará cedendo por compreender que os seus ciúmes sem fundamento só irão redundar na ruína da vida matrimonial de vocês.



Alida Valli, como toda boa dona de casa preocupa-se também com os afazeres domésticos, e sempre que as câmeras o permitem prepara ela própria as suas refeições "à moda da casa"

TOMATES RECHEADOS COM QUEIJO

Tome 12 tomates grandes. Corte fora uma fatia de 1cm. e tempere com sal e pimenta. Amasse dois queijinhos rigota, 1 colher de manteiga, 2 de creme batido, 4 de parmeção ralado e 1 pitada de paprika. Com este recheio encha os tomates depois de enxutos e bezuntados com manteiga; arrume em prato que vá ao forno, untado, polvilhe com parmeção e 15 minutos antes de servir leve ao forno sem deixar amolecer demais.

BOLO DE BATATA COM CAMARÃO

Cozinhe ½ grs. de batatas sem casca, escorra, deixe secar um pouco, passe no espremedor ou na peneira. Junte ½ colher de manteiga e 2 ovos. Misture e forre uma



fôrma untada, bote dentro 1 kg. de camarões ensopados, quase sem molho e 2 ovos cozidos e picados. Cubra com o resto da batata, alise com manteiga e leve a assar no forno.



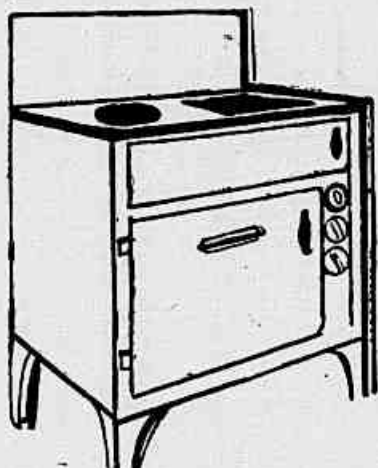
BOLINHOS PAULISTAS

1 prato de polvilho, 1 xícara de leite, 1 pitada de sal, 1 colher de banha, 3 ovos. Junte tudo e misture bem. Leve ao forno numa caçarola com bastante banha quente, vá deitando a massa aos bocados, como sonhos para frigar. Sirva quente, polvilhado com açúcar.



PUDIM BRASILEIRO

Tire o leite de 1 côco com 4 xícaras de leite de vaca, despeje sobre 100 grs. de pão; junte 6 ovos, 4 gemas e 400 grs. de açúcar. Peneire, deite na fôrma untada e leve a assar em banho-maria no forno, bem tostado.



MASSA PARA BARQUETES E TARTELETES

Misture bem 500 grs. de farinha, 250 grs. de manteiga, 1 colher rasa de sal e 1 de açúcar; depois vá amassando e borrifando água até ter empregado 5 colheres. Deixe descansar ½ hora.



DOCINHOS DE DAMASCO

Faça uma calda com 250 grs. de açúcar, junte ½ colher de manteiga, 150 grs. de amêndoas ou castanha do Pará moídas, 6 gemas, 6 claras e 10 damascos secos, cozidos, escorridos e peneirados. Leve ao fogo até despegar no tacho. No dia seguinte enrole como nozes achatadas e passe no açúcar socado.

CULINÁRIA

Nunca parta o assado logo ao sair do forno, porque perde o suco. Regue-o muitas vezes, porém só com a gordura e não com o molho.

O açúcar de confeitiro é obtido quando se soca bem o açúcar passando-o em seguida em peneira de sêda.



CHAPÉUS DE PARIS

Para o inverno, aqui estão algumas das últimas criações francesas em chapéus. São modelos de grande beleza e distinção, que muito contribuirão para realçar a sua distinção. Em cima, de Le Moniner, temos um "beret" em feltro azul marinho, com laço do mesmo material; ao centro, modelo esportivo em feltro cinza de St. Cyr; em feltro havana fita do mesmo material, modelo de Rose Descat; finalmente, outro modelo de St. Cyr, em feltro de dois tons, véu e fita.





O chefe dos trabalhadores mostra que não tem medo das abelhas, nem usando máscaras

O MEL DA FLOR DE ACÁCIAS NA HUNGRIA

TEXTO DE R. WILM

FOTOS KEYSTONE

O uso do mel como alimentação é contemporâneo do aparecimento do homem na terra. Os antigos monges que viviam no deserto, os primeiros apóstolos, líderes de povos errantes, se

alimentavam com o mel e os frutos silvestres. Os índios das Américas, das ilhas dos vastos mares do Pacífico nunca desprezaram o mel das abelhas selvagens e ferozes.

No Brasil, especialmente no norte, a urucu produz o mel mais saboroso, mais rico e apurado que se conhece.

José de Alencar celebrou a abelha "jati" no



Novas colmeias são colocadas à borda de florestas de acácias, vindas de outros lugares



As abelhas são "amansadas" com certa vaporização, antes da abertura das colmeias



Colhendo abelhas para que formem outro cortiço e a produção do mel não tenha interrupção



Trabalhadores conduzindo novos cortiços de Hortobagy para o distrito de Nograd Operários protegidos com máscaras, removem a cera para a colheita do mel nas colméias



E' preciso saber tratar com as abelhas. Aqul está uma forma de organizar enxames

seu romance "Tracema", dando-nos páginas de beleza sem par.

Na Hungria o cultivo da abelha é muito grande e se faz através de processos modernos de acôrdo com os ensinamentos da ciência da apicultura, e o mel é produzido por enxames que retiram das flores de acácia os elementos para sua produção no recesso misterioso das colméias.

O 'mel de abelha das acácias' se tornou naquele país um dos mais populares e apreciados entre o povo húngaro.

As abelhas húngaras sabem trabalhar o mel das acácias, e o produto é também muito apreciado na Inglaterra e nos Estados Unidos, razão por que os apicultores se preocupam cada vez mais em organizar plantações de acácias, de maneira que as abelhas possam dispor de vasta seara para a colheita dos elementos na fabricação do sabroso mel.

Para que não venha a faltar flores dêsse arbusto, os cultivadores dividem as suas plantações em circuitos, de maneira que surjam florestas de acácias produzindo flores alternadamente, com intervalos entre umas plantações e outras.

As primeiras florações começam nos fins da primeira quinzena de maio e as últimas lá pelos fins da seguinte quinzena. Durante êsses períodos toda a família das abelhas ou os enxames trabalham fora, ocupados na manufatura de seu saboroso e dourado mel.

Nesse relativamente curto espaço de tempo, cada cortiço produz cerca de 80 a 100 libras de mel.

Segundo as estatísticas mais recentes, a totalidade das abelhas daquele país se eleva a cerca de 250 mil colméias.

As grandes migrações para a formação de novas colméias se operam entre os principais distritos produtores.

As plantações de acácias em tôrno de Hortobagy mantêm a regularidade da enfloração quinze dias mais cedo do que a das florestas no distrito de Nograd. Assim se explica o movimento de deslocção de massas de abelhas e suas operárias vindas de Hortobagy para Nograd.

Nas ilustrações destas páginas mostramos as abelhas em sua faina cotidiana antes de emprender suas migrações para a organização de outras colméias. Muitas dessas abelhas são nômades.



Este operário recolhe milhões de abelhas em seu braço apresentando um galho de acacia As grandes operárias sabem que terminando uma tarefa, têm que começar outra



O processo para dotar as abelhas de suas células é o mesmo em todos os países. Cada cortiço produz em um espaço de tempo relativamente curto, cerca de 80 a 100 libras de mel

REMORSO

CONTO DE LUIZ ORLOWSKY

ALI estava ele, gordo, pachorrento, com aquela papada presa à base dos ouvidos que nem uma rede, onde se balançava flacidamente meio quilo de canha. Tudo luzia nele. E principalmente a calvice lhe emprestava à cara uma forma monstruosamente rotunda e cheia. Mantinha-se calado mas eu lhe ouvia a estrepitosa gargalhada enchendo a enorme casa que nem um desabamento. Como seria bom vê-lo sempre assim, reduzido ao silêncio. Não. Seria melhor não ver jamais aqueles olhos esbugalhados se avolumarem assustadoramente quando grunhiam ferozes:

— Depressa, rapaz! Avia-te com isso! Esses criados são uma súcia de ladrões! Roubando o meu dinheiro!

E saía mastigando as últimas sílabas até que as portas fechassem sua avareza lá na biblioteca, onde continuava excomungando toda a classe das serventes, numa voz rouca e áspera.

Quando aquela exaltação acabava por lhe dar um ataque cardíaco, meu ódio se estendia satisfeito num sofá de molas. Mas quando tudo passava sem que o velho sentisse a mínima perturbação, ele fervilhava numa caldeira, há muito introduzida dentro de mim.

Agora, porém, o avarento estava absorto, embebido nalgum livro antigo e estrangeiro. Tudo estava quieto, enquanto o relógio não derrubou sua pilha de onze badaladas, que escorregaram ruidosas para fora do tempo.

Seria melhor não vê-lo nunca mais. Que falta faria? Não tinha filhos, nem mulher, nem parentesco. Ao menos eu nunca o soubera. E o sobrinho que morava com ele lhe tinha tanta afeição quanto eu. Bem provável que este único parente, também, alguma vez tivesse afogado a vontade de o ver estirado num caixão, inchado, gordo. Éoca fechada para sempre. Bem provável. E nunca mais a casa sentir-se-ia abalada pelo estrondoso gargalhar que rebentava aos socos quando algum desgraçado lhe esmolava prorrogação de prazo para liquidar contas.

Se ele desaparecesse quanta felicidade ocuparia seu lugar! Então a alegria voltaria a habitar aqueles quartos e o sol a aquecer as paredes amareladas pelo tempo.

Todos dormiam. Ninguém sabia que o velho se quedava ali sentado. Nem mesmo eu o saberia se uma sede abrasadora não me obrigasse a descer as escadarias. Atrás da poltrona se recortava tentadora janela, mostrando a boca da noite. Se eu chegasse por fora com um revólver... Não! Isso não. Isso faria um barulho dos infernos. Quase certo que o avarento não escapava. Mas de que me adiantaria jogá-lo ao túmulo se ele me jogava às grades? Era preciso descobrir outro meio. E enterrar um punhal naquela carne decrepita, quando ela se fosse deitar, dali a pouco? Não haveria barulho, nem o mínimo grito porque eu bem lhe poderia tapar a boca com uma das mãos. Não! Também não servia. Ainda muito arriscado. Só havia quatro empregados na casa e o sobrinho. A polícia, verificando que nenhum estranho penetrara, desconfiaria logo que o homicida se encontraria entre nós. Eu era leigo no assunto. A mínima pergunta me embarçaria. Que era leigo, b.m. o estavam evidenciando aqueles planos pueris.

Resolvia quase desistir, deixar tudo na mesma, quando notei o avarento a depor os óculos, fechar o livro e se erguer vagarosamente do fundo da poltrona. Pensei em fugir para que não me surpreendesse naquela atitude duvidosa. Mas o vi levar a mão esquerda ao peito e contorcer toda a gordura lúidia da cara numa expressão de dor. Logo aos primeiros passos, deduzi que ele não poderia subir as escadas sem primeiro ingerir uma dose daquele pozinho receitado pelo médico. Corri até a gaveta do móvel em que costumava guardá-lo. Não sei como me pôde brotar tão rápido este pensamento. Mais digno de nota é que não pensei em consumir a caixa toda. Percebi logo que isto iria trazer alguma complicação e retirei apenas os pacotinhos. Ninguém sabia quantos eram. Esqueci-me depois para a sala contígua. Observei o desenrolar da cena.

O velho chegou se arrastando e se apoiando em cada móvel espalhado no caminho. Tinha o rosto lívido. Quando abriu a gaveta duvidei que ainda lhe restasse força suficiente para preparar o remédio, mesmo que ele estivesse ali. A terrível surpresa estampada no fundo branco da caixa sorveu-lhe de vez o exíguo fio de força que só a esperança alimentava.

Toda a vastidão daquela massa tombou surdamente amparada maciamente pela gordura paquidérmica.

Impossível tivesse alguém escutado o baque, mesmo acordado. Aproximei-me do velho inconsciente. Vivia ainda e talvez se salvasse caso eu lhe prestasse auxílio. Mas por que se o destino me ajudava admiravelmente no desempenho de um plano elaborado num minuto apenas? Afinal estaria livre. Na manhã seguinte os jornais noticiariam a morte de conhecido milionário e ninguém suspeitaria que eu havia sido a causa indireta daquela morte.

Abri ligeiramente a torneira. Um fiozinho d'água escorregou do alto e se espregulçou denso e molemente no chão liso e branco da pia. Rasguei um a um todos os envelopes e os diluí.

Aquilo era um assassinato... diabos, por que iria me atormentar com essas coisas? Por que já me estaria incomodando com esta palavra sibilante? As palavras são todas convencionais. Convencionou-se dizer assassinato para qualquer coisa parecida com aquilo. Parecida. Portanto, não havia motivo. Depois se fosse assassinato... com mil demônios! Já tornava a maldita palavra a me importunar. Libertei-me destes pensamentos. Deixei a sala iluminada e busquei a cama no máximo silêncio.

Deitei. As seis horas que me separavam do dia, passei-as em claro. Comecei a ver um milhão de erros no crime perpetrado. Considerei-me perdido. Irremediavelmente perdido. Pensei que era melhor fugir. Talvez para o interior. Ficar lá uns sete ou oito anos e depois voltar. Então ninguém mais me reconheceria. Sim. Urgia, porém, decidir-me logo. Não. Aquilo era fruto de minha imaginação. Não havia motivo para temer. Dali há pouco levantar-se-ia um borborinho, poria toda a casa em reboliço. Encontrariam as luzes da sala acesas. O velho caído com a caixa de medicamentos vazia entre as mãos. Nenhum sinal de violências. Que desconfiança poderia surgir? A polícia? Não se atreveria a marear o brilho que luzia na dignidade dos Vergara. Depois o que faria supor qualquer ilegalidade? De fato, os temores eram frutos da minha imaginação. Julguei-me ridículo, ingênuo. Aquilo se poderia chamar crime perfeito...

Um grito agudo e súbito de voz feminina varou-me os ouvidos como um estilete. Pulei sobressaltado da cama. Se não havia surpresa para mim naquele eco de terror, sobrava-me a curiosidade de sondar as opiniões alheias. Soara, por fim, a hora em que se decidiria minha sorte. Desci, vestindo-me pelas escadas, simulando e procurando colar ao rosto a máscara que os acontecimentos imprevistos soem estampar na cara da gente.

Antes de chegar na sala observei que nem o rapazola, sobrinho do cadáver, nem "seu" Vitório haviam chegado. "Seu" Vitório era o empregado mais idoso. Apenas a cozinheira Rosa e Alexandre se mantinham ali parados, imóveis.

Aproximei-me, fingi o maior dos espantos e menti uma jaculatória. Tudo estava como na véspera. Ninguém tocara no defunto. A cena não me apresentava a surpresa do inédito. Nada havia que me fosse tão conhecido. Mas simulei. Simulei bem, porque ninguém desconfiou absolutamente de nada. Fiquei mais descansado. Sem motivo para temer. Depois chegaram o rapazola e "seu" Vitório. Em nada, porém, se modificou minha situação.





O dia passamo-lo na azáfama dos dias enlutados. Um labutar constante, bem anormal e completamente silencioso, como se o morto se perturbasse com o ruído. O maior barulho era o dos telefones. Não cessaram de tilintar um só minuto. Mas sempre havia quem se apressasse em amortecer aquele som estridente, com uma voz grave, baixa e compassada.

Ninguém chorou. Como eu suspeitava. Todos lhe tinham ódio. O próprio sobrinho não lhe dedicava afeição. E quem me assegurava que aquela máscara trágica não era como a minha: fingida?

Enfim puseram sobre a mesa um caixão enorme. Gigantesco. Não quis olhar a fisionomia que emoldurava, mas alguma coisa imaginária virou-me lentamente a cabeça na sua direção. Estava como sempre o desejara: estendido, inchado, gordo, mais gordo que nunca. Bóca fechada para sempre.

O torvelinho de gente hipócrita que veio espremer uma custosa lágrima sobre o féretro, confundiu-me naquela massa. Podia passar livremente por todos. Se acaso alguém me olhava via apenas o servente da casa. Todavia, uma impressão besta me tornou diferente por completo dos outros. Parecia-me ser feito de alguma coisa imaterial. Julguei-me um fantasma atravessando toda aquela multidão sem ninguém de mim se aperceber. E eu era o assassino, a causa de todo o tumulto.

Coloquei-me atrás do reposteiro, aonde espiara o avarento no dia anterior. A poltrona à qual ele confiava o peso da sua obsessão fora afastada para não ocupar espaço. No seu lugar estava aquela moça loura observando o quadro em que se desenhava a mãe da vítima. Talvez lhe admirasse as jóias, riquíssimo adorno de um pescoço curto e gordo. O esquite, armado bem no centro da sala, tinha duas portas lateralmente abertas. Seu interior era um canteiro onde vicejava a morte.

Afinal fechou-se para sempre. O cuco fúnebre o carregou para bem longe do convívio humano e enterrou a semente da morte no seio da terra por saber que até a ressurreição ela não brotaria jamais.

Esvaziara-se a enorme vivenda. Quando a noite dependurou no cordão do horizonte suas roupas de veludo negro e macio, um silêncio medonho se esparramou por todos os cantos, amortecendo as vozes com o tapete fôfo da sua mudez.

Subi até meu quarto, no segundo andar. Deitei-me e o relógio distante soltou uma a uma onze longas horas. Evoquei de novo toda a cena da véspera. Comecei a sentir medo. Sempre julgara que o temor da escuridão era próprio das crianças. Entretanto, já me considerava homem e o sentia horripilantemente.

O aposento estava totalmente mergulhado nas trevas. Nada de lua. Será natural, por vezes; sentir horror ao escuro? A noite é fenômeno natural. Não havia, pois, temê-la. Não... não pensava nos naturais. Eram os sobrenaturais que me afligiam. Apresteli os ouvidos para um som que pisava suavemente os degraus. Imoto, a cabeça desencostada do travesseiro, cravei os olhos na porta que dava para o corredor. Mantive-me por dois minutos nesta incômoda posição. Convenci-me de que almas não fazem barulho, não têm pés, não precisam subir escadas. Convenci-me de que não ouvira absolutamente nada. Tudo obra da imaginação. Descansei a cabeça, cerrei os olhos. Ainda assim o medo não se diluiu. Fositivamente perdura o sono. De vez em quando alguma coisa inconsciente me impelia a encompridar as vistas até o quarto vizinho. Um quarto abarrotado de coisas velhas e mofadas. Ninguém o penetrava, nem mesmo eu, embora me fosse um prolongamento natural do aposento. Aquela porta semi-aberta é que me dava arrepios de medo. Seria capaz de jurar que algumas almas penadas estavam lá, confabulando entre si o melhor meio de me atormentar. Se ao menos ela estivesse fechada. E por que não ia cerrá-la? Não. Isso não. A violação do silêncio me atemorizaria ainda mais. O respirar desordenado que me agitava levemente as asas do nariz e assobiava nas cobertas, vinha sussurrar-me uma palavra sibilante. Precisava livrar-me daquela obsessão. Precisava fechar a porta. Levantei-me devagar. Não senti tanto medo. Fechei a maldita porta. Agora dormiria. Antes, porém, abri a janela para refrescar o quarto. Estava um calor insuportável lá dentro. Oh, como a brisa me aliviou a tensão! Vi que ia chover. Meti-me de novo sob as cobertas. Agora dormiria.

Amoleci. Ainda restava uma única velhinha a iluminar-me a insônia. Arrastei-me para extingui-la. Não tinha pressa. Ia com vagar. Oh, estava se apagando por si!

Um baque súbito e violento! Pulei num sobressalto. O coração me queria sair pela boca, tanto se debateu. Engoli uma saliva grossa, angustiosa. Por fim retomei a calma. Levantei-me de novo para trancar a janela mal encostada que o vento num acesso de fúria havia aberto assim, com tamanho estrondo. O ar tinha um cheiro de chuva. Pela terceira vez entrei debaixo dos cobertores. Aquêle susto me fizera mal. Tinha menos sono que nunca. Talvez agora não dormisse mais. Lá estava a maldita porta cerrada, escondendo nas costas o conluio das almas penadas. Amanhã remexeria todos os trastes atirados lá dentro para me certificar de que ele era como os outros quartos. Nada de anormal. Amanhã.

Um grito rasgado de gato perfurou-me o tímpano, como se o felino houvesse usado as próprias garras para me enfiar aquele incômodo horrível dentro dos miolos. Uma garra, o grito rasgado. Ou a voz feminina de Rosa? Estaria condenado a ouvir por toda a eternidade o terror da cozinheira quando se lhe deparou o patrão cadáver estendido no assoalho? Não, isso de remorsos não existia. Invençionei boba. Havia enganado todo mundo e estava com medo da própria sombra. Que puerilidade. Dali há pouco despontaria o sol, então a luz me revelaria a infantilidade dos temores.

Começara a chover. Chuva pesada, abundante. Imaginei que as águas penetravam na terra fôfa do cemitério, ensopavam as vestes do avarento. Uma água fria encontrando um corpo duro, este se parecia horripilantemente como sepultura. Escuro, fechado, o ar já principiava a escassear. Sim, meu quarto era uma sepultura que encerrava um vivo. Suava frio. Tinha medo. Não gostava da chuva que me trouxera tais pensamentos. Estava prestes a comprimir o comutador para ver toda aquela escuridão engolida de um só bocado, quando um relâmpago entrou maluco janela a dentro. Vi tudo como se fora dia. Dia de um segundo.

A porta estava aberta! Escancarada!

E eu a fechara! Fechara? Não tinha certeza. Lembrava-me de estar com vontade de trancá-la. Todavia, se ela estava aberta era prova de que tudo se passara na minha mente.

Rebocou o trovão. Invadiu o solar, rolando pelas escadarias, arrastando móveis, estremeando cristaleiras, gaguejando como a gargalhada estrepitosa do avarento. Teria sido mesmo o trovão? Meus nervos tão inutilizados não se lembravam mais de coisas sucedidas há meio minuto. Suava. Noite medonha. Não queria ter medo, mas tanta coisa fora do comum acontecia que eu duvidava me encontrar ainda entre os plenamente sãos de espírito.

Novo relâmpago. Deus meu! Valesse-me!

Ali está o defunto em pé, vestido de preto, como no caixão. Ali estava ele, gigantesco, com um sorriso medonho entalhado em toucinho. Senti uma garra de gelo rasgar-me a espinha. Senti todos os pelos se erigirem e a pele toda se enrugar de frio, medo e terror. Não esperei que ele jogasse seu cavernoso gargalhar em cima do primeiro trovão. Não esperei porque ele avançava sobre mim para me esmagar, para me estrangular entre a flacidez daquela mão gorda, mole, volumosa.

Libertei-me da paralisia que viera fazer morada em cada uma de minhas juntas. Pulei num sóco da cama; atirei-me contra a porta, quase louco, trêmulo, e re-arrojéi aos berros escada abaixo. Ouvi-os perfeitamente naquela semi-loucura. Nem um animal os soltaria tão terríveis.

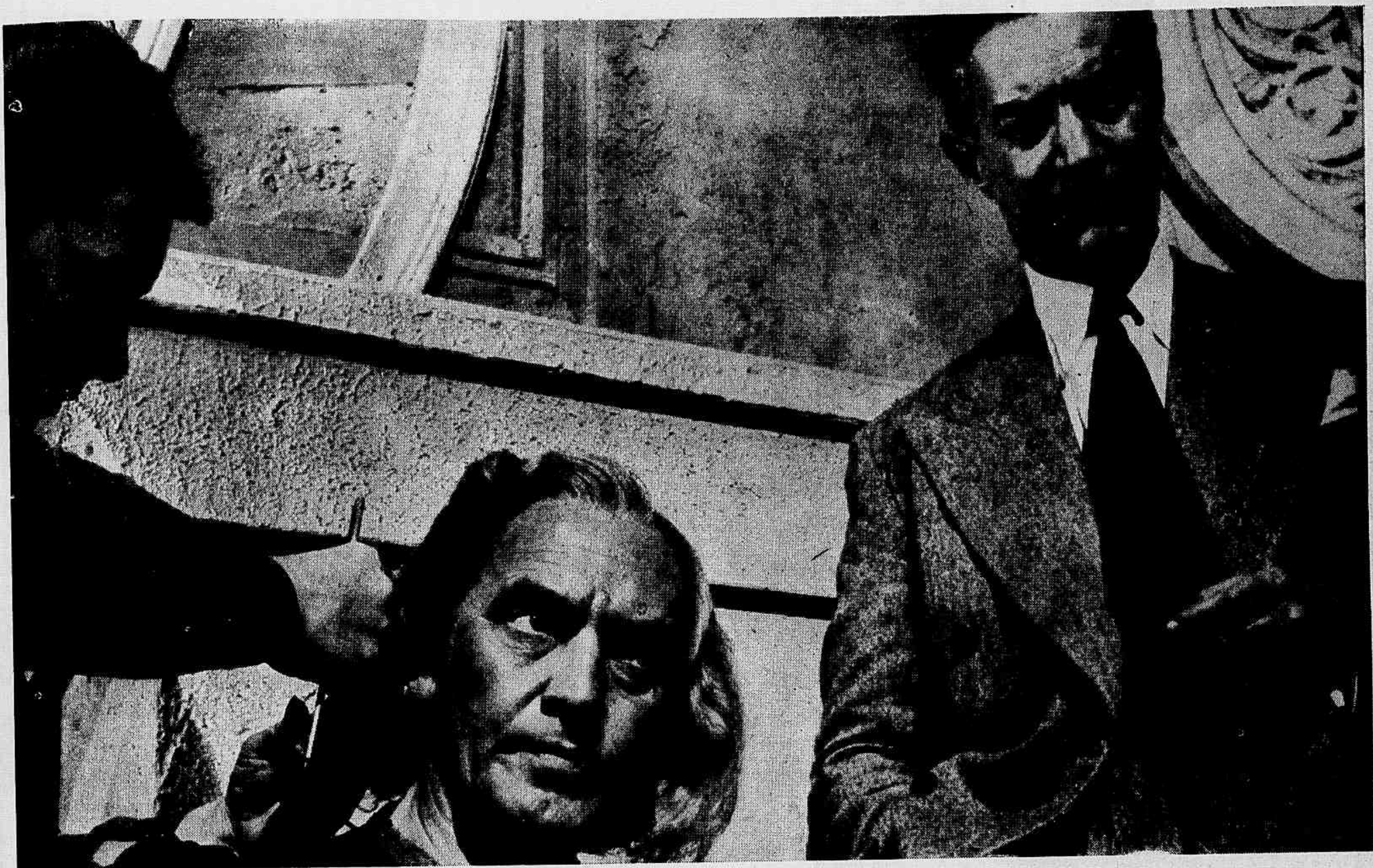
A casa fora abalada duas vezes no dia, pelo grito do pavor. Todos me cercavam. Eu ajoelhado, chorando, confessava que havia assassinado o avarento, por isso ele me per-

(Continua na pág. 46)

ILUSTRADO POR J. RIBEIRO
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



CYRIL HARTMANN (em pé, à esquerda), conselheiro histórico da película "Cristóvão Colombo", numa discussão amigável entre Nora Swinburne (Juana de Torres), Felix Aylmer (Padre Perez) e Abraham de Sofaer (Santangel), durante um intervalo de filmagem



O DIRETOR David MacDonald conversa com o ator Fredric March (Colombo), enquanto a cabeleireira Elsie Alder arruma a cabeça do intérprete do descobridor da América, durante um intervalo de filmagem nos estúdios Shepherd Bush em Londres

GLÓRIA A COLOMBO

DURANTE os tempos do século XV, quando as nações européias procuravam chegar a novos mundos, muito deve a Humanidade aos homens da Península Ibérica que, arrostando os mares bravios chegaram às praias de terras desconhecidas. Estes homens, grandes navegadores muitos, espíritos aventureiros outros, deram às suas nações glórias imprecíveis. O Infante Don Henrique, por exemplo, com a sua escola de Sagres, foi o responsável por um viveiro de pilotos e de cartógrafos. Do trabalho fecundo e decisivo de Sagres, resultou o descobrimento da ilha de Porto Santo, em 1418, por Bartolomeu Perestrelo. No ano seguinte, Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira encontravam a ilha da Madeira, e em 1432 Gonçalves Velho Cabral chegava à ilha de

O cinema britânico rende tributo ao famoso navegador ★ A Península Ibérica e as grandes descobertas ★ O Infante Don Henrique e a escola de Sagres ★ Um genovês na Espanha ★ A fantástica aventura ★ A epopéia cinematográfica ★ Fredric March, um "Colombo" ideal ★ Expedição às Caraíbas ★ A biografia cinematográfica

Reportagem de LUIS ALÍPIO DE BARROS

(Fotos do BNS e Universal-International)

Santa Maria, nos Açores. Dois anos depois, Gil Eanes dobrava o cabo Bojador, e em 1446 uma expedição em que se encontravam o veneziano Cadamosto e o ge-

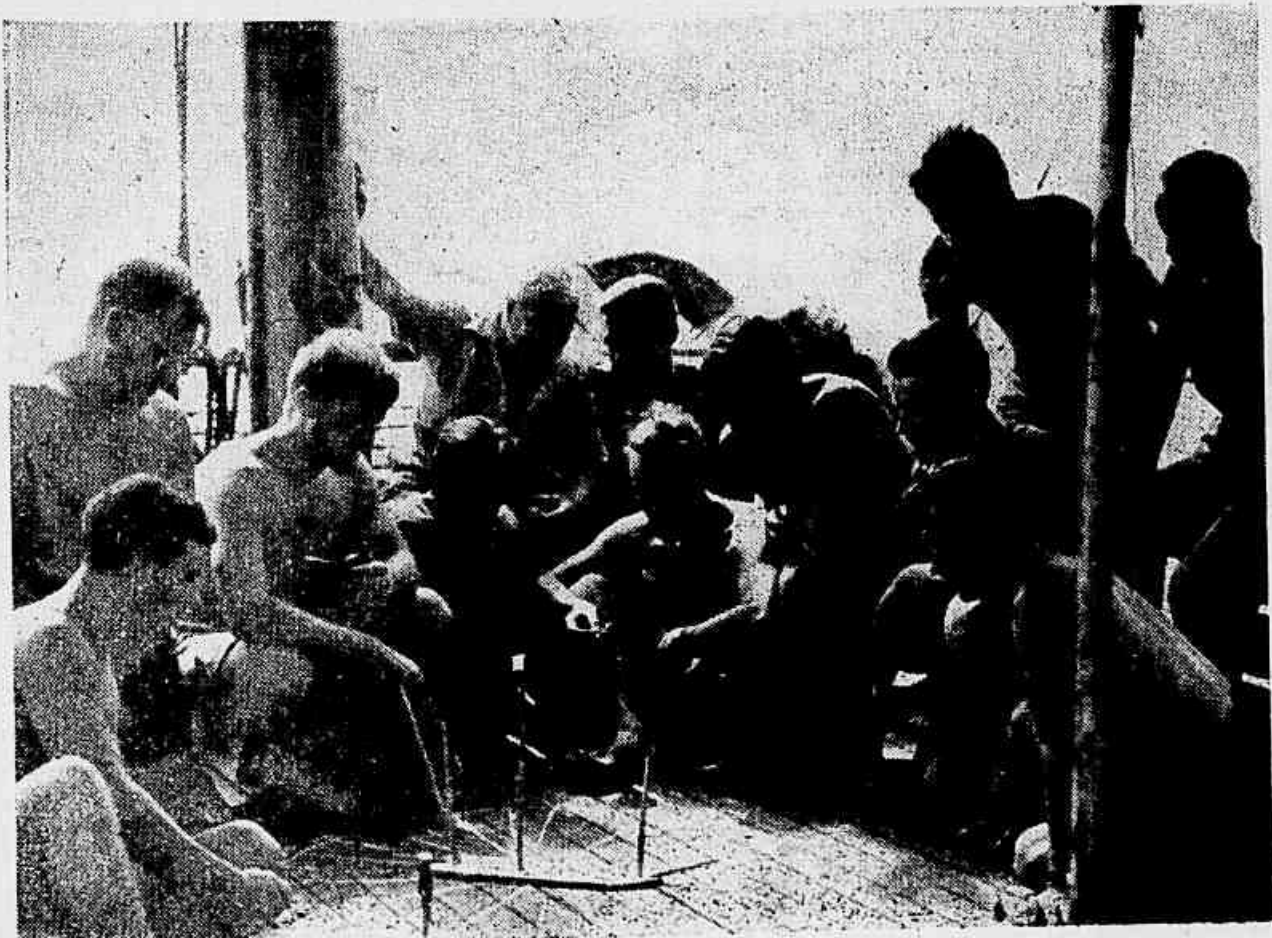
novês Nola descobriu o arquipélago de Cabo-Verde. Em 1484 Diogo Cão chegava à foz do Zaire, e em 1486 Bartolomeu Dias atingia o cabo das Tormentas, que D.

João II crismou de Cabo da Boa Esperança e onde o grande épico da língua portuguesa, o magnífico Camões, fez surgir o gigante Adamastor em um dos seus mais belos sonetos. Houve ainda Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, e Alonso de Ojeda, e Juan de la Cosa, e Vicente Yanez Pinzón, e Diego de Lepe, e Fernão de Magalhães, e Nuñez de Balboa, e Américo Vesputio, e tantos outros que ligaram seus nomes à história dos descobrimentos marítimos.

Mas Colombo, no entanto, talvez tenha sido a figura mais extraordinária de toda a legenda dos grandes navegadores.

UM GENOVÊS NA ESPANHA

A História e os biógrafos de Colombo apresentaram-no como um homem de gran-



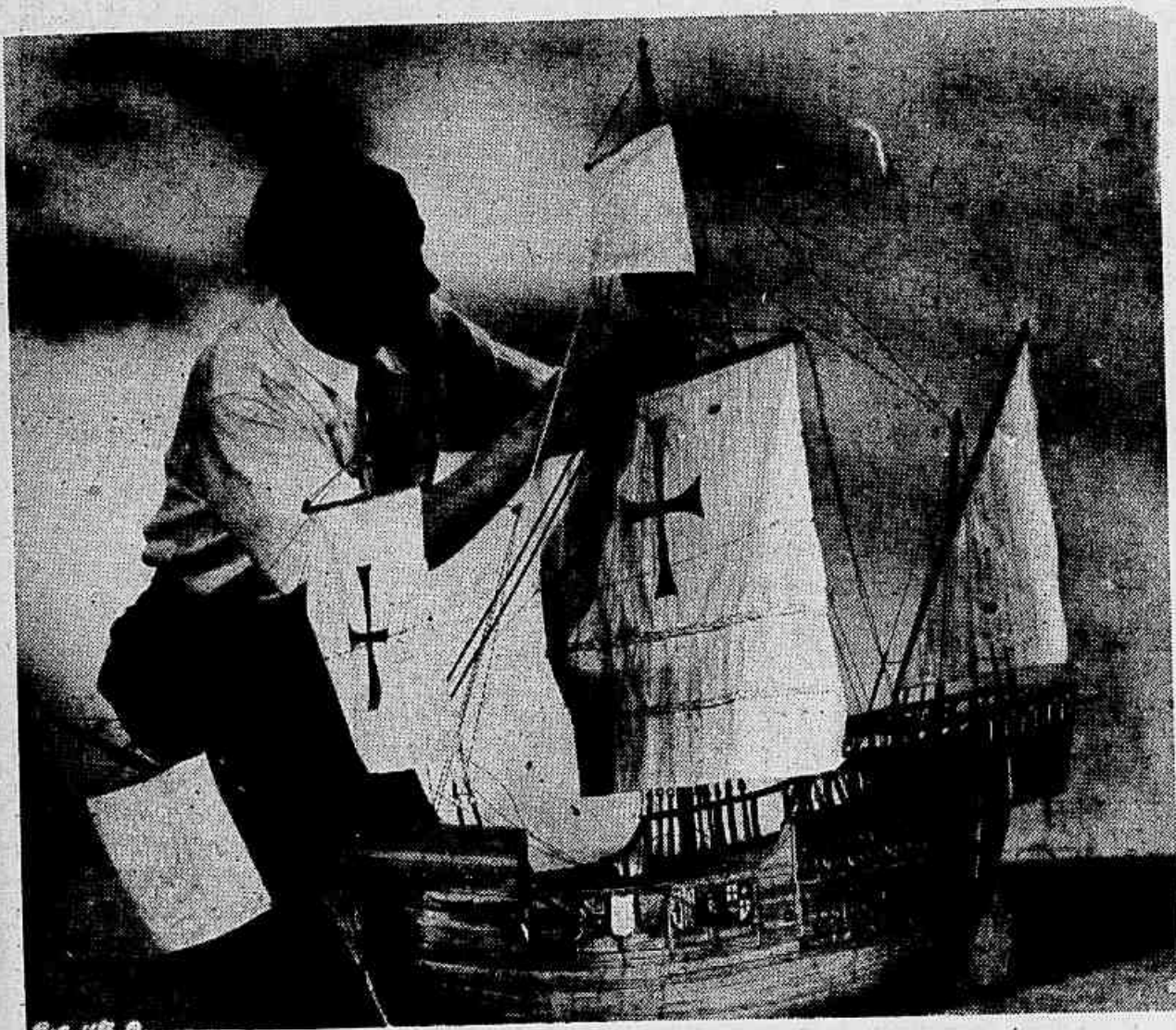
A TRIPULAÇÃO inglesa especializada em navios à vela, que auxiliou nas cenas marítimas de "Cristóvão Colombo"



FREDRIC MARCH e Derek Bond (Colombo e Diego de Arana) com nativos do mar das Caraíbas durante as filmagens



O PINTOR John Haggis retoca o magnífico retrato de Fredric March que ele fez para a película "Cristóvão Colombo"



G. E. JORGENSEN dá o toque final do modelo em miniatura do galeão "Santa Maria", que aparece em "Cristóvão Colombo"



O ATOR Fredric March e o diretor David MacDonald estudam em um mapa a rota da grande viagem de Cristóvão Colombo

de fé e espírito de aventura. Nascido em Genova, em 1451, Cristóvão Colombo foi um apaixonado pelo mar desde criança. Aos 14 anos já se aventurava em aventuras marítimas e algum tempo depois empreendeu uma longa viagem à Nova Guiné. Ao voltar, concebeu o plano de uma grande aventura ao Atlântico. Apresentou seu plano a D. João II, mas o soberano de Portugal não quis aceitar as propostas de Colombo. O genovês então foi morar em Porto Santo, casando-se com uma filha do navegador Perestrelo. Filipa Da união de Colombo e Filipa nasceu um menino Diego Colombo. Morre Filipa, na época em que Colombo resolve pedir a proteção dos reis da Espanha para que a aventura seja realizada. O genovês, antes de ensaiar o rumo ocidental, adquiriu a convicção de que poderia resultar uma aventura. Ocupa-se durante algum tempo a copiar e a vender cartas marítimas e correspondia-se sempre com o sábio florentino Toscanelli. Depois uma luta imensa, Colombo conseguiu que a rainha Isabel se interessasse pela causa e a viagem foi preparada.

A GRANDE AVENTURA

A grande viagem foi iniciada. Do porto de Palos partiu Colombo para o desconhecido. Eram três os seus navios — o galeão "Santa Maria", navio capitânea, e as caravelas "Pinta" e "Niña", comandadas pelos irmãos Martin Alonso Pinzón e Vicente Yanez Pinzón, respectivamente.

A viagem foi dramática e sérios contratempos aconteceram. Mas o genovês não era apenas um homem com espírito de aventura — era também, acima de tudo, um homem de fé inabalável. E no dia 12 de outubro, depois de um sem número de contratempos, Cristóvão Colombo avistou o Novo Mundo. Estava descoberta a América (não era Índia das especiarias, nem a ilha de Cipango — Japão — era a América) — a cruz de Deus e os homens da Espanha apareciam pela primeira vez na nova terra, que foi batizada com o nome de San Salvador. Colombo havia descido na ilha Guanani, nas Baamas.

O genovês foi recebido triunfalmente quando de seu regresso à Espanha. Outras viagens fez Colombo à América. Mas na Corte espanhola havia muita gente que não via o grande navegador com grande simpatia e quando Isabel morreu Colombo conheceu dias amargos. Perseguido tenazmente por Bobadilla, Cristóvão Colombo morreu em Valladolid, em 1506, na mais completa penúria. Nem o continente que ele descobriu teve o seu nome; serviu, ao contrário, como uma homenagem eterna a outro aventureiro dos mares, Américo Vespúcio.

CONTROVERSIAS SOBRE O DESCOBRIMENTO

Muitas são as controvérsias sobre os autênticos acontecimentos referentes aos grandes descobrimentos. Mesmo quanto ao feito de Colombo, não falta quem afirme que o genovês não foi o primeiro estrangeiro a avistar terras da América. É defendida mesmo a hipótese de que navegadores nórdicos — os vikings — tenham se antecipado a Colombo.

Mas, não desejamos aqui abrir uma discussão em torno dessa controvérsia. O nosso intuito não é outro senão apresentar uma reportagem sobre uma das figuras mais impressionantes da história da Humanidade — Cristóvão Colombo — e também sobre a homenagem que o cinema inglês resolveu prestar ao grande navegador genovês.

Colombo é um mundo. Autêntico poeta dos mares, ele é a maior expressão marítima de uma época de grandes navegadores. O seu feito transformou-se em uma das maiores epopéias da história do mundo. Talvez os vikings tenham avistado a América antes dele, talvez outros homens tenham se antecipado na visão do Novo Mundo. Mas foi Colombo o primeiro a estabelecer os direitos de uma nação sobre a terra nova. A ele devem caber todas as glórias do descobrimento da América. Glória a Colombo — notável vencedor dos mares.

A EPOPEIA CINEMATOGRAFICA

Glória a Colombo, glória ao grande navegador. A Inglaterra, consagrada senhora dos mares, resolveu, através do seu

cinema render um tributo ao descobridor. E preparou um filme épico sobre a figura de Colombo e a grande aventura do navegador genovês.

Tudo foi planejado para a realização do filme. Dentro dos domínios do magnata J. A. Rank, Sydney Box entregou os trabalhos de produção a Frank Bundy. O screen-play ficou a cargo de Muriel e Sydney Box. A direção foi entregue a David MacDonald. Os planos de produção assinalavam que o filme teria uma fotografia técnicolorida. Resolvidos todos os planos de filmagem, estabeleceu-se então a escolha de intérpretes. Quem faria o grande navegador na tela? Fredric March foi o escolhido. O ator premiado duas vezes pela Academia de Ciências e Artes de Hollywood foi uma escolha feliz, pois serve às mil maravilhas para o papel. Florence Eldridge, esposa de March na vida real, foi convidada para interpretar a rainha Isabel da Espanha. Felix Aylmer, o "Polonius" de "Hamlet", aceitou o papel do Padre Perez; Kathleen Ryan, o de Beatriz de Arana, a segunda mulher de Colombo; Derek Bond, o de Diego de Arana, amigo íntimo de Colombo; James R. Justice, o de Martin Alonso Pinzón; Richard Aherne, o de Vincente Yanez Pinzón; Francis L. Sullivan, o de Francisco de Bobadilla; Niall MacGinnis, o de Juan de la Cosa; Francis Lister o do rei Fernando e Sonia Holm o de Filipa, a primeira mulher de Colombo.

EXPEDIÇÃO ÀS CARAIBAS

Para dar maior realismo à película, toda uma expedição cinematográfica deixou Londres e botou-se para o mar das Caraíbas. Atores e técnicos se misturaram com os nativos, e as cenas exteriores no "novo mundo" foram tomadas.

Todas as peripecias e acontecimentos da grande viagem foram narrados de acordo com o argumento cinematográfico escrito por técnicos na matéria, auxiliados por assistentes históricos. Ainda é cedo para se discutir possíveis deslizes históricos no filme (dizem que existem), pois não tivemos ainda a oportunidade de ver a película. As nossas considerações nesta reportagem, queremos frisar, prendem-se exclusivamente à figura de Colombo, como homem e navegador, e à realização da película produzida na Inglaterra. Deixaremos as referências artísticas para depois, quando assistirmos o filme, que tanto pode ser artisticamente uma realização digna do homem que a inspirou, como pode ser uma película de baixa classe.

Os temas históricos são temas perigosos. Qualquer modificação, supressão ou adição na descrição cinematográfica de um fato ou figura histórica, suscita sempre discussões. Mesmo em obras puramente literárias o problema não se ausenta. Em "Hamlet", por exemplo, as supressões de personagens, as modificações na ordem de apresentação de alguns quadros e outras liberdades menos significativas — porém já mais sem perder a imortal obra de Shakespeare o seu sentido poético, teatral ou mesmo essencialmente cinematográfico — ofereceu aos eternos inimigos do cinema e intransigentes teatrófilos matéria para zangas absurdas. Os argumentistas e cenaristas de "Cristóvão Colombo" talvez tenham romanceado bastante a vida do grande navegador, e talvez mesmo tenham desvirtuado um pouco a sua verdadeira biografia.

No caso de Colombo, naturalmente, qualquer deslize histórico será inconcebível, pois assim não o permite a situação do navegador perante a Civilização. Desvirtuar a história de Colombo será desvirtuar a história da Humanidade.

A BIOGRAFIA CINEMATOGRAFICA

Para o leitor ter uma pequena idéia de como os realizadores do recente "Cristóvão Colombo" inglês, historiaram o homem e a aventura, vamos oferecer, nas páginas seguintes, uma condensação do argumento cinematográfico da película. Foi este um esforço de reportagem, pois tivemos que conseguir, através da boa vontade e gentileza do BNS e da Universal-International, um apanhado geral do roteiro (possível ainda de modificações) do filme. Através resumida novelização, os leitores poderão ter uma rápida amostra de como se desenvolverá a biografia técnicolorida e cinematográfica do maior dos navegadores.



FREDRIC MARCH — "Colombo"



FLORENCE ELDRIDGE — "Rainha Isabel"



DAVID COLE — "Diego Colombo"



FRANCIS LISTER — "Frei Fernando"



NORA SWINBURNE — "Juana de Torres"



DEREK BOND — "Diego de Arana"



KATHLEEN RYAN — "Beatriz de Arana"



FELIX AYLMEYER — "Padre Perez"



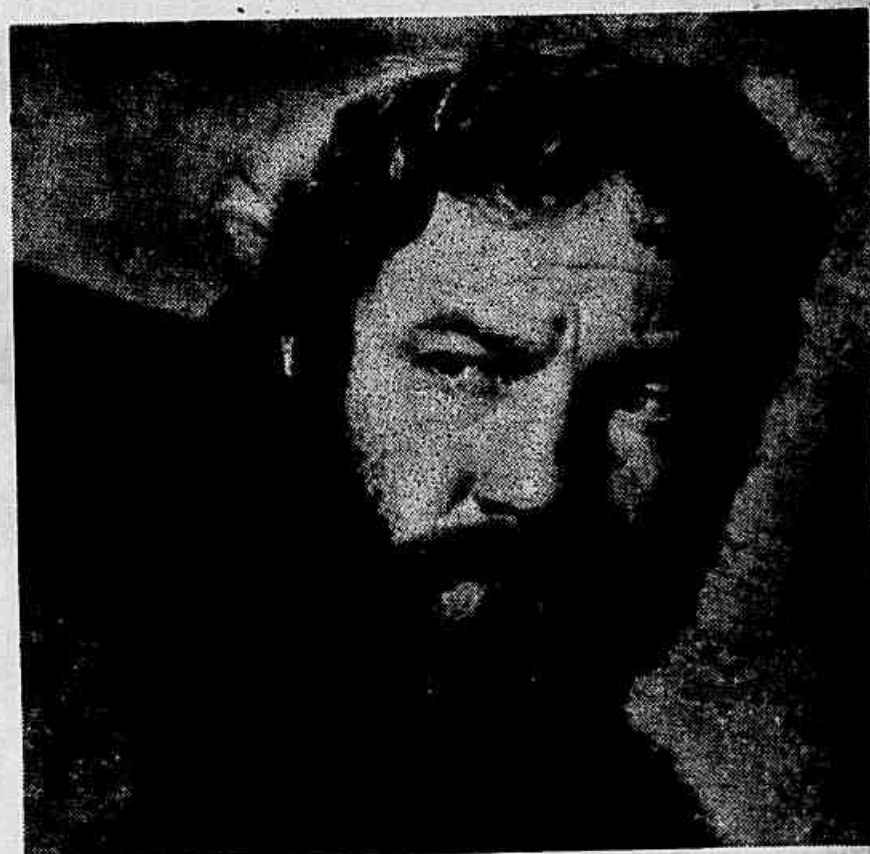
LINDEN TRAVERS — "Beatriz de Peraza"



NIALL MACGINNIS — "Juan de la Cosa"



DENNIS VANCE — "Francisco Pinzon"

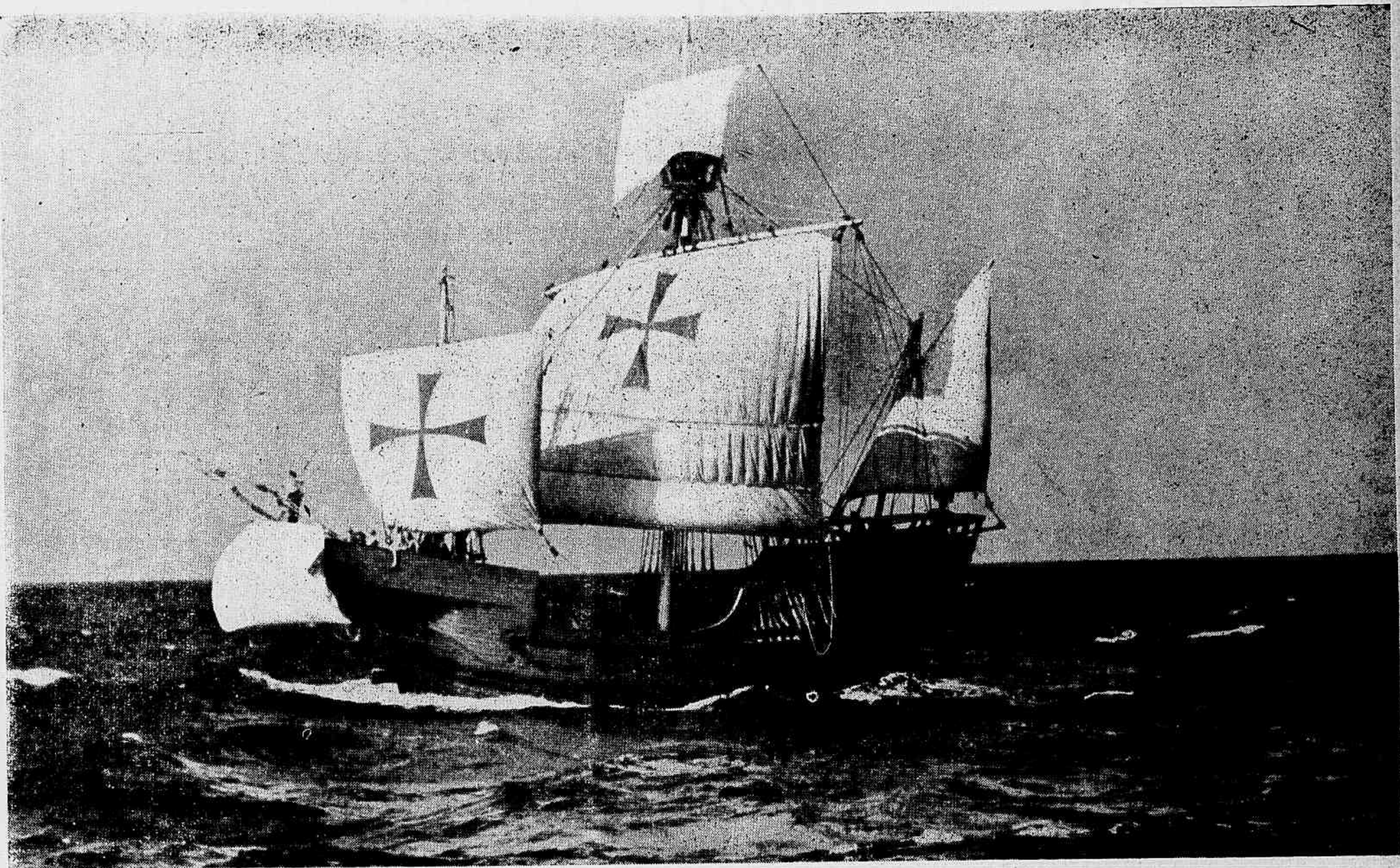


JAMES R. JUSTICE — "Martin Pinzon"



FLORENCE ELDRIDGE, que na vida real é a senhora Fredric March, faz no tecnicolor "Cristóvão Colombo", ao lado do marido, a figura famosa da Rainha Isabel da Espanha

1556 P. 49A



DE PALOS saiu Colombo para sua grande aventura. Eram três os seus navios. O galeão capitanea "Santa Maria" e as caravelas "Niña" e "Pinta", comandadas pelos Irmãos Pinzón

CRISTÓVÃO COLOMBO

ENQUANTO Cristóvão Colombo e sua esposa, Filipa, entretinham dois convidados, Corrêa da Cunha e Don Carlos Agüera, em sua casa de Porto Santo, numa das ilhas do arquipélago da Madeira, um veleiro de porte majestoso penetrou na pequena baía, a pouca distância daquele local.

Colombo interrompeu a exposição que vinha fazendo aos seus convidados, na qual deixava antever a ambição que o dominava de descobrir novas terras, cruzando os mares por

caminhos até então ignorados — a nova rota em demanda do Oriente pelo Ocidente, segredo só dele conhecido — e se dirigiu à praia, em companhia de seu filho Diego.

Ali, desembarcados há pouco, estavam os homens do veleiro. Um deles, Sanchez, falou-lhe entusiasmado do que tinham sido os 28 dias de viagem de sua escuna em direção ao Oeste. Entregou-lhe um mapa, com o traçado da rota percorrida. A determinação de Colombo era tão forte quanto o seu ardente desejo de desvendar a

nova rota (ele pensava alcançar a Índia das especiarias pelo Ocidente).

Com a morte da esposa, Colombo e seu filho Diego, alguns anos mais tarde, abandonam a ilha e se dirigem à Espanha, onde procuram junto à Corte obter os suprimentos necessários para o empreendimento que têm em vista.

No mosteiro de Rabida, onde pernoitam, Colombo faz uma exposição sucinta de suas teorias ao prior da Irmandade, padre Perez. Como confessor da rainha Isabel da Espanha,

padre Perez anima-o a procurá-la, entregando-lhe uma carta de apresentação para Juana de Torres, confidente da rainha e governanta do príncipe infante, oferecendo-se para cuidar do jovem Diego, enquanto Colombo se desincumbisse de sua missão. Colombo aceitou agradecido o oferecimento e se dirige sozinho à Corte espanhola, em Alcazar, na província de Cordova.

Apresenta-se a Juana de Torre, e ali encontra Francisco de Bobadilla, tipo ostensivamente pomposo, um in-



FREDRICH MARCH (Colombo) e Kathleen Ryan numa cena de "Cristóvão Colombo". Kathleen faz a figura de Beatriz de Arana, sobrinha de Diego, e segunda esposa do descobridor da América



UMA CENA de "Cristóvão Colombo", aparecendo Fredrie March e o pequeno David Cole, que interpreta Diego Colombo, filho do navegador com sua primeira mulher, filha do navegador Perestrelo



O GRANDE ALMIRANTE Interpretado pelo excelente ator Fredric March, duas vezes premiado pela Academia de Ciências e Artes de Hollywood ("O médico e o monstro" e "Os melhores anos de nossa vida"). A nova biografia cinematográfica de Colombo foi fotografada em technicolor

trigante da Corte, em quem logo reconhece o antagonista temível. Juana, no entanto, prestimosa e amável, obtém com facilidade uma audiência para Colombo, com o rei Fernando e a rainha Isabel. Enquanto a rainha procura ser condescendente, o rei ridiculariza suas teorias e o despede bruscamente.

Mas Isabel resolve conceder uma entrevista a Colombo, em seus aposentos particulares, tendo o genovês a oportunidade de dizer-lhe que poderia oferecer aos soberanos de Castela e Aragão "um império tão vasto, com que até então nenhum monarca jamais havia sonhado".

A rainha prometeu-lhe que os seus planos seriam devidamente estudados por uma corte especial.

Diante de uma comissão real composta de treze membros, presidida por uma alta autoridade eclesiástica, Talavera, e incluindo o chanceler do Tesouro, Luis de Santangel, e também Francisco de Bobadilla, Cristóvão Colombo expôs suas teorias. A Corte

ouviu-o atentamente e deu início às deliberações. Três anos mais tarde nenhuma solução tinha sido dada ainda ao assunto. A impaciência consumia o irrequieto navegador.

Procurando a rainha para pedir-lhe maior pressa nos trabalhos da Comissão Real, Colombo conheceu Beatriz de Peraza. Viúva lindíssima e prima de Bobadilla, Beatriz havia sido mandada dez anos antes para as Ilhas Canárias, por ordem expressa da rainha, ao descobrir suas ligações amorosas com o rei. Beatriz interessou-se vivamente por Colombo.

Quando o genovês começava a desanimar, eis que vem a conhecer também um jovem espanhol, Diego de Arana, que lhe convida para tomar parte na festa que pretende realizar para comemorar a sua recente nomeação como tabelião. A princípio Colombo pensa em recusar o convite; mas, ao pensar que o jovem Arana talvez tivesse alguma influência na Corte espanhola, resolve ir à festa. Na casa de Arana, Colombo vem a

ELENCO	
Colombo	FREDRIC MARCH
Rainha Isabel	FLORENCE ELDRIDGE
Beatriz de Arana	KATHLEEN RYAN
Beatriz de Peraza	LINDEN TRAVLERS
Diego de Arana	DEREK BOND
Padre Perez	FELIX AYLNER
Martin Pinzón	JAMES R. JUSTICE
Juana de Torres	NORA SWINBURNE
Filipa	SONIA HOLM
Rei Fernando	FRANCIS LISTER
Vincente Pinzón	RICHARD AHERNE
Francisco de Bobadilla	FRANCIS L. SULLIVAN
Talavera	RONALD ADAM
Sanchez	ARTHUR HAMBLING
Don Carlos Agüera	LESLIE PERRINS
Diego Colombo	DAVID COLE
Juan de la Cosa	NIALL MacGINNIS
Francisco Pinzón	DENNIS VANCE
Pedro	EDWARD RIGBY
Luis de Santangel	ABRAHAM SOFAER
Lope	LYN EVANS
Almirante	BUY LE FEUVRE
Porter	ERNEST BUTCHER

Um filme de J. A. Rank ★ Produção Sydney Box, produzida por Frank Bundy ★ "Screen-play" de Muriel e Sydney Box ★ Direção de David MacDonald ★ Fotografado em technicolor ★ Apresentação da Universal-International

conhecer uma sobrinha de Diego, a bela Beatriz de Arana. Colombo é convidado a permanecer na casa do novo amigo até que a Corte se decida a financiar sua empreitada. Aceitou o oferecimento, e prometeu a Diego que ele o acompanharia nas suas viagens futuras.

Na casa dos arredores de Cordova, Colombo, Diego e Beatriz (a moça revela grande fascinação pela aventura de Colombo) traçam os planos para o grande empreendimento.

Nos domínios da Corte, Bobadilla vê na crescente amizade entre Colombo e a viúva Beatriz de Peraza uma chance que ele pode muito bem aproveitar, prevenindo a descoberta de novas terras e o estabelecimento de novo caminho pelos mares, para os seus planos de domínio sobre as Ilhas Canárias. Induz a jovem viúva a casar-se com Colombo, despertando-lhe a ambição. Ao jovem navegante tenta persuadi-lo a propor casamento a Beatriz, como única solução para acabar com certos murmúrios da Corte. Bobadilla procura, sutilmente, descobrir as verdadeiras intenções de Colombo, tentando arrancar-lhe os segredos das rotas marítimas. Colombo, todavia, mostra-se prudente, declarando que seu único objetivo em "cruzar os mares, na direção do oeste, era chegar à Índia".

No pátio do Palácio de Oranges, enquanto espera por Colombo, Beatriz é surpreendida pelo rei Fernando que tenta abraçá-la, mesmo contra a vontade da moça. Colombo surge neste momento, e quando o rei começava a falar, aparece a rainha Isabel e põe termo ao incidente.

A rainha ordena o regresso de Bea-

triz para as Canárias e Bobadilla informa a Colombo que ele deve deixar de frequentar a Corte. Colombo, agora, cada vez mais se deixa assustar pela presença da sobrinha de Diego. A noite, numa estalagem próxima, Beatriz de Arana previne Colombo de que Bobadilla havia escolhido oito homens para o prender e roga-lhe que tente fugir. Mas todas as saídas da estalagem estavam tomadas, e Colombo via-se impossibilitado de escapar. Beatriz consegue ludibriar os homens de Bobadilla, salvando a vida do navegador que, reconhecido, beija ardentemente a moça.

Colombo retorna, então, a Rabida. Havia cinco anos que tinha deixado seu filho. Padre Perez fica surpreso e ao mesmo tempo indignado com o tratamento dado na Corte a Colombo, e se decide a procurar os soberanos, que se haviam mudado para Santa Fé, para junto dos exércitos que assediavam Granada. Padre Perez, inflamado, diz à rainha que se a Corte não se dispuser a ajudar Colombo no seu empreendimento, ele, padre Perez, se transferirá para a Corte de França.

Diante de nova Comissão Real, Colombo expõe, pela última vez, os seus planos. Mas insiste como recompensa pelas possíveis descobertas de novas terras uma terça parte das ditas terras a conquistar e dos tesouros que por ventura lá encontrasse, além do título de almirante e do posto de vice-rei das novas possessões espanholas.

Os monarcas acham exagerada a pretensão de Colombo, e sugerem-lhe que procure a Corte de França. Padre Perez e Santangel conseguem per-

(Continua na pág. 50)



A esquerda: QUANDO os espanhóis descenderam na nova terra, a primeira coisa que fizeram foi plantar a cruz do catolicismo e reservar para o reinocatólico da grande Espanha os direitos sobre o novo mundo descoberto. O Grande Almirante chamou então de San Salvador a terra que acabava de descobrir. Era dia de outubro e Colombo havia chegado a Guanahani, uma das ilhas Baamas.
A direita: TERRA, TERRA. No castelo de proa do galeão "Santa Maria", Colombo aponta para seus companheiros Diego de Arana e Juan de la Cosa o mundo que acabavam de descobrir... A América...

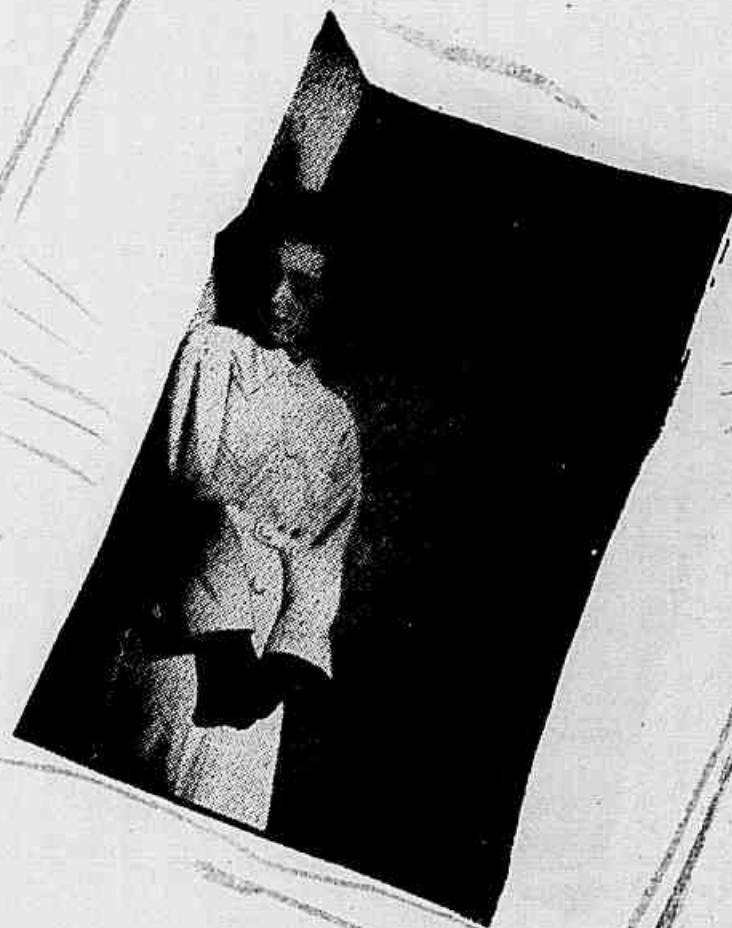


FREDRIC MARCH na caracteri-
zação de Cristóvão Colombo, no
filme do mesmo nome que a In-
glaterra produziu como uma ho-
menagem ao grande navegador
genovês, descobridor da América

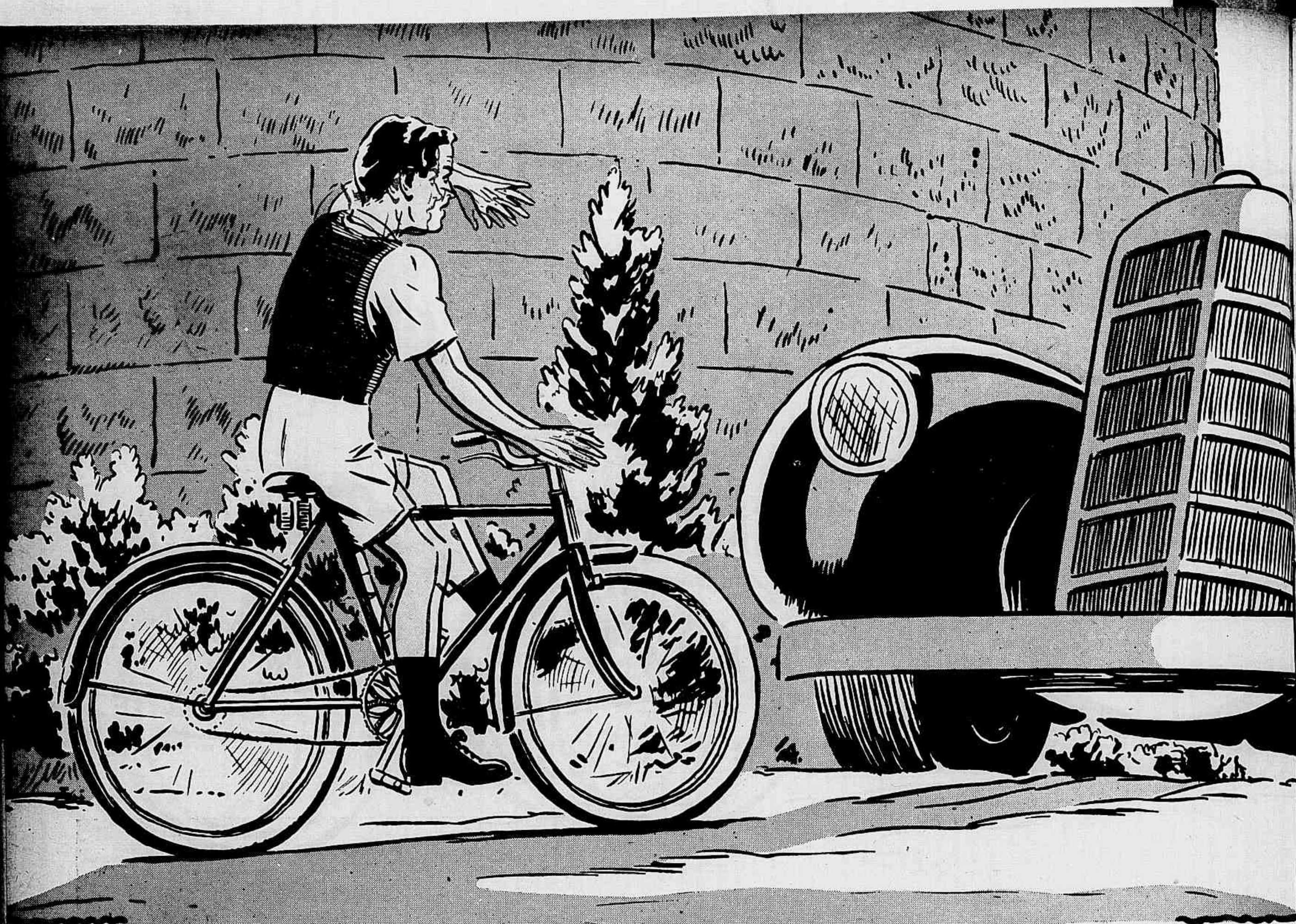
ISSC. P. 45A



Saillors



S i bem que de aspectos diversos, o "tailleur" conserva, no entanto, a mesma distinção a mesma "classe". Atualmente, volta a ser peça indispensável no guarda-roupa da mulher elegante e, outra coisa não poderia acontecer, pois não se admitia que um traje tão prático, tão fino e tão elegante ficasse esquecido durante muito tempo. Os modelos aqui apresentados, são de Worth, Molyneux, Lanvin, Jaques Fath, Maggy Rouff, etc.



LOGO de chegada pressenti qualquer coisa de anormal no jeito esquivo de titia, quando lhe perguntei por Elza. Fugia com os olhos, falava por alto: — Elza não está muito bem, mas não se preocupe, minha filha, não se preocupe.

Atarefada com a bagagem, não insisti, embora notasse algo de muito estranho em tudo aquilo. Soube depois que titia não entrara logo em detalhes com receio de ferir a minha sensibilidade emotiva. Sabia o quanto eu estimava Elza, como sempre fomos amigas — talvez desde o nosso primeiro momento consciente — e quisera me poupar a um choque maior.

No carro foi que vim a saber. Eu perguntara sobre o concerto do menino e titia me olhou nos olhos, grave e positiva: — Não haverá concerto, Letícia.

Não compreendi logo:

— Mas como, titia! Não é possível! Um sonho tão velho em Elza, não posso crer! Até abreviei a viagem por causa deste acontecimento!

Titia muda. Instei com veemência e, de repente, seus olhos brilharam úmidos, a boca tremeu para dizer em desespero:

— Ora, Letícia, foi tudo tão triste, nem tive coragem de avisar você, nem tive, minha filha!

E já chorando francamente, decididamente:

— Mas é preciso que saiba logo. O menino está comigo lá em casa... Elza foi internada há poucos dias no hospital de alienados. Enlouqueceu, Letícia, enlouqueceu!

★

Aquilo para mim teve a força de uma catástrofe. Algo se partia, se desintegrava em meu íntimo. Passei uma porção de tempo trancada na biblioteca procurando acertar as idéias. Minha cabeça rodava, sentia a boca amarga. Jogada na velha cadeira de mogno que fora de vovó, fiquei ajeitando os pensamentos, consertando a confusão da surpresa. A história de Elza era terrível. Seu aspecto mais deprimente ainda. Meu primeiro gesto fora correr ao hospício para vê-la, na vã esperança de que me reconhecesse e eu pudesse fazer algo por sua salvação. Inútil. Nem parecia a mesma Elza delicada e bela que há bem pouco tempo ainda se dirigia a gente falando no filho:

VELHO SONHO

— Letícia querida, Marcelinho vai ser um sucesso. Imagine você que ontem tocou de cor a Rapsódia de Liszt nº 11, todinha sem erro! Um prodígio!

E imaginava já o dia do concerto, com entusiasmo:

— O programa deverá anunciar com letras bem nítidas: "Concerto pelo menor pianista brasileiro do momento, Marcelo Pontes, que se exhibe no Rio, pela primeira vez, aos onze anos de idade".

E vaticinava um futuro brilhante para o menino, aliás bastante merecido, dizia ela, porque eu bem sabia dos sacrifícios que ela, Elza, vinha fazendo por esse filho desde que lhe descobriu o talento. E era verdade. Muito sofrera por causa do seu ideal, passara até privações logo da morte do marido, só para pagar os estudos do menino.

Agora eu me lembrava do seu temperamento vibrátil e de como, por vezes, se tornava estranhamente soturna, entregue dias e dias a um alheamento obstinado. Se a gente a procurava, encontrava-a sem o velho estilo de sempre, atirada em algum canto, pessimista como só:

— Letícia, tenho às vezes impressão de que a vida não vale nada. Penso mesmo que não devo desejar as estrelas todas, quando já possuo a lua. Mas você sabe, apesar de tudo, meu filho é meu mundo, só tenho a ele... E se falhar... creio que estará tudo acabado.

Eu fazia por elevar-lhe o moral:

— Ora, Elza, que bobagem! Não vejo motivo para essas divagações. O menino é um talento, tem todas as possibilidades de vencer. Pra que preocupar-se dessa maneira, filha...

Dava de ombros, fazia muchôco:

— Não sei, Letícia. Não tenho culpa. São fases...

Lembrando agora, eu me perguntava se aquelas quedas de seu espírito não seriam já a sombra de um negro vaticínio, o resultado de uma forte intuição. O médico me dissera:

— Ela sofreu uma comoção brutal com o acidente. Culminou naturalmente, alguns dias mais tarde, como a senhora já deve ter sido informada...

— Não sei de nada, doutor. Venho chegando de viagem. Meu primeiro impulso foi vir até cá e ver se poderia me tornar útil a Elza...

Ele brincava com o lápis sobre a mesa:

— Não... Infelizmente não há remédio. A senhora bem viu o estado de sua amiga.

Confirmei com a cabeça, assoei os restos do pranto, discretamente. Tinha sido aquilo mesmo. Nem me deixaram entrar; apenas olhei-a da porta, através da grade. E quando dera com ela sentada à beira da cama com a mão direita retendo a esquerda pelo pulso, e gritando alucinada aquela porção de coisas que me fizeram antever a sua tragédia, compreendi o irremediável. Então veio-me a sede de saber o ocorrido. Voltei para casa angustiada, fiz titia me contar tudo, tudo, bem como acontecera.

★

De olhos cerrados agora eu não cessava de rever a cena, de imaginar o quadro em todas as suas cores verdadeiras. Via Marcelinho outra vez no parque, feliz na sua bicicleta nova, rodando pelos caminhos de sombra. Elza com o pequeno círculo de amigas laboriosas, às voltas com seus maravilhosos trabalhos de agulha. A vitrola

infalivelmente ao lado, no relvado, e o disco a girar a Sonata ao Luar de Beethoven na interpretação magnífica do menino. Aquela devia ser uma das suas belas tardes semanais de que só as amigas mais íntimas participavam. Posso imaginar perfeitamente, lucidamente a cena, como se tivesse estado presente. Sei como era Elza com suas atenções para com o filho, e acredito que não deixaria de lhe recomendar a cada instante:

— Marcelo, cuidado, não vá pela ladeira, não saia do parque...

Bicicleta nova, menino vivo sempre amarrado aos estudos, folgando na tarde livre. Era natural que não prestasse muita atenção ao cuidado da mãe e, até, que não visse o caminhão de carga subindo, pesadão, na curva da ladeira... Quando Elza ouviu o grito, largou tudo, ergueu-se de choque, o sangue a lhe fugir todo para o coração. E tenho convicção de que, num presentimento materno, só fazia exclamar:

— Meu Deus, as mãos de meu filho! As mãos divinas de meu filho!

Depois, as horas de opressão, a espera da decisão final do médico. A longa vigília e a solução tenebrosa:

— Madame, seu filho está fora de perigo. Mas a mão, infelizmente... a mão...

A comoção, o desmaio, noites e noites de angústia, de sofrimento, e desespero inconcebível. Vejo Elza chorando, ouço-a gritar, imagino-a agarrada ao menino no leito branco do hospital. Sei que a arrancavam com energia, que lhe ministravam sedativos, e também sei dos dias de tortura, das noites de aflição a se debater na cama, a cabeça estalando, o corpo molido, sem consólio, todos os sonhos perdidos, todas as ambições de mãe soterradas. E escombros, só escombros.

— Não, não! Meu filho precisa da mão, das duas mãos! O concerto já está marcado, ele não pode falhar! Não pode, não pode!

Depois o acontecimento horrível com a volta de Marcelo ao apartamento. Sua alminha abrangendo a tragédia através dos lamentos da mãe. Do quarto ouve-lhe o eterno queixume, a forma desesperada como se dirige aos amigos que foram consolá-la:

— Está tudo acabado! Tudo acabado!

CONTO DE LOIVA LEIRIA BORBA
ILUSTRAÇÃO DE RENATO SOUZA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

(Continua na pág. 46)

**ESTA'
AO SEU ALCANCE
ESTE MARAVILHOSO
INSTRUMENTO!**



SCHWARTZMANN oferece uma magnífica oportunidade para adquirir o piano consagrado pelos grandes artistas, pela sua alta classe. Visite suas lojas e exposições ou, se possível, sua fábrica, para apreciar a sonoridade perfeita e o primoroso acabamento dos pianos **SCHWARTZMANN**. Peça detalhes sobre o seu plano de vendas a prazo, pessoalmente ou por carta, por intermédio do cupão abaixo.



**DUPLA REPETIÇÃO
TECLADO COMPLETO (88 notas)
TRÊS PEDAIS - CORDAS CRUZADAS**

SCHWARTZMANN

Fábrica e Escritório central:

Avenida Agua Branca, 524 • Fone: 51-6981 • SÃO PAULO



Publitéc 06

Pianos **SCHWARTZMANN**
Avenida Agua Branca, 524 — São Paulo
Peço enviar-me detalhes sobre seus planos de venda.

Nome:

Rua:

Cidade:

Estado:

Lojas e Exposições:

RIO: Av. Rio Branco, 257-A

Fone: 32-7522

S. PAULO: Av. Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478

R. Xav. Toiedo, 272 • Fone: 4-1459

HA joalheiros e inúmeras casas de jóias por toda Lisboa. Em proporção ao tamanho é a cidade que possui maior número desses negócios. Todas as ourivesarias têm grande sortimento de anéis, medalhas e cordões de ouro de 19½ quilates. O ouro empregado nas jóias é unicamente do tipo 80% puro, ao passo que no Brasil usamos 18 quilates e nos Estados Unidos 14. Agora é que estamos vendo por que os portugueses no Brasil enchem a boca quando falam em ouro do Porto. Porque realmente é mais puro do que qualquer outro empregado em jóias.

Perguntamos a um amigo que trabalha com jóias o motivo dessa abundância de ourivesarias em Lisboa. Explicou-nos ele que, em Portugal, quando uma pessoa faz anos, não lhe mandam cestas de flores, nem coisas de pouca duração. Os presentes, geralmente, são de real valor. Uma bandeja de prata, um colar de ouro, uma medalha, uma pulseira — tudo de ouro ou de prata, conforme as possibilidades. Ao batizar uma criança os padrinhos mandam objetos de ouro e os parentes também. O trabalhador vai juntando dinheiro e, logo que pode, adquire uma corrente, uma medalha e um relógio de ouro bom. Não compra cestas de vinho ou doces para dar de presente no Natal; dá jóias: ouro, prata, jóias e mais jóias. Por isso é que existem centenas de casas de jóias. As ruas mais centrais de Lisboa têm o nome de Áurea, Augusta,

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

tantemente e queríamos folgar um pouco. Estamos em pleno inverno. O sol é belo e poético, mas o vento sopra lá de fora da barra. E o sol não aquece muito, mesmo com o céu azul — um lindo azul português.

★

Anteontem fomos visitar o jardim zoológico. É uma das nossas especialidades, a visita de bichos. O de Lisboa é grande, bem sortido, muito bem tratado, com belas matas para piqueniques e passeios. Quase todos os bichos são expostos em casais, e, talvez porque o dia estava uma beleza, os animais compartilhavam conosco a alegria do viver.

Sentimos não ter levado a máquina fotográfica para guardar as posições dos urso por exemplo. Havi um casal, todo chegado, um ao outro, como um par de namorados e, de quando em quando, a "moça" urso fazia umas carícias com as grandes patas na cara do "rapaz" urso. Esta-

Ontem, fomos visitar o palácio de Queluz, com mais ou menos 200 anos. É algo no estilo do Fontainebleau, porém mais simples e menor. Vimos o quarto e a cama onde nasceu e faleceu D. Pedro I. O rei D. João VI e Dona Carlota Joaquina residiram nesse palácio, de modo que é muito ligado à nossa história. Está muito bem conservado sob todos os aspectos. Varselhes e Fontainebleau não estão melhor cuidados do que este. Visitamos todos os salões principais, inclusive o enorme salão de baile, onde, de vez em quando, ainda dão festas importantes. Os belos jardins são tratados e, com este inverno ameno de Lisboa, havia algumas flores.

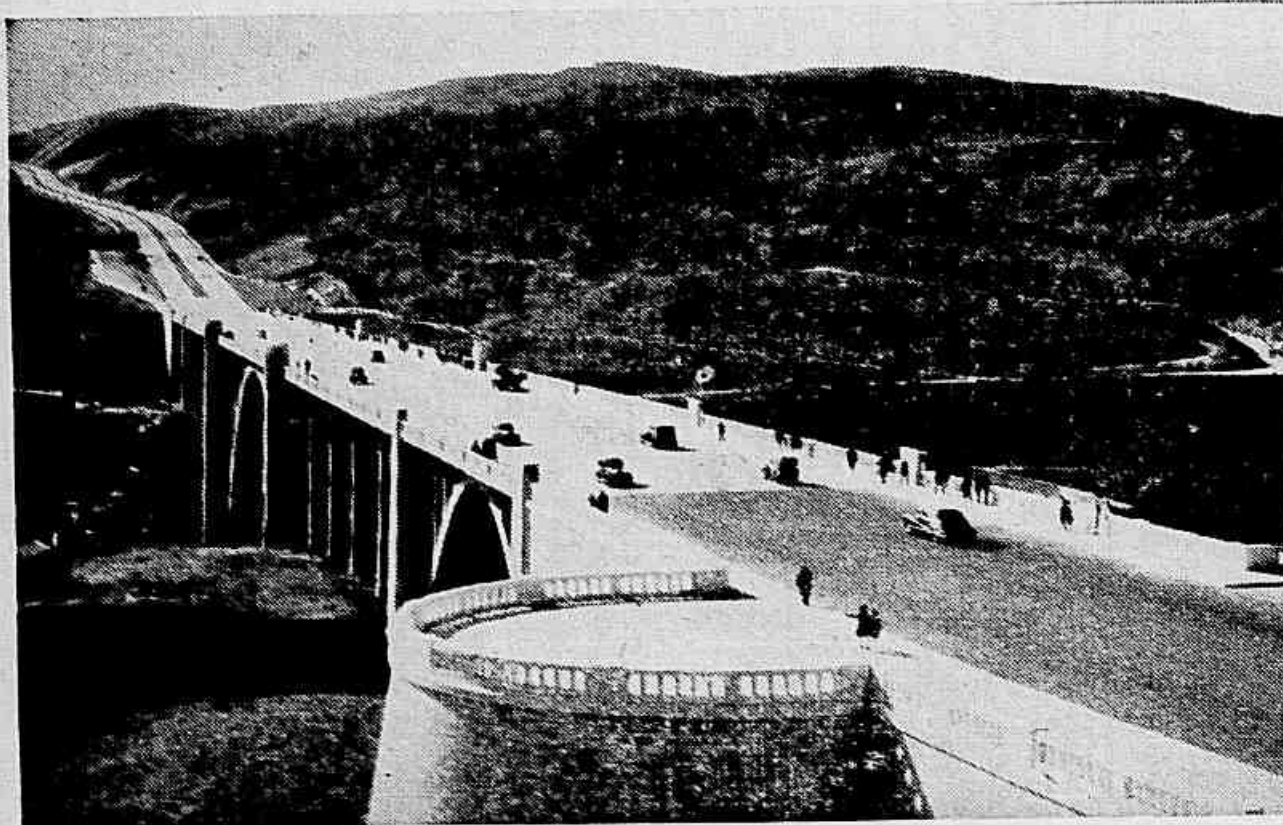
De Queluz rumamos a Sintra. Aliás, preferimos escrever Cintra. A cidade é construída na encosta da serra, bastante íngreme. Paramos para comprar as célebres queijadinhos da Periquita. A confeitaria estava cheia de compradores, tanto de gente de fora, como nós, como também dos habitantes locais. Isso novamente confirma o ve-

tamos umas 4 horas de automóvel. Um belo passeio que nos proporcionou um velho amigo do Rio, colocando-nos o seu carro à nossa disposição, tendo antes nos levado a almoçar num excelente restaurante no Campo Grande ao lado de um bonito lago.

Tínhamos, em tempos idos, bons fósforos, honestos, bem feitos, que acendiam sempre e com a quantidade exata marcada nas caixinhas. Em certos países da Europa, como em Portugal, ainda é assim. Nos outros países, infelizmente, para se acender um charuto é necessário riscar-se três ou quatro palitos. Até mesmo o de Churchill não há de escapar disto...

Das grandes cidades que conhecemos, Lisboa é a mais policiada de todas; em segundo lugar colocaremos Buenos Aires. Londres, que sempre teve fama, acha-se agora em grandes dificuldades, pois lhe faltam alguns milhares de guardas. O assunto já foi debatido no Parlamento em dezembro.

O Rio tem muita fama nos Estados Unidos, devido à sua beleza natural, ao carnaval e às pedrinhas brancas e pretas nas calçadas da avenida Rio Branco e algumas outras. O turista anda fotografando aquilo constantemente. Em Lisboa quase todas as avenidas e ruas são calçadas dessa maneira, o que lhe dá muita graça. Ontem andamos passeando por bairros longínquos e, mesmo por lá, as cal-



A esquerda: Pelo interior de Portugal há boas estradas de rodagem, facilitando o escoamento dos produtos agrícolas dos centros produtores para as grandes cidades além de serem utilizadas pelos autos e ônibus de passeio. A direita: As novas e amplas estradas de concreto atravessam Portugal por todos os lados. Na fotografia observamos uma das novas zonas residenciais de Lisboa, com uma parte das modernas rodovias de recente construção

da Prata... As joalherias acompanham, naturalmente, as casas de penhores espalhadas por esta linda Lisboa, por todos os cantos, em lojas térreas e em sobrados. Além do estabelecimento oficial do Governo, há casas particulares de penhores.

★

Há muitos salões de bilhar espalhados pelas sete colinas desta cidade. Bem montados, até mesmo com luxo, repletos de fregueses, que não só jogam bilhar mas consomem doces, café e aperitivos, servidos por pessoal bem uniformizado e decente. Serviço sanitário ótimo, mantido escrupulosamente estado de asseio constante. Os "comandos" aqui iriam passar o tempo jogando bilhar, pois teriam muito pouco o que fazer. As grandes casas de bilhar cobram Cr\$ 8,00 por hora. "Snooker" não há por aqui ainda, mas há de chegar o seu dia. Nós mesmos vamos fazer força para introduzi-lo aqui.

Lisboa nos permitiu andar sem sobretudo até ontem, quando apareceu um vento frio e cortante, primo do nosso pampeiro do Rio Grande do Sul, que entra pela roupa a dentro e esfria o camarada.

Somos agora obrigados a andar com sobretudo, o que não é agradável, pois há seis meses que o temos usado cons-

vam ali, alegres, satisfeitos, namorando um ao outro. Os macacos também eram um encanto de amabilidades. Mas, como se fossem gente, namorando-se como o casal mais embevecido na Biquinha de São Vicente ou no banco da praia de Copacabana, à noite.

Não queremos continuar escrevendo os amores dos irracionais, pois estes bilhetes não são longos, mas imagine-se o que era, num belo dia de sol, aquele paraíso de leões, tigres, raposas, elefantes, focas, papagaios, araras, periquitos e girafas. Nunca havíamos visto um jardim zoológico tão interessante como este de Lisboa. Há uma seção especial de cães e, entre eles, vimos um que chamou a atenção de Olegário Mariano de tal maneira que o nosso poeta lhe fez uma bela poesia — poesia essa colocada ao lado do canil do fiel amigo. Há também um cemitério para cães e gatos, lendo-se, em quase todas as sepulturas, palavras mui carinhosas dos donos aos amigos que não mais existem.

Disseram-nos que o jardim é de uma sociedade particular, assim como foi o antigo Zoo do Rio e o de São Paulo (Aclimação). Cobram Cr\$ 5,00 de entrada e, realmente, vale mais, pois temos pago quantias superiores para visitar lugares menos interessantes.

lho ditado de Emerson: "Faz um bom artigo, melhor do que o dos outros, que o mundo baterá às tuas portas!"...

No ponto mais alto das montanhas, lá numas enormes pedras, tal como ninho de condor, fica situado o velho mosteiro ou castelo. Toda a região montanhosa é coberta por espessa floresta, o que torna o passeio muito mais agradável. Há excelentes quintas e residências pelo caminho asfaltado. Dá uma idéia da estrada da Tijuca, no Rio; mas parece ser ainda mais elevada. É sem dúvida muito mais do que a Cantareira, em São Paulo.

A seguir demos um longo passeio pelas redondezas e rumamos às praias belíssimas da costa do sol.

Perto de Cascais há vários sanatórios para tuberculosos. Não é preciso dizer que a irradiação solar nesse ponto é maravilhosamente boa para a cura da tuberculose. A gente sente isso!...

Nestes lindos dias de inverno, o sol nos acaricia e agrada de tal modo que sentimos, mesmo sem querer, a alegria do viver. Não sabemos por que há aquele versinho tão conhecido no Brasil: "Uma vez a Cascais, e nunca mais!..." Quanto a nós, sempre diremos que gostaríamos muito de lá voltar.

Depois de Estoril, passamos por Santo Amaro, Caxias e Santos! Gas-

çadas todas são de pedrinhas brancas e pretas como na avenida da Liberdade.

Estivemos numa pitoresca povoação chamada Carnide, perto do centro, com ótimo serviço de bondes. Caminhamos pelos campos vizinhos e vimos várias quintas. Quase que bate-mos nalguma porta para pedir licença e visitá-las. Parece que a gente não veio a Portugal se deixa de visitar ao menos uma quinta. Havemos de ver algumas por dentro. Os portugueses no Brasil falam tanto delas que pareceria feio se voltássemos confessando de cabeça baixa que não tomamos uma ou duas canecas de bom vinho na adega de uma quinta!... Esse crime não cometeremos!

Ontem à noite voltamos ao Estoril. No cassino havia baile. Muita gente. Regressamos pela madrugada. O trem estava repleto — ótimos carros, tudo limpinho, bem iluminado, como na Paulista. Um grupo de moças e rapazes vinha alegremente, cantando Brasil!... Brasil!...

Em muitos pontos da cidade encontram-se revistas brasileiras à venda, inclusive, naturalmente, a REVISTA DA SEMANA, e em algumas livrarias há também livros brasileiros. "Olhai os lírios do campo", de Veríssimo, é o livro mais geralmente exposto nas vitrines.

ANEMIA
DEBILIDADE
CLOROSE



O grande restaurador dos organismos
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS
Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

GRANADO

Preparado com
hemoglobina pura retirada do
SANGUE DE BOVINOS.

CASPA QÜEDA DOS CABELOS CALVICIE

JUVENTUDE ALEXANDRE

Evita a queda dos CABELOS
Evita os CABELOS BRANCOS
Evita a prematura CALVICIE

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus



USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



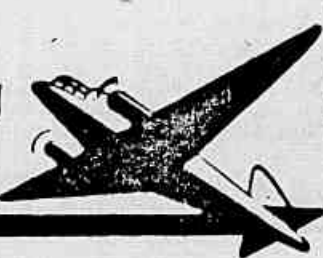
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME
RUA Nº
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180, Sala 502 — Telef.: 3-2649

PELAS estradas do CEU

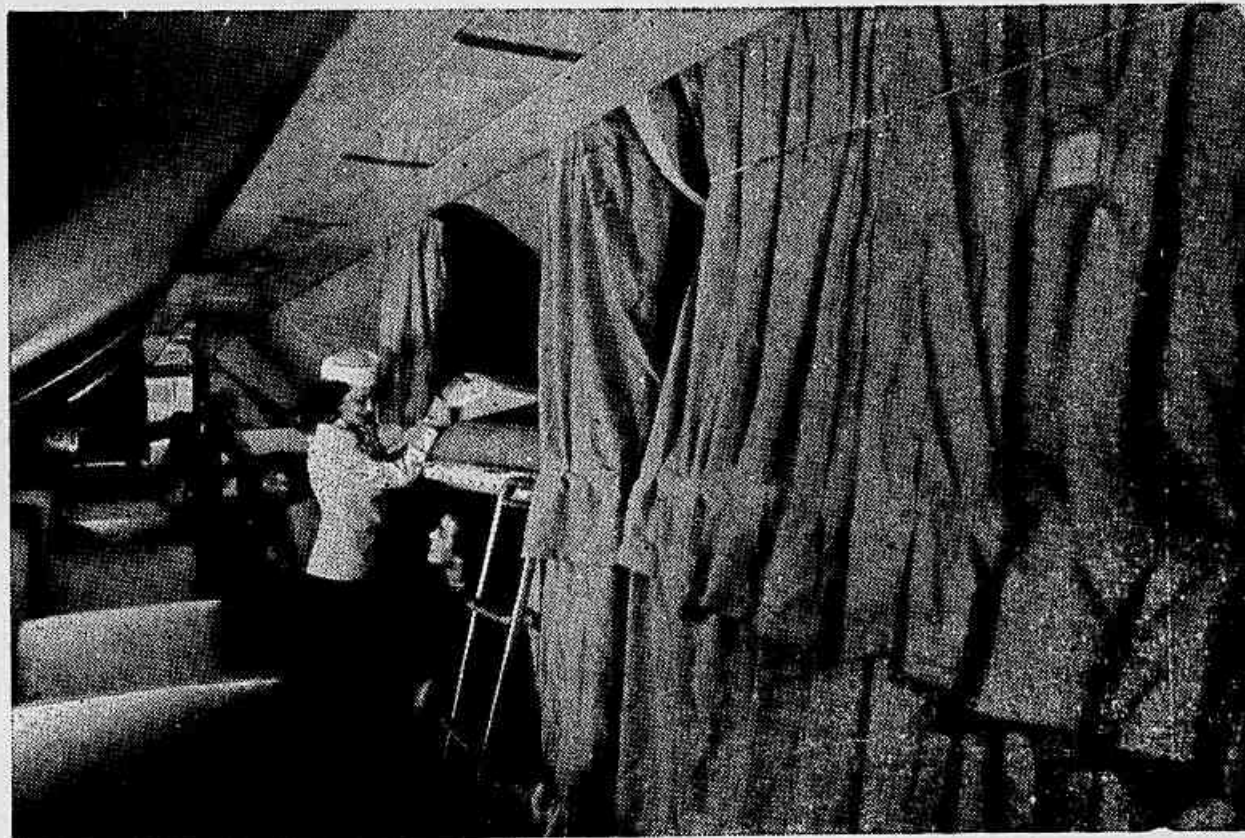


ANDRÉ MAX

GRAÇAS ao espírito de iniciativa, de audácia e dedicação dos brasileiros, já não estamos em posição tão baixa em matéria de transportes aéreos em comparação com outros povos dos mais adiantados do mundo. Faz pouco tempo partiam desta capital para a Europa delegados brasileiros para a Assembléia da O.N.U. (Organização das Nações Unidas), a bordo de um Constellation de quatro motores da frota "Bandeirantes" da Panair, lá da grande pista do Galeão.

Esse vôo que se tornou memorável, serviu ainda para inaugurar a nova linha da aeronáutica brasileira, Rio-Zurich, na Suíça.

Se não possuímos ainda aviões de maior tipo, os de que dispomos para as longas linhas internacionais, constituem a maior garantia de conforto, rapidez e segurança, todos eles dirigidos por pilotos brasileiros, rapazes novos que estão cumprindo uma performance digna de todos os elogios, como já se verificou com o aviador José Pontes Pinto de Mendonça, ao completar dez mil horas de vôo, dois milhões e seiscentos mil quilômetros, incluindo no feito memorável vôos em quadrimotores Constellations pelas rotas perigosas dos Andes, Pirineus e das Pirâmides do Egito.



Uma "aero-girl" preparando os leitos num dos grandes Constellations-dormitórios, em travessia entre a América e a Europa, num pulo sobre o Atlântico

Graças a esses triunfos, pode-se dizer hoje que as viagens nos grandes aviões surgidos depois da última guerra, oferecem as mesmas condições de conforto que encontramos nos transatlânticos.

Nos Constellations-Dormitórios os assentos podem ser convertidos em beliches. A capacidade desses gigantescos aviões varia segundo as exigências das Companhias que os utilizam.

Os construídos para a "Air France", por exemplo, conduzem 44 passageiros diurnos e têm beliches inferiores e superiores para 20. Os inferiores medem um metro e noventa e oito centímetros de comprimento, por um metro e seis centímetros de largura. Cada beliche possui um espelho, tomada para aparelho elétrico de barbear, cabide, etc. A sensação de conforto, de segurança, de higiene que se tem a bordo desses transatlânticos do espaço é completa, parecendo que estamos a bordo de grande navio de luxo a singrar as águas mansas de um rio ou lago.

Em virtude da solidez do Constellation e dos prévios estudos que foram feitos para suas rotas e altitudes, não há a menor trepidação ou percepção de instabilidade. Os passageiros viajam num ambiente de comodidade, conforto e confiança absoluta, como se estivessem a palestrar em suas alcovas domésticas ou a dormir tranquilamente em seus lares.

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3861 - Belo Horizonte

Modelo **BALLET-ZEFERINA**
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleabilíssima. Vaqueta marron e havana. De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo **WINDSOR**
Distinção, nobreza e durabilidade. Fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44 - Preço: Cr\$ 145,00

Modelo **ANABELA**
Garantia absoluta. Vaquilha, havana e marron, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo **NORMANDO**

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marron. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00



Modelo **CASTELO**

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44
Preço: Cr\$ 120,00

Modelo **SIDNEY**

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos querem. Inteiro e forrado. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



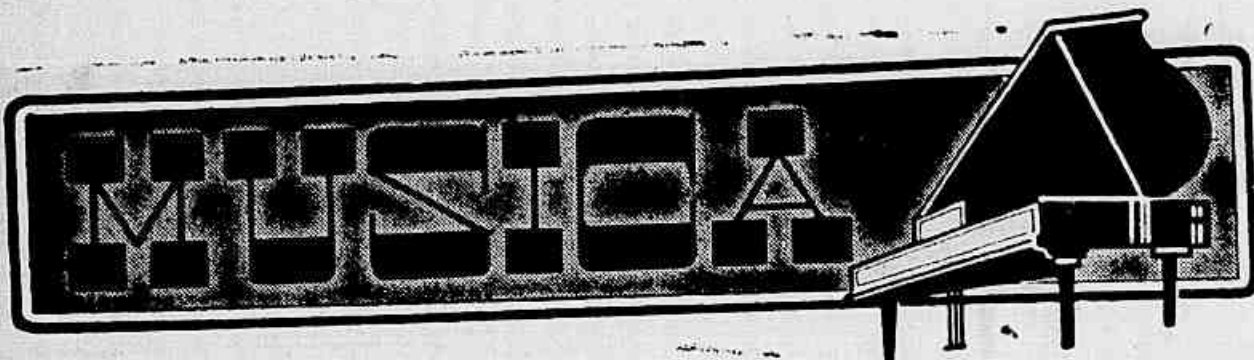
E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte



Freitas Branco com a Orquestra Sinfônica Brasileira ★ Música Francêsa e a ausência de Paul Paray ★ Ernesto Halffter

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Depois de Lamberto Baldi, a Orquestra Sinfônica Brasileira oferece, agora, uma série de concertos com o maestro Freitas Branco.

Trazendo-o ao Rio, não somente proporcionou ao público carioca a rara oportunidade de conhecer e aplaudir um grande regente português, como, na interpretação da esposa deste artista, a pianista Marie Antoinette Leveque, apresentou, com a Rapsódia Portuguesa, de Ernesto Halffter, uma das principais figuras da música espanhola contemporânea.

MÚSICA FRANCESA

Tendo feito prova de sua competência em qualquer terreno, no primeiro concerto, Freitas Branco compôs o programa do segundo, atendendo às exigências da sua sensibilidade e escolhendo obras cuja afinidade com seu espírito melhor o habilitam a pôr em jogo todos os seus recursos de intérprete.

Na música francesa contemporânea, sobretudo em Ravel, Freitas Branco encontra um veículo que se ajusta, perfeitamente, ao seu temperamento.

Aliás, antecipando sua visita, em virtude do cancelamento da viagem de Paul Paray, Freitas Branco destrói a possível contrariedade dos sócios da O. S. B. com soberba apresentação da música francesa. Ouvindo-o, já não se lastima tanto a ausência do colega de Paris que, à última hora, multiplicando as exigências, forçou a O. S. B. a desistir de sua dispendiosa presença na temporada de 1949...

ERNESTO HALFFTER

Associando de Falla, Ravel e Halffter, num único programa, Freitas Branco nos leva a estabelecer um paralelo entre esses três compositores. Halffter é considerado, na Espanha, discípulo de De Falla. E a obra deste tem um certo parentesco com a de



Ernesto Halffter

Ravel. Mas, apontados esses laços superficiais, que as unem, surgem logo os traços marcantes de três personalidades originais.

Não é difícil descobrir, em Ravel, sob a precisão e a nitidez clássica de sua obra, uma ligação com a vibração de De Falla, que trouxe a Espanha

para a música, através de uma depuração sempre maior que vai dando uma intensidade crescente à sua construção musical, desde o Amor Brujo, que Freitas Branco regeu, até o Retablo de Mestre Pedro, por exemplo. Também é possível mostrar que no Bolero, do francês, penetramos numa atmosfera semelhante, em certos pontos, à criada pelo espanhol de Falla, uma afinidade mais profunda do que o aspecto espanhol da peça e que se manifesta, também, no vigor ao mesmo tempo lúcido e apaixonado da orquestração da Valsa de Ravel.

Já na obra de Ernesto Halffter encontramos o eco das conquistas de De Falla. E, como observa um crítico, o mesmo caminho para um nacionalismo verdadeiro, substancial. Abandonado o rumo da simples transposição do tema folclórico, numa distorção erudita, De Falla caminhou, sempre, para estabelecer um estilo profundamente espanhol, de tal modo impregnado do sabor da terra e do povo, que dispensasse o mero aproveitamento dos aspectos superficiais do nacionalismo.

Aliás, se, de uma maneira geral, a obra de Halffter se situa dentro desse esforço de pintar, musicalmente, a Espanha, a obra apresentada por Freitas Branco, Rapsódia Portuguesa, ainda tem uma importância especial: representa um fator de aproximação musical entre Portugal e Espanha e assinala as relações entre a música dos dois países.

O REGENTE E A PIANISTA

Além do interesse despertado pelo programa, o concerto de Freitas Branco recomenda-se pela segurança da interpretação. O dinamismo do Concerto em Sol, o colorido nítido da Dafnis e Chloe, o brilho da Rapsódia Portuguesa, atingiram expressão destacada. Arguto, Freitas Branco soube captar as características essenciais de estilo de cada um dos compositores e apresentou-os cada um na sua originalidade evidente, apesar dos muitos pontos de contacto que suas obras apresentam.

No Batuque, de Lorenzo Fernandez conseguiu uma precisão rítmica extraordinária.

Não podemos deixar de assinalar, também, a atuação da sra. Marie Antoinette Leveque de Freitas Branco, pianista dotada de uma técnica brilhante e, como seu marido, intérprete fina, atenta à sutileza, ao matiz, que traí, no belo acabamento de suas execuções, a escola francesa em que se formou como artista.

Ficamos, assim, devendo à O.S.B. o prazer da audição de artistas excepcionais, figuras representativas da cultural musical portuguesa.

E vale a pena notar que, entregue a direção bem orientada, a Orquestra Sinfônica Brasileira, está, atualmente, numa fase de progresso e grandes realizações. Para confirmar esse ponto de vista, basta lembrar as suas atividades mais recentes e ler a lista de regentes que ela tem apresentado, conferindo o resultado desse contacto do conjunto com maestros competentes, nos concertos que tem proporcionado aos seus sócios.

A saúde do bebê

(Continuação da pág. 24)

à criança por intermédio da mulher; sem a infecção desta, primeiro, não haverá transmissão à criança. Porém toda mulher portadora da infecção lúética transmite-se, sempre, à criança. É fato bem apurado, isso, em medicina.

Esse diagnóstico deve ser baseado, salvo sinais clínicos muito claros, nas provas sorológicas (R. Wasserman, Kline e Kann). Não basta a aparência sã da mulher para excluir a hipótese. A existir lues nela, pode a criança apresentá-la sob a forma bastante diversa, inclusive lesões da pele e das mucosas, ao nascer; mas é também certo que muitas vezes é apenas visceral, situada nos órgãos profundos (daí aumento do fígado e baço, etc.), podendo, entretanto, assumir uma feição diversa de um a outro momento, ou imprimir um decurso diferente às molestias comuns da infância.

Como já acentuamos, os exames pre-natais oferecem sempre uma oportunidade para um exame geral da mulher, e nestas condições oferece margem muitas vezes para se prover quaisquer deficiências orgânicas maternas, mesmo latentes, entre as quais se destacam, em especial relevo, as doenças do aparelho respiratório e discrásicas (anemias, etc.), de tantas repercussões sobre a saúde e a própria vida do nascituro, que teriam sido evitadas se as mães das vezes.

VELHO SONHO

(Continuação da pág. 42)

Marcelo não poderá tocar nunca mais! Nunca mais!

E a decisão ingênua e terrível de levantar no meio da noite cambaleando, fraco ainda, o braço enrolado em gase e procurar o pequeno auditório que a mãe inventara para exibir o seu gênio aos amigos, andar vacilante por entre as cadeiras estofadas de cetim azul, parar diante do piano lindo e lustroso e, num arranco desesperado, erguer a tampa. E a mão sã a dedilhar nervosa pelo teclado enquanto o côto do outro braço envolto em gase, o pulso vazio, procura alucinadamente fazer o acompanhamento!

Sinto arrepios na pele, o drama do menino ofegante me passa todo inteirinho dentro do corpo. Sinto a angústia na mente, nos braços, nas mãos, nas vísceras, nos nervos. E tenho vontade de gritar, de bater em desespero no teclado, de arrancar também a gase, inutilmente à procura da mão perdida! Sinto tudo com tanto realismo como se houvesse acontecido comigo mesma, numa capacidade toda nova de sofrer fisicamente a tragédia de Marcelo... Logo acompanho os passos de Elza, o seu olhar silencioso assistindo aos restos da cena e, depois de tudo serenado, do médico ter aplicado uma injeção calmante no doentinho, de repente, com um ar sombrio, decidir positiva:

— Doutor, estou certa de que o senhor poderá salvar meu filho.

E erguendo o braço esquerdo:

— Minha mão de nada me serve, nunca aprendi música, não sei tocar piano. Peço-lhe que a ampute e enxerte no braço do meu filho...

Lembrando o gesto de Elza, posso agora pela mesma impressão de certeza achar também possível que a minha mão cortada possa trazer vibração, novamente, àquele côto sem vida. E me deixo penetrar daquela mesma calma, daquele delírio lento, suave, com que a minha pobre amiga tentava convencer o médico da sua decisão imprevista:

— O senhor de certo está achando minha mão grande de mais, doutor. Mas isso não faz mal. Marcelinho há de crescer e mais tarde servirá nele. Faça o que lhe peço, doutor, faça... Eu não preciso dessa mão. juro...

★

A tarde lá fora morre calmamente, num trespasse plácido de luz para sombra.

Vejo as horas. Quase sete... Elza na minha cabeça, perdida para sempre. O menino lá em cima, no quarto de hóspedes, muito fraco ainda para levantar. Penso que é meu dever zelar por ele no futuro. Ainda não o vi desde que cheguei. Dormia, não quis despertá-lo.

Levanto, meus dedos procuram o botão da luz, vou direito à porta. Titia já me esperava no alto da escada:

— O menino acordou. Quer ver você.

Vou subindo, falo com determinação:

— Creio que tenho uma nova missão a cumprir na terra.

Agora titia me acompanhando lado a lado, corredor a fora, muito atenta para minhas palavras:

— Surgiu o meu momento de provação, titia. Preciso reeducar o menino, guiá-lo para outra vida, ensiná-lo para outros ideais. O que passou foi sonho, pesadelo, não deve ser motivo de inibições nem complexos no futuro.

Mal titia preme a maçaneta da porta, digo ainda muito baixo, a fim de que lá de dentro ele não me escute:

— Há de aprender com o tempo que não se vive só pelas mãos...

E inventando às pressas um sorriso tranqüilo, entro no quarto decidida.

O PASSADO DE UMA ESPÓSA

(Continuação da pág. 18)

para Paris. Contudo, isso resultaria em aumentar de posição. Uma permanência em Paris me poderia fornecer muita experiência. Tinha eu então vinte anos e estava farta de minha vida monótona e cheia de dificuldades.

Zarpamos ao anoitecer. Tinha eu em meu camarote, por companheira, uma professora já velha que começou a queixar-se de tudo mal o navio largou. Ao ver-me vestida levemente, não se conteve:

— Pegará um resfriado se sair assim com essa roupa de verão... Além do mais poderá despertar suspeitas de que está provocando os passageiros...

— Correrai o risco — respondi-lhe a rir. — E quanto ao resto, não inspirarei nem a metade do que outras inspiram.

A velhota me lançou um olhar de censura e franziu a testa, desaprovando. Ao ver-me, Júlio se encheu de admiração e eu de certa vaidade. Era agradável ser admirada, embora isso significasse perigo próximo.

REMORSO

(Continuação da pág. 31)

seguia. Trouxeram-me chá pedindo que me acalmasse. Diziam que era tudo causado pela excessiva tensão nervosa. Que eu não era o criminoso pôsto que o patrão fora vítima de morte natural e não havia sinal de homicídio. Os azeites que me atormentavam eram filhos da imaginação febril. Gritei-lhes que eram imbecis. Expliquei-lhes detalhadamente todos os pormenores do crime. Obriguei-os a chamarem a polícia. Não queria nunca mais ver a cara rotunda, luzidia e cheia do aventureiro. Queria que me encerrassem numa prisão, onde ele não me encontrasse para o resto dos meus dias. Queria berrar para o mundo inteiro o homicídio que praticara. Desejava pegar pessoa por pessoa na rua e contar-lhes como havia sido. Não me permitiram. Deram-me apenas lápis e papel que lhes pedi. Esta é a terceira vez que descrevo o crime. Quero descrevê-lo muitas vezes mais. Quero continuar. Quero...

★

O resto da confissão prestada pelo criminoso é ininteligível. Um emaranhado de palavras que não dizem coisa nenhuma.

Talvez fosse por isso que três dias depois a ambulância transportava um priso, da penitenciária para o manicômio...

DR MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Via: urli-árias — Doenças de se-choras — Dist-irbio sexual — Esteri-idade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléa, 98, 7º andar. 8, 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

Jantamos e tomamos licores no salão. Depois ele me convidou a irmos à coberta.

— Um minuto, então, enquanto vou buscar um agasalho.

— Não é preciso — disse-me ele — tenho um lugar privado onde estaremos a coberto dos ventos e da friagem.

Segui-o até ao seu camarote. Ao abrir a porta não pude conter um grito de exclamação. Como era diferente daquele pequenino que eu compartilhava com a professora! Aquilo era um apartamento luxuoso. A sala estava lindamente mobilada, tendo ao fundo um dormitório ricamente disposto. Conduziu-me por uma porta a uma varanda, espécie de jardim de inverno, protegida por vidraças de cristal, defendendo o terraço dos ventos e da chuva.

— A lua, as estrelas e a nossa intimidade... Que mais poderemos desejar? — E sorriu amavelmente.

Aproximou-se de uma mesinha e começou a preparar bebidas enchendo taças com gelo.

— Para mim, não. Já estou com muito mais do que suporto.

— Não, senhorita! Temos que celebrar nossa primeira noite de travessia. É uma lei do mar.

Fizemos brindes. Ia eu sentar-me quando ele me ofereceu a mão para ajudar-me. Em seguida me fez umas carícias nos braços até ao ombro. Quis fugir, mas ele me segurou com a outra mão. Ergueu meu rosto e ameaçou beijar-me.

— Não, Júlio! Não arruines todo o encanto desta viagem!

Ele não ouviu nada. Meus protestos se foram esmorecendo e quando eu dei por mim estava em seus braços, trocando beijos com ele.

Muito depois me sentia como que num transporte de languidez, e ouvia o bater de meu coração, o sussurro do mar...

Quando chegamos a Paris, vi que o escritório dali podia muito bem movimentar-se sem a presença dele; mas Júlio dizia que era indispensável esse serviço de "contactos", ou seja, o estar sempre diante dos interesses da firma no México ou no estrangeiro. Eu o acompanhava na maior parte do tempo. Por vezes eu me sentia acanhada em virtude de meus vestidos serem modestos. Mas Júlio resolveu o caso sem demoras. Os vestidos e coisas que me deu eram, segundo suas explicações, parte do trabalho. Levava-me a costureiros, a passeios, a teatros. Por isso cheguei a conhecer Paris e a gostar da cidade como se fôra minha própria pátria. Habituei-me aos almoços elegantes no Ritz, no Crillon, no Pruniers e às ceias no Maxim e no Tour d'Argent. Fomos às carreiras em Longchamps e me sentia muito bem usando um modelo de Dior ou de Balenciaga, despreocupada quando os olhos masculinos pareciam querer engolir-me ao retirar meus abrigos em algum restaurante ou clube noturno.

No fim do verão fomos a Deauville e a Biarritz, e no outono visi-

távamos de carro a Normandia, passando furtivos fins de semana em Giverny. Por vezes eu meditava naquela situação e pressentia que aquilo não podia durar sempre. Certa vez lhe disse:

— Se sua senhora viesse passar uns dias em Paris, que sucederia?

Olhou-me com impaciência.

— Para que saber-se tal coisa? Com certeza nos veríamos menos, seríamos mais cautelosos, nada mais.

Sim, nada mais. Noites vazias, esperando um telefonema, uma visita furtiva, dias de tensão nervosa. Todas as dificuldades de uma união clandestina, com o permanente temor de ser descobertos, perturbando o encanto de uns momentos de felicidade. Eu sabia que sua esposa não mantinha com ele boa harmonia, pois era muito ciumenta. Eu era feliz com Júlio. Cedo aprendi a conhecer-lhe os caprichos, o seu gênio, a contemporizar com ele.

Divertiamos-nos bastante; mas eu pressentia que tudo aquilo estava a terminar.

Um dia ele me deu a notícia.

— De hoje em diante temos de ser mais cautelosos... Vamos manter uma vida correta e normal.

— Por que?

— Minha esposa chega na próxima semana.

Movi lentamente a cabeça.

— Não, Júlio... agora é demasiado tarde. Devemos dizer-lhe a verdade, que ela, aliás, já devia ter sabido de há muito, isto é: que tu já lhe não pertences.

Júlio me fitou atônito.

— De que estás falando?... — perguntou irritado.

— De nós dois. Não vês que pertencemos um ao outro? Não é justo que continues atado a uma mulher a quem não amas. O amor tem seus direitos, e nós nos amamos. E há outra razão para que estejamos juntos, honrada e abertamente: o nosso filho.

Olhou-me incredulamente e horrorizado.

— Deixa de tolices, Sílvia! Explica-te!

— É a verdade. Não quis dizer-te nada, para que não te preocupasses; mas agora...

— Mas agora... agora crês que podes amarrar-me com caudais de sentimentalismo! Para teu conhecimento eu te digo agora que a sra. Girard possui a maioria das ações de nossa Companhia — disse sarcasticamente, e continuou: — Digo-te ainda que devo algo a ela e não tenho a menor intenção de liquidar minha dívida... Fôla! Pensas que vou casar-me contigo e arruinar minha carreira, com menino ou sem ele?

Ainda desejei dizer alguma coisa, mas a voz ficou presa à garganta. Via-o pela primeira vez como realmente era: egoísta e indolente.

— É evidente que te darei toda a minha ajuda, Sílvia — murmurou torpemente, enquanto eu o ouvia entre lágrimas.

Estávamos na Normandia. Eu só queria então era que ele se fosse. Precisava ficar só.



*Gosto dos teus lábios assim...
com o novo baton Van Ess*

criado especialmente para a mulher brasileira!

Os lábios se tornam ainda mais sedutores e irresistíveis, quando realçados com o novo baton Van Ess — "Rose". Doçura inesquecível... Harmonia de cores... Van Ess é o baton perfeito! Acentue ainda mais a beleza dos seus lábios, com uma das lindas cores Van Ess.



Adquirá hoje o seu VAN ESS em novo estojo de gala!



Desperte seus atrativos femininos usando em seu maquillage social o super-creme "O SEGREDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido,
sólido
e em
bastões
para
barba



Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Água de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, líquido,
vidro de 270 grs.
vidro de 630 grs.
vidro de 1.000 grs.
A VENDA EM
TODA PARTE



Laboratório do SABÃO RUSSO

FUNDADO EM 1830

MANOEL LUIZ GARCIA

Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares

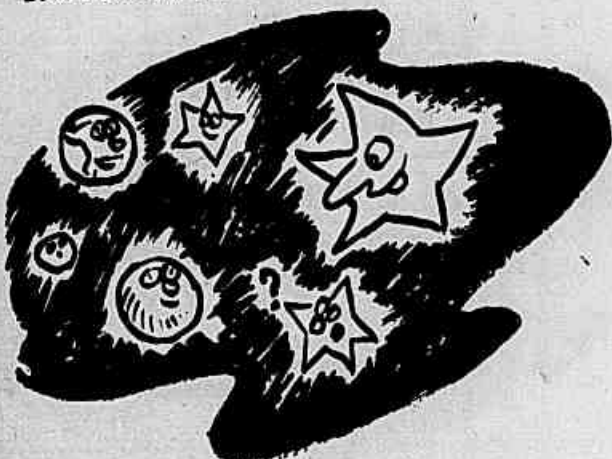
O REGISTRO DO P.P.P.

**Programa político de salvação nacional
AS VANTAGENS DO P.P.P.**

Sempre fomos adeptos da pluralidade dos mundos habitados e da multiplicidade dos partidos políticos. Assim como não é possível que, sendo a imensidão dos espaços vitais densamente povoada de planetas, planetóides, satélites, estrelinhas e estrelas, astros e asteróides, somente a esta miserável terrinha fosse dado o privilégio de possuir gente viva, pensante e vegetante.

Não! Isso nunca! Protesto com toda a força de minha dignidade de homem de ciência própria.

Deus na sua infinita sabedoria não ia criar tudo isto que gira sobre nossas cabeças de prego sem fôlego, para dar à Terra que há de comer



os olhos de V. S., um odioso monopólio, um "trust" indigno e repugnante à sabedoria divina! Não! Não e Não!



Da mesma forma é essa história de um só partido, mesmo reunindo muitos num só rótulo. Não! Não e Não! Repito furiosamente indignado.



Nada de monopólios ou "trusts" "A política, já dizia meu compadre Augusto Comte outra, é filha da moral e da razão", mas, como muitas vezes só tem razão quem não tem moral, mas tem dinheiro e prestígio político, sucede que já não é nada daquilo que Comte dizia mas ninguém ouvia.

No meu alto entender, a política é filha do dinheiro e da esperteza. Por isso, eu, o Conde de Salamaleques, o sábio e iluminado, criador



de muita coisa ainda inédita e ciosamente reservada para os dias de aperturas a que o vulgo dá o feio nome de "vacas magras", decidi fundar um Partido cujas iniciais são estas. P.P.P. e significam constitucional e estatutariamente. Partido Pica Pau.

O pica-pau é uma ave diurna, bem vestida e de topete no alto do quengo. Vive só e trata de furar os outros, fazendo seu ninho no óco das árvores. Tem um bico que é uma pua. Alinado e perfurante. O pica-pau é ágil, sagaz, matreiro e esperto. Meu partido é o símbolo do pica-pau. Procurará furar todo mundo, como quem dá facadas no próximo; trabalhará incansavelmente através de todos os buracos dessa floresta de árvores sem folhas e folhas corridas de árvores sem galhos genealógicos, de forma que em breve seja senhor absoluto de relativo triunfo. Bonito!

Conde de Salamaleques

PENSAMENTOS



Tang-iang-piau-fu-fu-chu-sing-kong-eng-foi (ou não foi?).



Nada como um Díaz atrás do outro e uma revolução no meio.

CONSULTORIÓ DE GRAÇA PARA POBRES DE ESPÍRITO

Barão do Buteco

Sebastiana — Seu nome deriva de uma pergunta que alguém fez a Ana. Tendo essa jovem pedido para que lhe passassem uma bola de sebo, esse alguém, cujo nome a História não registrou, perguntou desconfiado: "Sebo a ti, Ana!". Era isto que dizia um doido lá da Praia Vermelha, e devia estar com a razão.

Militão — Seu nome, Militão, é engraçado. Militão vem de militas, militante, militar, e significa aquele que só dá mesmo para soldado raso, incapaz de chegar de cabo para cima. Uma lástima!

Barreto — A origem da palavra Cascadura, subúrbio do Distrito Federal, só poderá ser mesmo conhecida definitivamente por intermédio do astral. Só mesmo os mortos entre 1650 até 1900 poderão esclarecer o nome do subúrbio carioca.



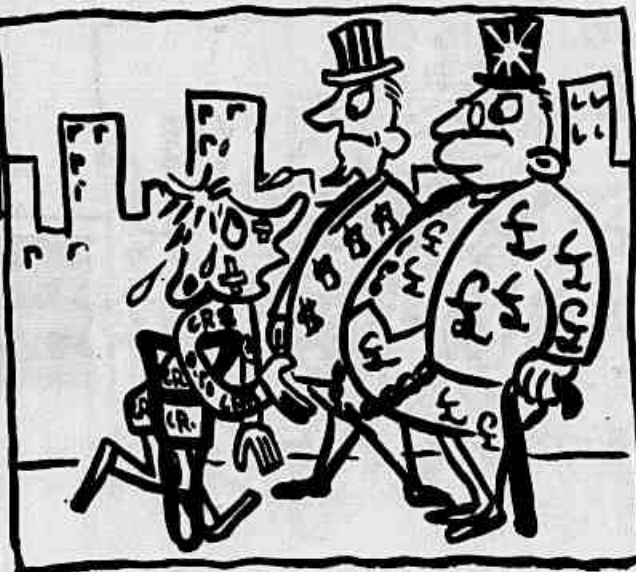
Entretanto, há uma versão que pode ser exata. Dizem que, nos seus começos de vida difícil, aquele subúrbio, quando só possuía umas cinco casinhas, foi estabelecido ali um português que vendia cana, toda ela de casca dura. Quando alguém desejava chupar uns roletes, dizia ao garoto: — João, vai comprar uma cana ali no casca-dura. E assim nasceu o futuro subúrbio da dita.



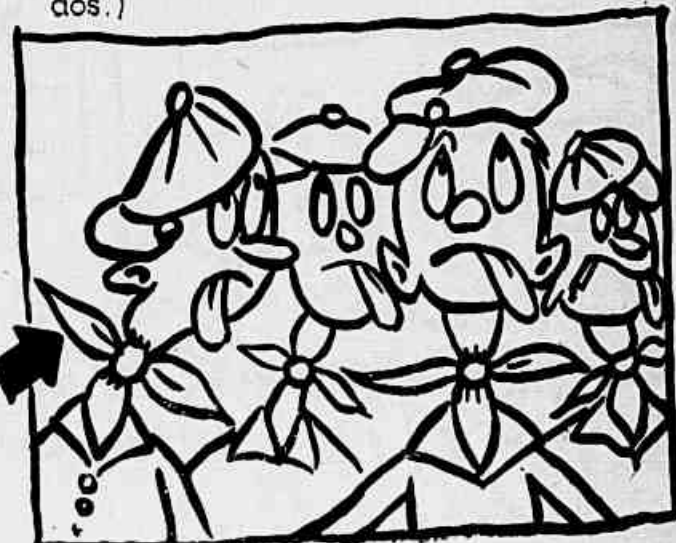
Tragédia — Depois de muitos anos de separação, encontraram-se numa esquina Mrs. Libra e Mr. Dólar. Discutiram o Plano Marshall, a falta de chuva na Inglaterra e o calor nos Estados Unidos. Da discussão nem a luz da lua nasceu, pois era noite de escuro. Mas houve briga de um popular que estava espiando e que se chamava Cruzzeiro, com o intuito de segurar os dois desafetos e ficar com as simpatias do mais rico e mais forte. Mas foi uma tragédia, pois o apartador levou um tombo e está de muletas, pedindo misericórdia a ambos os contendores.



Caradura — Convidamos todos aqueles que já não sentem a menor emoção ou sentimento de vergonha, para que se aliem ao Sr. Conde de Salamaleques e Sr. Barão do Buteco, e tenham bastante caradura para passar entre amigos umas ações de certa Companhia formidável que estamos imaginando com a maior cautela para não despertar suspeitas da polícia, a detestável inimiga de todas as grandes e salvadoras idéias. (Entrem pela porta dos fundos.)



Degolados — A fim de achar trabalho na América do Sul, passaram por este pórtio vários franceses adeptos do general francês De Gole, que reúne na França grande partido chefiando os seus degolados.



O PASSADO DE UMA...

(Continuação da pág. 18)

Apesar de todo o meu orgulho, tive que aceitar seu dinheiro. Não quis regressar ao México e fiquei em Civeny onde havíamos passado alguns fins de semana. Era barato e ali me haviam conhecido como uma mulher casada. Não havia, pois, lugar para perguntas e mexericos mortificantes. Meu filho deveria vir ao mundo em princípios de junho e eu já havia tratado com o hospital de Vernon.

Naquela primavera tardia choveu sem cessar e eu apanhei uma gripe com febre que os remédios de Mme. Duprès de nada serviram. A umidade parecia ter-se infiltrado em meus ossos. Sentia-me extremamente fatigada. Parecia que um fogo interno me consumia e me provocava terrível sede.

Uma vez senti que Madame Duprès rondava minha cama e, em seguida, vi ao meu lado um estranho e antiquado médico de longas barbas negras. A seguir, recordo-me bem, os dias e as noites foram como a vida e a morte a fundir-se num desenho informe, indefinível, sem princípio nem fim.

Soube depois que por duas semanas estive à beira da sepultura. Meu filho viera ao mundo prematuramente e não pudera sobreviver. Quando terminou meu delírio, percebi que muito tinha sofrido e me senti demasiadamente acabrunhada, muito cansada para desejar continuar a viver.

— Um pecado não justifica outro, menina. E' pecado fugir conscientemente da vida — disse-me Madame Duprès.

Ela suspeitava da verdade, embora eu ali chegasse como a esposa de Júlio. Gradualmente fui recuperando as forças e me deixava ficar horas a fio diante da janela aberta sobre o panorama daquela zona da França onde tanta felicidade gozara ao lado de Júlio.

Tive tempo para pensar. Aprendera minha lição. Confundi o prazer com a felicidade.

Finalmente regressei ao México. Não quis ir para minha cidade natal. Procurei trabalho numa Companhia que fabricava artigos para escritório e ali me contratei como estenógrafa. Instalei-me numa pequena dependência da Associação Cristã Feminina. De noite lia em casa os livros que levava da biblioteca pública. Com o tempo fui galgando melhores lugares, mais prestígio, mais segurança.

Foi aí que conheci Andrés Rubin. Antes dele, sempre que algum de meus companheiros me fazia convites para passear, recusava-os, delicadamente.

— Peço-lhe que me desculpe; é que vou fazer umas compras...

Dei esta mesma desculpa a Andrés; porém, uns dez dias depois disso ele me deteve pelo braço no corredor e perguntou-me:

— A senhorita é casada?

— Não...

— E' comprometida, então? Tem noivo oficial?

— Também não.

Ele exalou um suspiro de alívio.

— E' tudo o que desejo saber. Eu, por mim, — continuou, — sou solteiro, não tenho compromissos e só tenho intenções honestas. Agora me diga: por que não quer almoçar comigo? A velha desculpa das compras não serve. Não é possível que possa fazer tantas compras todos os dias, com o salário que tem...

Já estava eu com dois anos de solidão. Um almoço em companhia de Andrés não fazia nenhum mal. O que se seguiu a isso foi rápido. Não tive meios de retardar nosso casamento nem pude dispor de tempo para relatar-lhe o que me acontecera.

Naquela noite tomei uma resolução: olvidaria o meu passado, para pensar exclusivamente em Andrés.

Seguiram-se três semanas de tensão quase intolerável, em que fingi uma alegria ditosa, enquanto meu coração pesava como chumbo. Chegou, afinal, o dia da partida. Estávamos já em Nova York, onde tomaríamos um dos vapores franceses que nos levaria à França, e, por fim, a Paris.

Quando arrumamos nossa bagagem, Andrés resolveu subir à coberta para admirar, pela última vez, a silhueta dos arranha-céus, nossa última visão da América. Disse-lhe que depois iria reunir-me a ele, pois ainda tinha que fazer a maquiagem. Ele então foi sozinho, alegre como um colegial em férias.

Minutos depois sai do camarote e me dirigi ao escritório do comissário, a quem entreguei uma carta dirigida ao sr. Andrés Rubin, a quem só deveria ser entregue depois que o navio houvesse partido.

Quinze minutos depois estava eu em terra, a olhar de um recanto do cais a manobra de desatracação do vapor que levava Andrés e, com ele, meu coração. Na carta que lhe deixei eu narrava todo o meu passado, minha aventura de amor, com todos os detalhes, de forma que ele ficasse sabendo de tudo, da verdade inteira. E me senti em paz com a consciência.

Não fiquei na capital do México, onde tudo me recordava Andrés. Fôramos ali muito felizes. Possuía eu algumas economias e procurei Puebla, onde poderia reomeçar nova vida. Encontrei trabalho, e durante a noite me concentrei em cursos por correspondência para distrair e recordar.

Na carta a Andrés eu lhe deixara um endereço; mas não obtive resposta. Tudo devia estar acabado. Dois meses se passaram. Um dia, ao sair do escritório, senti que uma pessoa me saudava com uma das mãos no meu ombro e dizia:

— Quer almoçar comigo, senhora Rubin?

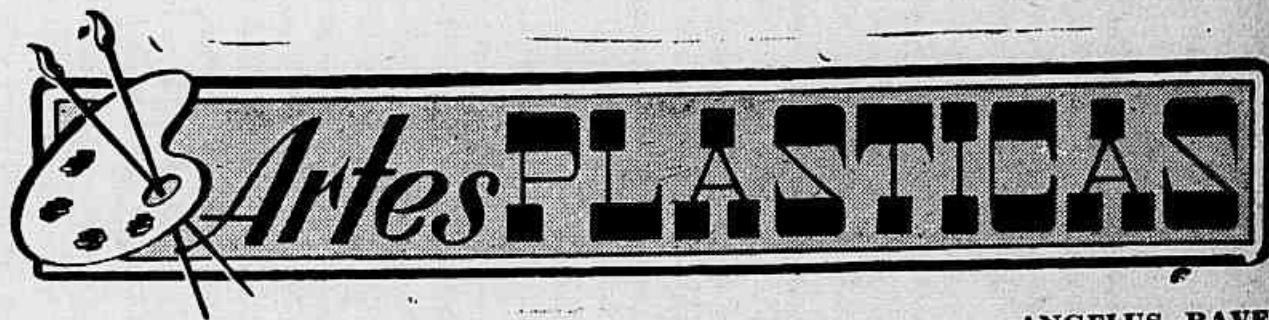
— Andrés! — exclamei quase a soluçar.

— Isso não é resposta, e não me digas que vai fazer compras.

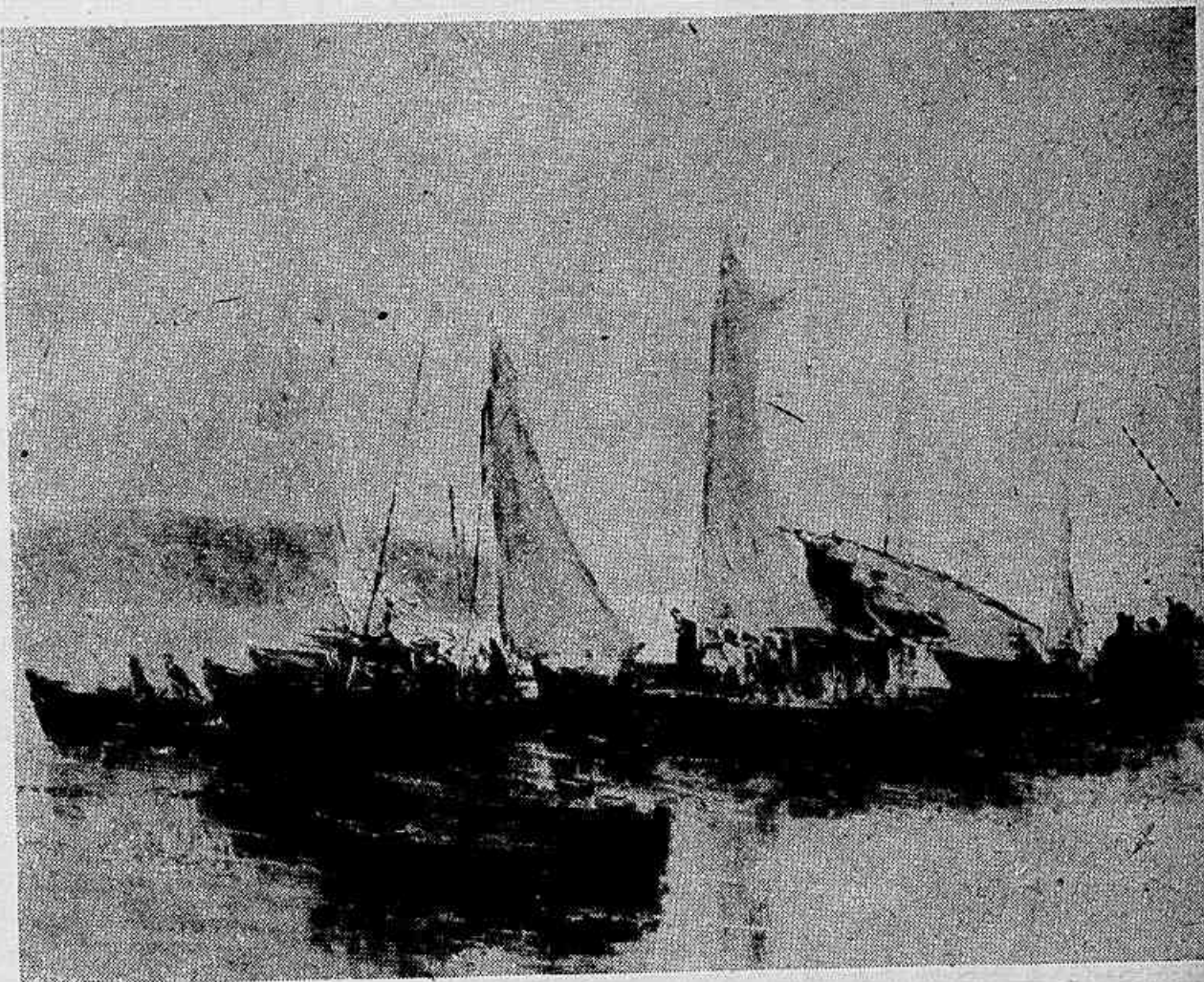
Tomamos um carro de praça e me conduziu à pensão onde vivia.

— Aqui estou e temos que partir

(Continua na pág. 50)



ANGELUS RAVEL



Barcos na Guanabara, óleo do pintor Anibal Mattos

O Prof. Anibal Mattos, artista laureado pela Escola Nacional de Belas Artes com a Grande Medalha de Ouro, medalhas de prata e outras conquistas que atestam o elevado valor desse mestre das artes plásticas, é Presidente da Sociedade Mineira de Belas Artes, Diretor da Escola de Belas Artes de Minas Gerais, Professor da Escola de Arquitetura da Universidade daquele Estado, e um invencível apaixonado das paisagens sertanejas e das marinhas do país.

O aplaudido artista está expondo no salão nobre do Palace Hotel uma coleção de quadros que encantam a nossa alma de brasileiros e empolgam os apreciadores das Belas Artes.

Como mineiro que é, ele transmitiu às suas mais admiráveis telas os aspectos e as cousas do seu Estado.

Que deliciosa poesia aquela da Serra do Caraça, um quadro emotivo que nos faz lembrar o renome do famoso educador que tem servido de berço mental e espiritual a tantos brasileiros ilustres e de cujas bancas saíram tantos estadistas!

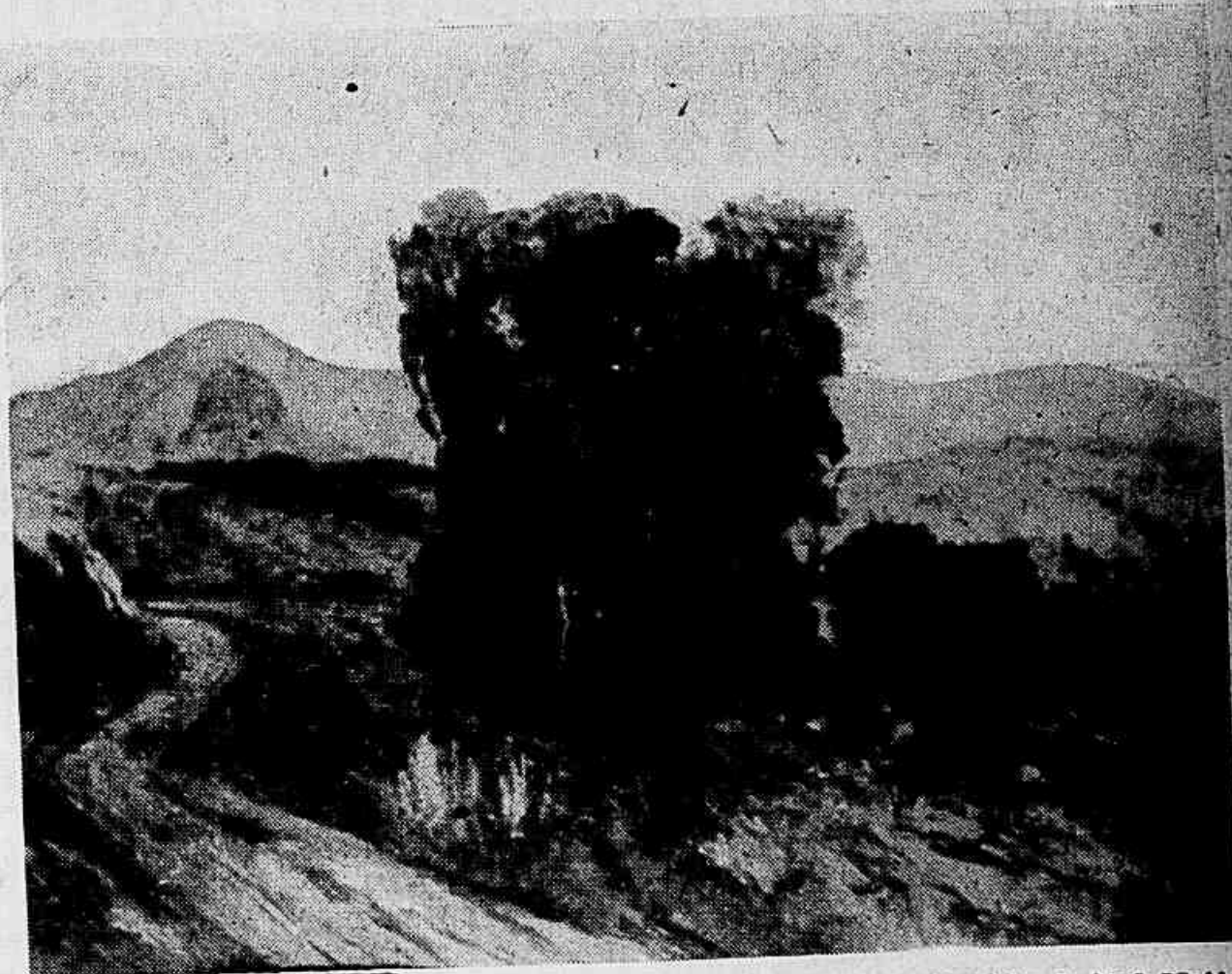
Os ípsos floridos das montanhas e vales mineiros; as margens dos rios do grande Estado central, o Rio das Velhas, famoso desde os tempos das entradas paulistas à cata do ouro que ainda continua a fluir das entranhas da terra numa colheita eterna e que continua a dar pão a tanta gente ribeirinha!

Ouro Preto, Belo Horizonte, a zona da Mata, o entardecer bucólico do interior de Minas, as igrejas velhinhas, a beleza panorâmica... Mas os quadros de outros Estados, do Distrito Federal são expostos



O Prof. Anibal Mattos numa de suas recentes fotografias

com a mesma intensidade de luz e de interpretação por esse mago do pincel que é Anibal Mattos.



Paisagem — Zona da Mata, Minas Gerais, outro belíssimo óleo de Anibal Mattos

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS:

Por que V. S. deve usar o OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NAO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 80,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00
Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA

LYTOPHAN

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM A SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - EXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 26
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

para Paris dentro de três semanas. Graças a Deus o teu passaporte está em ordem.

— Mas Andrés! Não compreendo! E minha carta? E toda a verdade que lhe disse?

— Tudo isto já eu sabia muito antes de conhecer-te. Nunca te disse nada porque isso pertencia à tua vida privada. Soube que havias cometido um erro e muito sofrido por isso. Para que então recordá-lo? Agora esqueçamos o passado e só pensemos no futuro.

Cerrei os olhos e inclinei minha cabeça em seu ombro.

— Contigo será um novo Paris...

— Uma nova vida! Nossa vida! — corrigiu ele.

CRISTÓVÃO COLOMBO

(Continuação da pág. 38)

suadir a rainha de que ela devia reconsiderar a sua decisão, uma vez que Colombo também cederia em parte. Havia seis anos desde a chegada de Colombo à Corte da Espanha.

★

Pouco depois de Colombo chegar a Palos, recebe uma carta de Beatriz de Arana anunciando-lhe o próximo nascimento do filho. Em Cordova, o navegador conhece o juvenzinho Bernardo e fala a Betriz de seus sucessos.

Por fim, os preparativos se encerram e Colombo está pronto para iniciar a sua notável viagem. De Palos, Colombo se lança ao mar, a bordo do galeão capitânea "Santa Maria", acompanhado pelas caravelas "Niña" e "Pinta", a primeira sob o comando de Vincente Yanez Pinzón e a "Pinta" sob o comando do irmão de Vincente, Martin Alonso Pinzón, tendo ainda outro irmão, Francisco, como navegador.

No dia 3 de agosto de 1492, numa sexta-feira, padre Perez abençoa a expedição. Cinco dias depois a caravela "Pinta" atinge as Ilhas Canárias, em virtude de um defeito no leme. O "Santa Maria" permanecia ao largo, quando Juan de la Cosa — primeiro piloto de Colombo — informa-lhe que o governador das Canárias deseja vê-lo com urgência. Era Beatriz de Peraza...

Quanto mais as caravelas progrediam em direção do oeste, mais aumentavam as dificuldades de Colombo, em face da inquietação de seus homens. A tripulação — notadamente Pedro, velho marujo pessimista e supersticioso — e Lope, outro descontente, — torna-se temerosa. Circulam boatos a bordo. As velas se rompem e... nada de terra.

Após 19 angustiosos dias, os irmãos Pinzón sobem ao "Santa Maria" para interrogarem Colombo sobre a ausência de terra. O intrépido navegador, para os acalmar, diz-lhes que muitas ilhas foram contornadas até aquele momento. Recusou-se terminantemente a regressar à Espanha sem dar por finda sua missão. Convenceu-os, finalmente, de que a sua habilidade e conhecimento dos mares lhes garanti-

am o sucesso da empreitada, e assim a viagem prosseguiu. Os irmãos Pinzón, todavia, não se mostravam muito confiantes.

Passado o 30º dia de viagem, a tripulação do "Santa Maria" se amotinou, chefiada por Pedro e Lope. Traíram uma investida sobre a sala de comando de Colombo que, avisado a tempo por Cosa, previne-se contra o ataque. Breve luta é travada na popa do "Santa Maria", resistindo Colombo a alguns que se conservaram fiéis, aos amotinados. Até que um tiro de canhão, disparado pela "Pinta", interrompe a escaramuça. Ao tiro, segue-se o grito de "Terra à vista!". Colombo esquece o incidente, deixando de punir os amotinados. Na manhã seguinte, no entanto, a tripulação constata que o aviso era falso e a amotinação reinicia-se. Coagido, Colombo promete então que se em três dias não houver sinais de terra ele regressará à Espanha.

Os sinais de terra próxima sucedem-se com frequência. Pássaros são vistos voando a distância, e um tronco de árvore aparece boiando. Naquela noite Colombo sente-se mais confortado, e ao seguir para seu camarote chama subitamente Diego de Arana e Cosa — tinha avistado luz no horizonte. Na manhã do dia imediato o barco atinge uma ilha. Colombo é o primeiro a descer. Apossa-se da terra em nome da Espanha e a denomina Ilha de San Salvador. Era

12 de outubro de 1492. Depois de procurar entendimentos com os nativos, trocando objetos por suprimentos, Colombo regressa a bordo, prosseguindo viagem por entre as Índias Ocidentais.

A caravela "Pinta", sob o comando de Martin Alonso Pinzón, que navegava mais atrás, desliga-se da expedição, tendo sua tripulação se decidido a ir em busca de ouro. Certa noite, relaxando a vigilância da tripulação do "Santa Maria", este desgoverna-se, afundando em seguida. Os recursos eram poucos para se tentar a construção de novo barco, e Colombo decidiu tentar a colonização da ilha onde aportaram, deixando ali 40 homens e nomeando Diego de Arana governador. Regressa então à Espanha, a bordo da "Niña".

Colombo chega a Palos antes de Martin Pinzón, e a recepção que recebe é entusiástica, sendo levado à Corte sob aclamação, onde fica até junho de 1493.

Nesta época, com 17 navios equipados e com uma tripulação de mais de 1.000 homens, parte de novo, rumo aos mares do oeste, para "explorar e colonizar as novas terras descobertas sob a jurisdição da Espanha; para converter os nativos e ensinar-lhes a viver sob o signo do Cristianismo; e também para procurar ouro e pedreiras, para o bem estar do mundo".

Alguns anos mais tarde, os correio-

(Continua na pág. 54)

MINHA JANGADA DE BAMBU

Um romance de amor, de renúncia, de paixão através da história divertida de uma criança.

Folclore do nordeste, com o carnaval e seu entrudo dos começos do século, as pastorais, as "sentinelas" aos mortos.



O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLERO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU DE RENATO DE ALENCAR

É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO RIO E DOS ESTADOS

PREÇO: CR\$ 25,00

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL À

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 • LAPA • RIO DE JANEIRO

Nº 14

A MULHER

SCARLET

INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

NÃO POSSO DORMIR...
SANDY JÁ DEVIÁ TER
TELEFONADO



QUE FOI
QUE
ACONTECEU?

ACHAMOS UM GADAV-
VER NESTE EDIFÍCIO



O CACHIMBO
DE SANDY!



SCARLET CHEGA A RUA BODEN
DEPOIS QUE O CADAVER FOI RETIRADO
ESTA ATERRORIZADA PENSANDO TER SIDO SANDY...



PARA O NECROTÉRIO.

JÁ, JÁ.

ESTA MORTO A
2 OU 3 DIAS.
SEU PARENTE?

NÃO! GRACAS
A DEUS!



MAS O CHAPÉU
E O CACHIMBO
SÃO DE SANDY.
QUE TERIA
ACONTECIDO?



LEIA, PATETA! EU NÃO DISSE?
ELES NÃO SABEM QUE O SUJEITO
ERA DETETIVE!

PUXA!



NO DIA SEGUINTE...

DAQUI EM DIANTE, EU É QUE DOU
AS ORDENS, ENTENDEU? VOCES
NÃO QUEREM SER PRESOS, QUEREM?



ESTA
BEM,
HUNKY

WHAP

CADAVER
ENCONTRADO
NO EDIFÍCIO
VASIO

SR. MALIGNANT, O SR. DISSE
PARA ARRANJAR MAIS GENTE,
NÃO? TENHO MAIS DOIS.



ESTA BEM. TRAGA-OS
AQUI AS NOVE.
TÊMOS SERVIÇO.
DE O FORA!

NAQUELA TARDE...

ESSES GAROTOS TÊM CORAGEM
MAS NÃO SENSO! ROUBAM
FORTUNAS. E RECEBEM MIGA-
LHAS! CRIANÇAS NÃO DEVEM TER
DINHEIRO POIS NÃO SABEM GASTAR.



O SUJEITO QUE
ASSALTAMOS!



TRINTA ANOS...



Esta escada conduz Luiz à sua cela. Ele também tem autorização para recolher-se mais tarde, pois pertence à Comissão especial



Sorridentes, apesar de tudo, confiantes. Eles esperam a palavra final. Se forem libertados voltarão para o sul



Luiz é também um excelente operário da sapataria. Lavrador de origem aprendeu o ofício na prisão e ganha um salário razoável

Veja esta história, leitor, e faça você mesmo o seu julgamento. E diga se os pracinhas Adão e Luis mereciam pagar 30 anos de vida por um minuto de loucura.

Em 1942 eles viviam no Rio Grande do Sul. Adão Damasceno Passos em Santiago e Luis Bernardo de Moraes em S. Borja. Ambos lavradores, viviam exclusivamente do que conseguiam extrair da terra, trabalhando do nascer ao pôr do sol. Nada quebrava a rotina daquela vida maravilhosamente tranquila. Os homens da cidade, os poderosos, os donos do país, jamais voltavam as vistas para os humildes do interior. Podiam morrer, podiam passar necessidades, podiam viver como animais que ninguém se importava. Do alto de suas magníficas torres de marfim, desconheciam a miséria do interior, desconheciam a intranquilidade do mundo, desconheciam tudo.

Mas súbito, o grito de guerra, surgido dos confins da velha Europa em chamas, vai ecoar na distante S. Borja e na esquecida Santiago. E os lavradores são convocados para o serviço militar. Logo na primeira leva foram arregimentados Adão e Luis. Separados da terra que os viu nascer, separados da família, desligados de tudo, vieram eles para o Rio de Janeiro. Vários meses passaram em treinamento, e quando foi organizada a Fôrça Expedicionária foram dos primeiros que voluntariamente se apresentaram.

Mais treinamento, uma espera angustiosa de vários meses e finalmente o embarque. Para onde? Ninguém sabia a princípio, tudo rodeado de mistério, uma treva impenetrável envolvendo os acontecimentos.

Depois, já no navio, as primeiras conversas, os primeiros boatos, e finalmente a verdade. Iriam para a Itália. Mas antes de chegar ao belo país europeu, muita água teve que ser atravessada, muito perigo contornado. E o navio chegou mesmo a ser bombardeado, mas a escolta localizou prontamente o agressor, e mais um submarino nazista foi desencansar no fundo do mar.

Por fim desembarcaram em Gênova.

Durante 4 meses serviram na guarda pessoal do general Mascarenhas de Moraes. Estiveram na frente. Em todas as frentes aliás, acompanhando sempre o general nas inspeções.

Agora é Luis quem fala, a face pálida, as palavras penosamente articuladas, emocionado:

— "Trabalhávamos dia e noite. O general não parava e tínhamos que acompanhá-lo. Pouquíssimo tempo tínhamos para folga. Vivíamos mortos de fadiga. Mas num dia de licença, lá para os lados de Porreta, saímos em busca de distração. E distração de soldado acaba sempre em bebida e mulher. Bebida era fácil. Em qualquer lugar se encontrava. Mulher era mais difícil. A Itália estava numa situação tremenda de miséria, pelo menos dois terços da população passando fome. A voz do estômago era a única que conseguia ser ouvida. E como os soldados americanos tinham comida à vontade, eram os preferidos. Passavam acintosamente por nós, de braço, às vezes com mais de uma companheira. E isso era duro, senhor. Conhecíamos muitos endereços de mulheres. Mas elas não queriam nada com brasileiros. Batiam sempre a porta na nossa cara. Nesse dia, cansados de não arranjar nada, entramos num bar e começamos a beber. Fazia frio, e a bebida escorregava que era uma beleza. Passaram-se várias horas e quando saímos estávamos visivelmente embriagados. O álcool, além de não ser bom conselheiro, estimula terrivelmente o sexo e dirigimo-nos para uma casa onde sabíamos que encontraríamos mulheres."

Aqui Luis faz uma pausa longa, cansado, e depois de vários minutos faz sinal que não pode continuar a narração. Então, Adão, o prêto, em voz também grave, mas mais pausada, retoma a narrativa no ponto interrompido: "Entramos. As mulheres ficaram surpreendidas e aproveitamo-nos disso para agarrá-las. Meia hora depois, já satisfeitos,

famos sair, quando ouvimos vozes que se aproximavam. Gritei para o Luis apagar a luz, e ele com a sub-metralhadora arrasou as lâmpadas. Ficamos no escuro e Luis continuou a atirar, indo atingir um velho tio das pequenas, que entrava naquele momento. Ele gritou, e nós corremos assustados, atravessamos a cerca, a praça fronteira e só fomos parar quase meia hora depois, quando vimos que ninguém nos perseguia. No dia seguinte não se falava noutra coisa na cidade. Durante vários dias não fomos incomodados. Mas finalmente os detalhes foram construindo as pistas, elas foram se alongando, e chegaram até nós. Fomos presos. As garotas nos reconheceram, fomos interrogados durante várias horas e por fim confessamos. Não era possível continuar negando. Fomos mandados para uma prisão em Roma. Lá — soubemos pelos outros prisioneiros — só ficavam os que iam ser fuzilados. Não nos agradou a idéia. Mas passaram-se 30 dias e nada aconteceu. Finalmente fomos transferidos para Nápoles. Começou o inferno. A vida era terrível. Fazíamos 5 horas de exercícios pela manhã. A tarde fazíamos mais 5 horas e à noite éramos violentamente despertados para longas caminhadas. Qualquer falta era punida com severidade e muitas vezes passávamos dias e mais dias sem alimentos. Finalmente vieram dizer-nos que o cardeal havia intercedido em nosso favor, e que não seríamos mais fuzilados. Mas tínhamos que cumprir a pena de 30 anos de prisão. Não sei se lucrarmos com a troca. Depois de mais algumas semanas de terror, fomos embarcados no Pedro I, e chegamos finalmente de volta ao Brasil. E aqui estamos, esperando que o sr. Presidente da República nos conceda também o indulto. Não há dúvida que erramos, e não negamos a nossa culpa. Mas estávamos embriagados e há que considerar as circunstâncias em que o crime foi praticado."

★

Na prisão o comportamento dos dois pracinhas é exemplar. São respeitados pelos companheiros, e conquistaram o direito de figurar em comissões especiais. Adão pertence à Comissão de Disciplina e Luis à de Assuntos Religiosos. São muito católicos e todos os dias rezam fervorosamente, pedindo a Nossa Senhora das Graças (padroeira de Luis) para ajudá-los.

Ostentam orgulhosamente a estrela verde conferida aos presos de bom comportamento e a passadeira que distingue os componentes de Comissões Especiais.

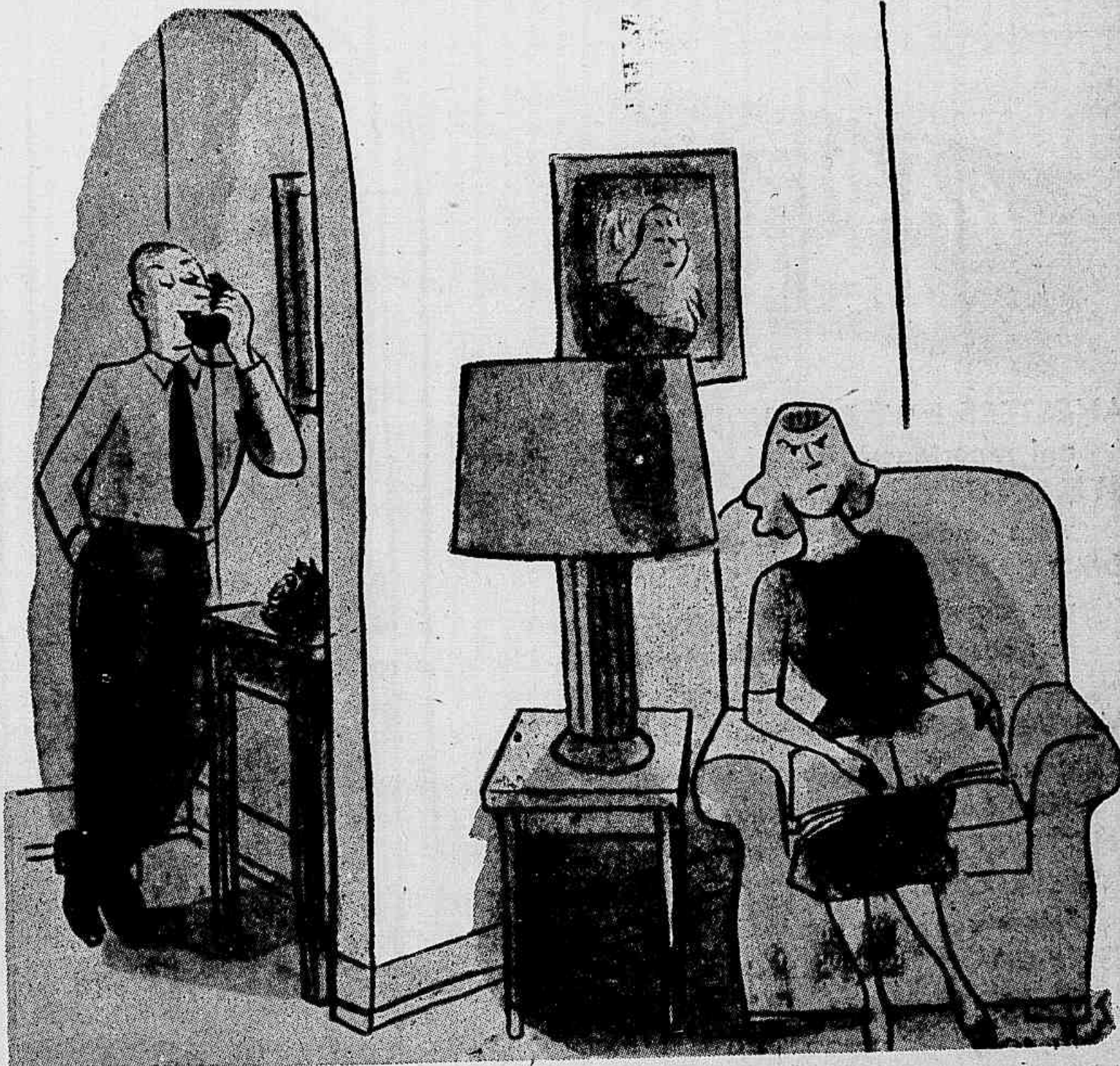
Passamos horas conversando com os dois. São ótimos rapazes, que só mesmo num momento de loucura, embriagados, seriam capazes de cometer um crime. Eles mataram acidentalmente. Mas é preciso não esquecer que em tempos excepcionais de guerra a vida humana não tem o mesmo preço que em tempo de paz. E cuidemos também do que ensina o mestre Virgílio Sá Pereira: "A guerra desumaniza o homem, desciviliza a civilização, subverte as categorias morais, rompe os freios éticos, devolvendo os homens às suas nascentes bárbaras". E não esqueçamos Maurice de Fleury: "Na guerra não há pequenas emoções, mas as maiores concebíveis".

Eles esperam angustiadamente o pronunciamento do sr. Presidente da República. Das grades da prisão, olham tristemente cá para fora contemplando as ruas, o movimento, a vida que lhes foi bruscamente cortada. Não sabem se sairão. Têm saudade de casa, do lugar onde nasceram, de duas velhinhas de cabelos brancos e olhos tristes, que há 5 anos esperam inutilmente. Adão tem 29 anos agora e terá 55 quando sair. Luis tem apenas 26, e só sairá com 52 completos. Mas esperam sair muito antes, pois não acreditam que o Presidente recuse o gesto de clemência.

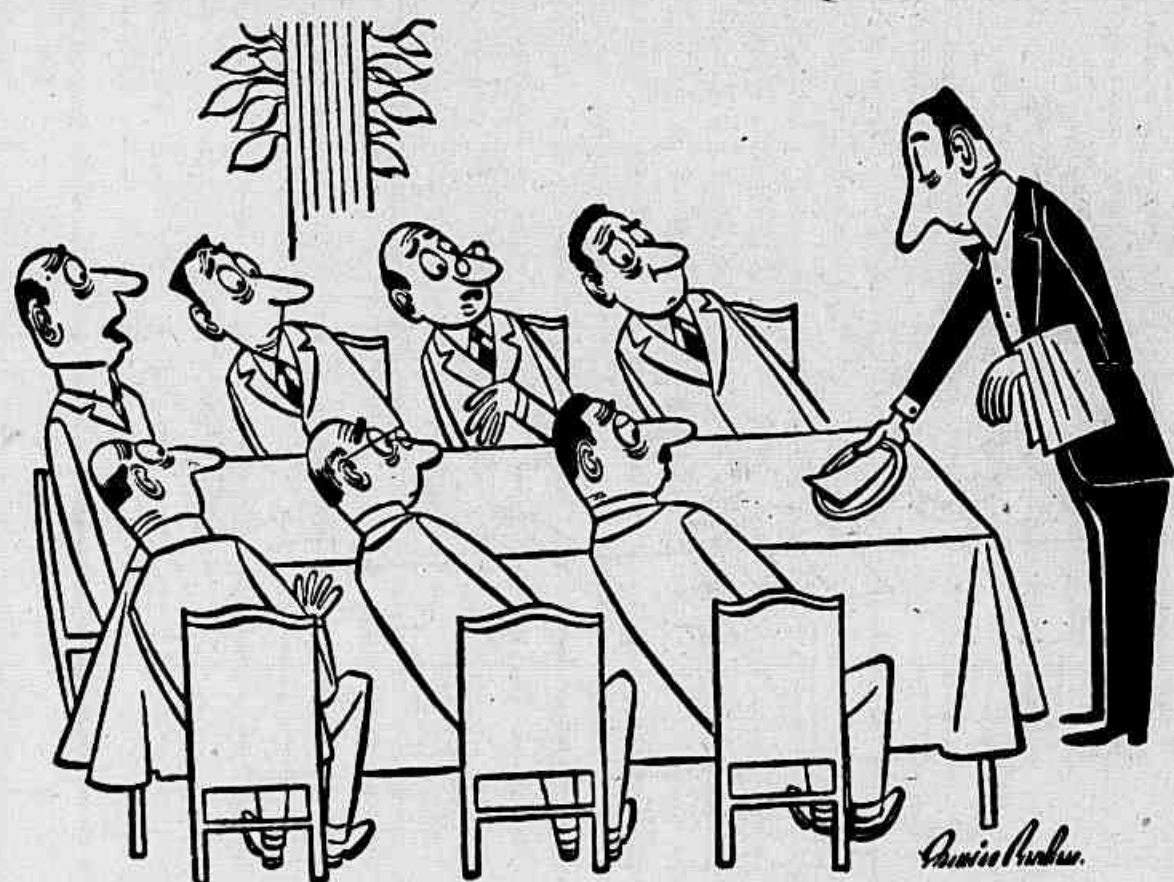
E terminemos com o sábio e humano Roberto Lyra: "Este crime separado iniquamente do quadro da guerra, é repugnante. Mas diluído nas suas formas elementares, perde a exorbitância."



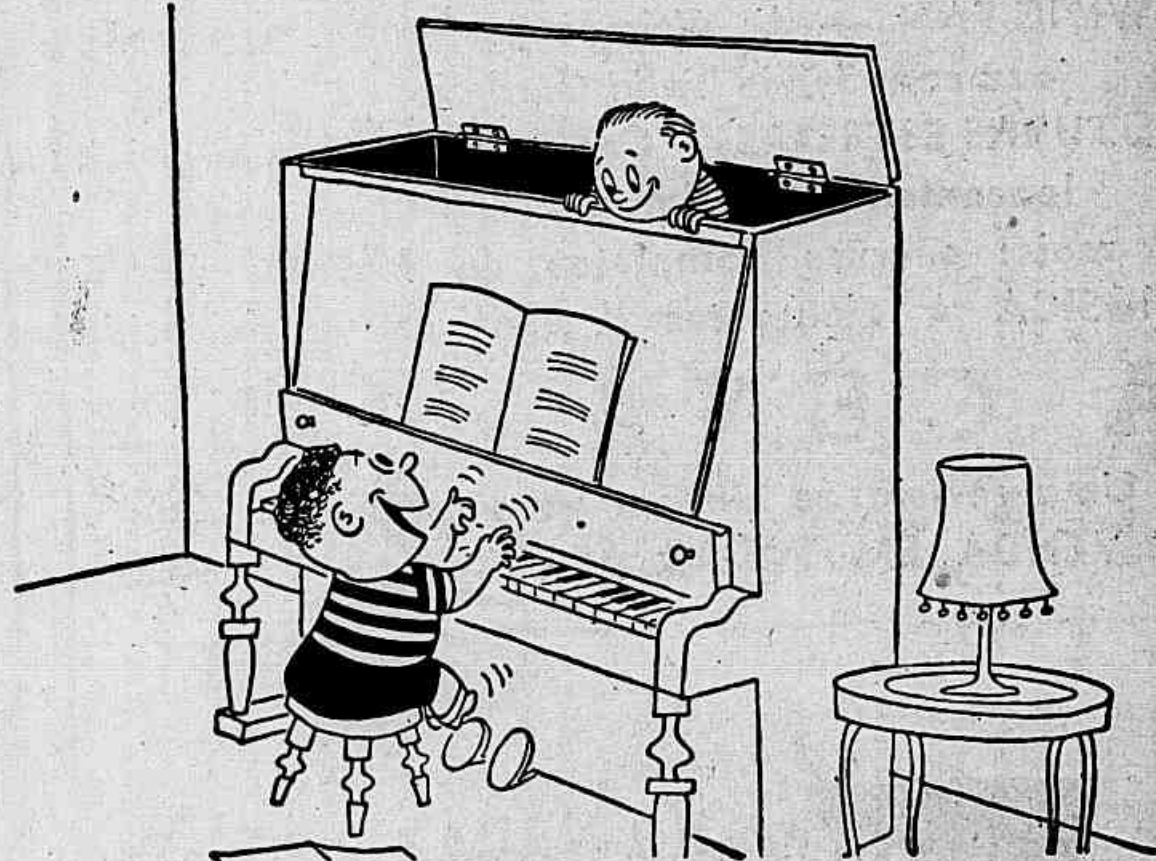
BOM HUMOR



— Sim, sim... Ah! Sim, Sim... Sei... Sim... Sim...



— Coragem amigos, um por todos, todos por um !...



— Juquinha vê que gozado quando eu bato as téclas pretas!



Está admirada !? Isto não é nada, você precisava ver a enfermaria geral !



Maria, já te disse que quero meus maridos todos na ordem !...

NÃO DEIXE DE LER!

GANGSTERS INVADEM HOLLYWOOD! — Sensacional reportagem de Salvyano Cavalcanti de Paiva
INTELECTUAIS FALAM DE CINEMA — Uma entrevista com Genolino Amado

COMO CANTAR IGUAL A CARUSO — Revelação de um segredo de ordem técnica que foi o "pivot" das acrobacias vocais do mais maravilhoso "divo" que o mundo do "bel canto" conheceu

UM DIABO À MODERNA — Artigo sobre o mais novo filme de Ray Milland, no qual ele é um Satanaz de salão, alcôva e romance. E que Satanás!

CINE-TESTE — Um curioso passatempo

A GALERIA DOS ASTROS — Fotos, em sugestivos "close-ups", de Ava Gardner e Burt Lancaster
VESTINDO AS "ESTRELAS" — Sugestivo artigo sobre modas femininas, com fotografias de modelos ingleses

A VIOLÊNCIA NO CINEMA — Uma crônica ilustrada
CINE-AQUI — Uma página humorística de Leon Eliachar

SWING-FAN — As últimas novidades do mundo do jazz com Sylvio Tulio Cardoso

FUTURAS ESTRÉIAS — Comentários sobre os próximos lançamentos de filmes

E mais: secções completas de **RÁDIO, TEATRO, MÚSICA** ★ **Flagrantes** ★ **Críticas** ★ **Curiosidades**

A CENA MUDA

Uma revista de cinema para os fãs do Cinema
A VENDA EM TÓDAS AS BANCAS DE JORNAIS

NÃO SOBRÁRA NADA!

Os MAGOS da Culinária

• Puderam Tão saborosos...
E aqui está o segredo de alimentos deliciosos, apetitosos e de fácil digestão:

MAIZENA
DURVEA
MARCAS REGISTRADAS

Verifique o acampamento índio em cada pacote

À "MAIZENA DURVEA" 49-11
Caixa Postal, 6-8 - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "OS MAGOS DA CULINÁRIA"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

VIVER COM AMOR

(Continuação da pág. 13)

Carol percebeu que ele sorria com moderação, como que procurando abafar o riso.

— É verdade e aí é que está a complicação. A senhora não chegou a ver-me. Mas... muito bem. Aqui estamos.

Era ele de gestos delicados e, quando Carol subia a bordo, gentilmente lhe dera a mão para subir na prancha.

As luzes de Havana vistas de um camarote ou dos "decks" de um transatlântico são como um colar de diamantes sobre um fundo de veludo negro.

Carol deixou seu camarote e veio ao tombadilho apreciar as luzes da cidade. Acomodou-se quietamente admirando o cenário. A cidade lhe deixara excelente impressão, seu povo hospitaleiro, os passeios, os pitorescos, as diversões.

Já agora o ar fresco da manhã lhe trazia um bem estar indizível. Começava a sentir-se fatigada e um sono seria aconselhável para tranquilidade de seu espírito.

Muitas recordações começaram a afluir à sua alma. Teve mesmo vontade de chorar. Mas, embora os olhos estivessem úmidos, ela reagiu e pensou de si para consigo: ele está com Evelyn... E eu sou Carol, divorciada de Bill...

Virando o rosto, ela viu a figura daquele estranho homem que a observava. Carol começou a sentir por ele uma certa inquietação, como se sua qualidade de mulher lhe gritasse no íntimo.

Mas nada lhe disse. Quando ele passou perto dela, Carol chegou a sentir uma espécie de vergonha. Para ela aquele olhar firme e sério era como o de um pesquisador da alma humana a mergulhar nas profundezas do ser remexendo, em tudo.

Em seguida Carol se dirigiu para sua cabine levando no espírito como que uma confidência, um segredo que ela houvesse transmitido àquele estranho passageiro.

(Continua)



A. G. (Volta Redonda) — "Escola de Profetas", bem como os outros, não é possível aproveitar. Estão muito mal escritos. Se o amigo ainda é jovem, comece a estudar o português agora mesmo. Se já passou de cinquenta... deixe mesmo como está.

A. B. N. (Dois Rios-Ilha Grande) — Não está mau o seu "Um outro mundo"; mas procure melhorá-lo retirando-lhe as puerilidades daquele lirismo escolar. E estude o problema da crase.

Eutropio Amorim (Pojuca-Bahia) — Colhemos do noticiário da imprensa, o motivo para aquele nosso tópico. E tudo acabou muito bem.

E. B. (Aracajú) — Seu "Extranho Concerto" precisa vê-se livre daquelas tropos declamatórios, dos termos rebuscados, dos erros de colocação de pronomes. E não se esqueça: estranho é com s, por mais estranho que pareça...

Helclindo Clark (Porto Alegre) — Vamos verificar.

Jorge Willson Hilsdorf (S. Paulo) — Vai sair brevemente. Aguarde.

O. B. F. (S. Paulo) — O amigo se esqueceu de batizar sua produção, mas mesmo com o nome não sairia, pois não é conto literário.

Ruy M. Chiaradia (S. Paulo) — Seu conto "Até que a morte vos separe" está regular. Entretanto há uma confusão de nomes no final, entre Olga e Helena.

P. H. G. R. (S. Luiz) — Muito curto o seu "O calhambeque do sr. Cura".

A. J. O. (Vitória) — Do mesmo mal sofre o seu "A última missa do galo".

Darel Garcia (Porto Alegre) "Asa Negra" foi aprovado.

J. L. (Rio) — "Como se ganha a felicidade" não foi aproveitado por estar muito curtinho. E foi pena, porque está bem escrito. Mande outro com um mínimo de seis páginas conforme as condições que saem publicadas nesta REVISTA.

CRISTÓVÃO COLOMBO

(Continuação da pág. 50)

res do Palácio Real da Corte apinhavam-se de gente para ver a chegada dos conquistadores — acabrunhados, esfarrapados e famintos.

Em 28 de maio de 1499, Bobadilla consegue persuadir o rei e a rainha de que Colombo estava governando sozinho o Novo Mundo, sem nenhuma obediência à Corte de Espanha. Consegue ser mandado como emissário especial da Coroa com poderes para substituir Colombo.

O grande navegador é preso por Bobadilla e remetido de volta à Espanha, onde um tribunal o condena por abuso de autoridade e apropriação indébita de bens da Coroa da Espanha.

Colombo, sob grilhões, enfrenta com dignidade e coragem todo o processo. A restauração de seus títulos nobiliárquicos lhe é prometida, mas não lhe permitem mais voltar a navegar.

Em seu leito de morte, Colombo vislumbra o que poderá significar para a Humanidade as suas descobertas.



Mr. Edwin Mc Taggart, demonstra a grupos de educadores o sistema norte-americano

ENSINANDO DEMOCRACIA AOS JAPONÊSES

DESDE muito, após a ocupação do território japonês, que um dos maiores problemas com que se defrontam os Estados Unidos é a adaptação daquele povo a um novo sentido de autoridade do ponto de vista democrático.

Não era fácil conseguir o milagre dessa conversão psicológica do japonês provindo de um império totalitário, com um imperador de origem divina e os novos ocupantes do país, soldados de uma nação livre, educados democraticamente, regidos por preceitos constitucionais de profundas tradições de liberdade.

Desde logo se afigurou aos administradores militares do Japão e aos que visitavam o país, que os norte-americanos teriam que enfrentar sérias divergências entre os nacionais e a polícia militar do vencedor ocupante.

Mas, graças ao espírito de organização dos norte-americanos, o assunto foi tratado como devia, de fato, ser em caso de tal natureza. Criou-se Military Government com suas brigadas para orientar a vida em todo o Japão, em número de cinquenta e seis unidades com o seu quartel geral sob as ordens de Mac Arthur, ou,

Texto de RAY FALK (Do "The New York Times Magazine")

como se convencionou chamar apenas pelas três letras: GHK, ou seja, em inglês: **General Mac Arthur Headquarters**.

Teoricamente a função desses gru-

pos de militares com missão civil é a de supervisionar e dirigir toda a vida do país dentro do plano estabelecido pelo Quartel General, mantendo extenso controle para a melhor efi-

ciência da obra de reconstrução nacional e da vida do povo no após guerra.

Não obstante, o Governo Militar de Mac Arthur não invade as atribuições do próprio Governo do Japão e lhe permite o comércio do arroz e da cevada procedente das fazendas agrícolas. O mesmo sucede com o parque industrial, embora se exerça a fiscalização militar de ocupação, como um meio preventivo para evitar que a nação venha a rearmar-se criminosamente.

Contudo, um dos aspectos mais interessantes desse governo de ocupação é o trabalho que têm os seus membros para tornar o povo japonês bastante democratizado, com um conceito dessa teoria político-social dentro do espírito norte-americano, com saúde na alma e sanidade no corpo.

Esse plano geral de democratização de costumes se estende por todos os pontos de direção nacional, inclusive os legisladores e magistrados que aplicam a justiça. Os americanos em serviço civil, como parte integrante do Governo Militar, servem como confesores, amigos, preceptores, orientadores da justiça, peritos de agricultura, detectivos, conselheiros de eco-



O capitão Samuel Gibanica descansa de árduos trabalhos com a família, em Mito

nomia, da vida de milhões de japoneses de ambos os sexos para a restauração definitiva do país.

As brigadas de reeducação nacional chegam mesmo a ficar surpreendidas com o seu próprio trabalho, a imensa responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros.

A unidade que está sediada na cidade de Mito, por exemplo, consiste de oito oficiais do Exército dos Estados Unidos, quatorze alistados, cinco norte-americanos civis, alguns intérpretes japoneses, motoristas de jeeps e cozinheiros. É, como vemos, pequena brigada ou unidade a quem está conifada tão imensa tarefa, bastando dizer-se que a mesma tem um trabalho em área correspondente a Delaware, em todo o território de Ibaraki, com 2.500.000 japoneses.

Como todas as demais organizações de democratização espalhadas pelo país, a de Ibaraki tem que lutar com uma população cujo nível de vida, de conceitos, de hábitos está ainda muito ligado aos velhos padrões nacionais, apresentando em muitos aspectos as marcas dos tempos da guerra.

Mito, capital de Ibaraki, onde escrevemos estas impressões, sofreu a 1 de agosto de 1945 um bombardeio de 60 B-29 durante uma hora e vinte minutos, cujas bombas destruíram noventa e cinco por cento da cidade. Imediatamente a essa destruição, o almirante Halsey completa o arrasamento, revolvendo as próprias quinas, não ficando pedras sobre pedras.

Atualmente essa desgraçada Mito não passa de uma cidade de casebres, grande favela. Os escombros de que resultaram tais ataques constituem amontoados que ninguém poderia remover em três anos.

É fácil de imaginar-se a dificuldade que se antolha aos americanos para retirar do espírito dos nativos as convicções milenárias e colocar em lugar das mesmas uma nova concepção da vida.

As mulheres andam pelas ruas principais da cidade com aspectos de ocidentais e tratam de seus filhos em público. Crianças e garotos quando encontram norte-americanos lhes gritam "aiô" e "Goomby". Por todos os lados se vêem trajes ocidentais, mudando-se completamente a fisionomia dos nacionais na direção da outra civilização.

E como sucede, aliás, em todo o país, Mito oferece este aspecto paradoxal: de ser uma cidade limpa, porém sem higiene. Muitos da população japonesa desejariam tomar um banho morno a comer.

Incontestavelmente, por maior que esteja sendo o trabalho de reconstrução e recivilização dos norte-americanos, muitos dos costumes locais não puderam ser mudados. Cada povoado ou aldeia da província de Ibaraki tem lá seu Clube de Cultura, ostentando nomes sugestivos e pomposos como "O Grupo da Música Amável", "Sociedade para a Proteção das Virtudes da Mulher", "Grupo da Beleza Física".



O tenente Percy Stuart explica aos agricultores japoneses o sistema de cotas



O cap. Gilbert Cogan está incumbido da saúde pública e examina uma criança

Um cinema de Mito, por outro lado, e que se especializou em exibições de filmes norte-americanos, expôs na sua fachada grande letreiro com estes dizeres: "Venham ver os filmes americanos, esses líderes da cultura mundial. Filme a ser exibido: Abbott e Costello e Tarzan e o menino de Oklahoma".

Se bem que esses exemplos tenham sido colhidos em Mito e Ibaraki, são eles hoje típicos em todo o Japão. Entretanto, é esta província uma das mais típicas em relação às complicações com o Governo Militar local.

A razão disso é que é Ibaraki uma das mais feudais zonas do país. Esta região foi mais ou menos ocupada pela família dos Tokugawa no século XVIII e toda a sua população se manteve fiel à velha e tradicional filosofia. Os próprios japoneses de outros pontos julgam os habitantes de Ibaraki os mais feudais do país e os menos acessíveis à cultura e à civilização ocidental.

Coube, pois, à responsabilidade desses vinte e sete norte-americanos incumbidos de democratizá-los, a árdua e terrível tarefa de tirar tantos japoneses cabeçudos para a compreensão de uma nova existência. Para isso recebe o grupo instruções do Quartel General, mas, em verdade, fazem muito mais.

Para qualquer distúrbio que por ventura surja em Mito, possui a turma de redemocratização ali sediada o recurso de chamar em seu auxílio tropas da Primeira Divisão de Cavalaria dos Estados Unidos, acampadas nas proximidades. Além disso há ainda forças policiais sediadas a doze milhas da cidade mas em conexão direta com Tóquio.

Na chefia do grupo de Ibaraki está o major Edwin A. Limbough, com grandes serviços em Las Cruces, no Novo México. Esse oficial é um verdadeiro educador, antes de ser um perfeito militar, e sabe dirigir tais

problemas com um bom senso admirável.

Tem sabido mostrar aos japoneses que lhes cabe a maior responsabilidade no serviço dessa reconstrução de sua pátria. Se somente aos americanos e, especialmente, aos destacados para lutar pela reconstrução do país, é destinada a tarefa homérica de conseguir-se o milagre, que sucederá quando os ocupantes deixarem o país? Se os próprios japoneses não tomarem a peito o trabalho que se está fazendo no território nacional, toda a obra ruirá, e o país ficará em pior estado do que quando chegaram os norte-americanos.

O major Limbough acompanha, às vezes, os membros de sua unidade de reconstrução em pequenas excursões e viagens ao interior, mas ele despende mais o seu tempo nas questões de administrações em toda aquela zona da província.

Costuma chegar às oito horas da manhã ao seu escritório, recebe os relatórios das tarefas para o dia, dá-lhes provimento ou discute os pontos básicos e às onze horas vai em visita ao governo da província com sede em Mito e com ele conferência sobre todos os assuntos atinentes à administração e às necessidades locais e da província.

Depois do almoço o major Limbough costuma ir até a Assembléia Legislativa da cidade onde os senhores vereadores discutem assuntos gerais de administração. Sempre que é necessário, ele lhes dirige sugestões solicitando que se esforcem para dotar a zona com processos novos, especialmente em relação à colheita do arroz.

Uma vez por semana o major submete os componentes de sua turma a uma inspeção de natureza militar. Sucede que, muitas vezes por semana, chegam ali visitantes interessados no soerguimento da zona e o major tem que orientá-los e aproximá-los dos japoneses para o estabelecimento de negócios e interesses.



O Major A. Limbough, comandante de ocupação, conferencia com o governo em Mito

Todos os dias vêm à sua presença grandes contingentes de japoneses. Tanto podem ser componentes de homens de negócios, como líderes de organizações femininas, membros de alguma organização hospitalar ou uma delegação de "geishas". Todos eles trazem seus problemas particulares, queixas contra delegados e funcionários do governo, protestos contra serviços em geral, etc. A todos o major atende e orienta, determinando pacificação e pedindo a colaboração geral em favor do "Gunseibu", ou seja, o Governo Militar.

É interessante anotar que os sérios e graves problemas do câmbio negro e outros atos ilícitos não perturbam o trabalho do major Limbough. E isso cresce de valor quando se sabe que os Estados Unidos e o Japão ainda estão legalmente em guerra, e que um é o conquistador, o vitorioso, e o outro o derrotado.

Nos primeiros dias de sua estada em tão grande serviço, foi o major convidado insistentemente para banquetes pelos japoneses de maior representação e importância política e social; mas o norte-americano os desencorajou em tais demonstrações de amizade. É que o velho oficial desde muito sabia que quando um japonês dá presentes é porque espera outros em retribuição. E, com os seus botões, ia ele pensando: "Esses banquetes e cortesias nada mais são do que uma forma disfarçada de suborno". E não caiu na armadilha. Desta forma, passou a tratar o João Ninguém japonês com as mesmas atenções com que tratava o aristocrata e poderoso. Se um possuía 5 yens e o outro cinco milhões, isso não mudava a fisionomia da coisa. Todos eram iguais.

Antes de ir servir em Ibaraki e

outras zonas do Japão, ocupou ele cadeiras na Universidade de Virginia e na Universidade de Noroeste. Todos em Ibaraki recebem dele instruções militares, tendo o tenente Percy Stuart que organizar todos os problemas diários que devem ser resolvidos e apresentá-los ao major. Esse oficial é um técnico em questões de economia, de rações e distribuições de tais tarefas entre os subordinados à ocupação militar.

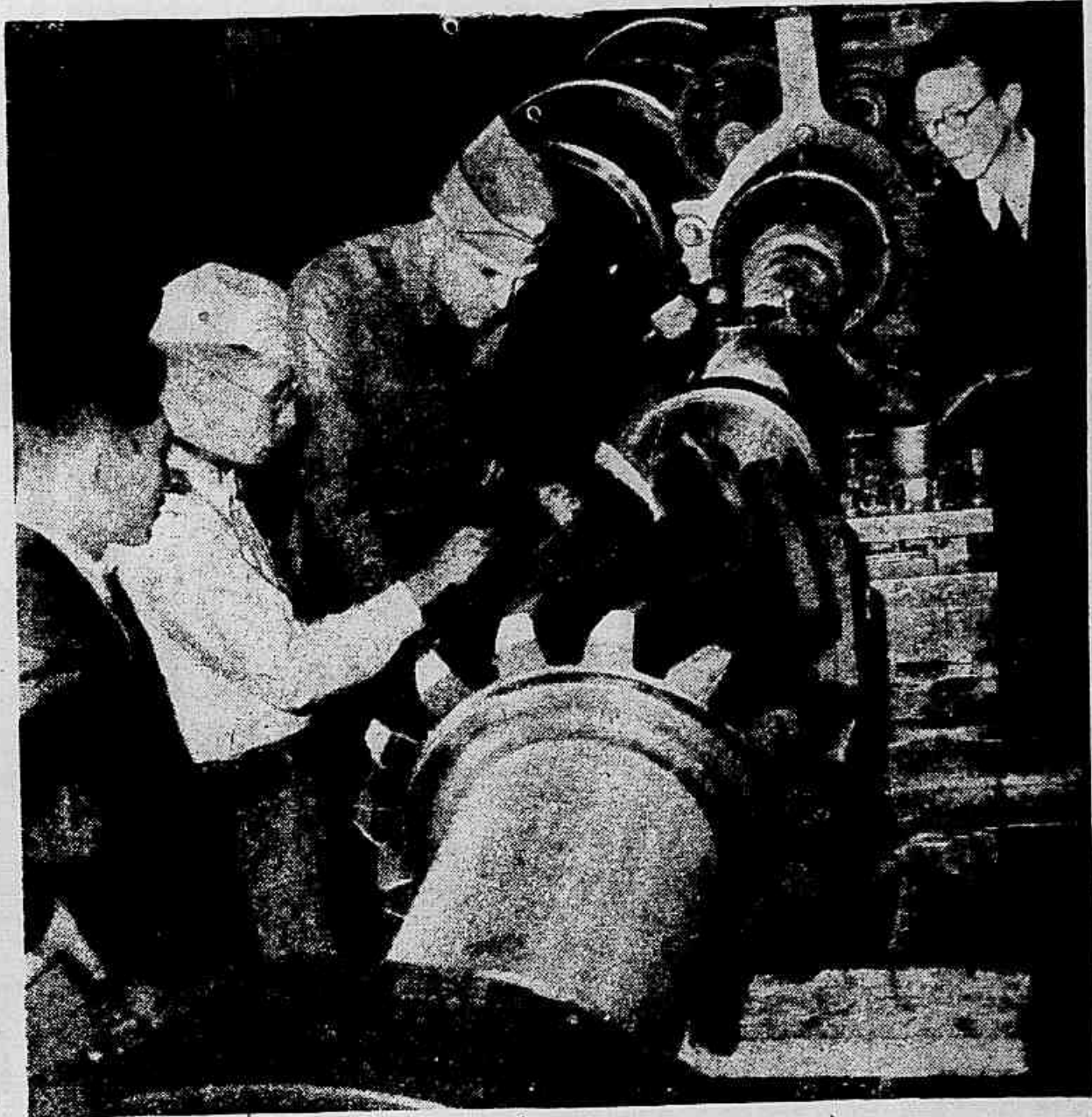
Com a reforma agrária que já houve, comprou o Governo todas as propriedades dos grandes senhores feudais e distribuiu com os pequenos lavradores. Isso tem trazido melhor distribuição de alimentos pelos residentes das cidades.

Não somente os produtos agrícolas locais, como os importados norte-americanos, são distribuídos através de cotas. Diz o tenente que os conflitos

entre os agricultores e fiscais do Governo são tão velhos como o próprio Japão. Por esse motivo ele não resolve nada sem primeiro ouvir ambas as partes para evitar que as mentiras de uma prevaleçam sobre as razões da outra.

Outro oficial que muito auxilia o trabalho do major Limbough é o capitão Samuel Gibanica, de El Paso, Texas, especializado em assuntos de minas, tendo mesmo passado estes últimos tempos a empregar todos os seus esforços no sentido de aumentar a produção das minas de carvão de Mito.

Tem ele defrontado com os mais terríveis problemas para conseguir vencer a batalha da produção do carvão, e sempre que os problemas se manifestam, ele convoca operários e seus líderes e os exorta a ajudá-lo na luta de produção. Esse processo



Um dos maiores problemas é o da reconstrução industrial e do transporte

deu excelentes resultados, como foi visto por ocasião do recente tufão que atacou Ibaraki, tendo o capitão obtido ajuda de outras cidades vizinhas, que lhe enviaram materiais para manter as minas em funcionamento. Ele chegou à conclusão que tudo se consegue dos japoneses com esta fórmula psicológica: "Firmeza, mas nunca impaciência". Os japoneses não respeitam a moleza e quem os visitar em suas fazendolas, verificando os locais de trabalho, provocam neles toda a sorte de entusiasmo. A presença dos líderes da ocupação consegue os milagres de renovar as velhas idéias dos locais em favor do ressurgimento para coisas novas.

Além desses oficiais militares de carreira, há uma outra personagem em Ibaraki digna de todas as considerações. É Mr. Edwin McTaggart, vindo de Brainerd, Minnesota, civil e que está encarregado da parte educativa, uma das principais da grande obra de redemocratização do país a cargo do Governo Militar de ocupação do Japão.

Até então o sistema de ensino naquele país era totalmente diverso do norte-americano, e somente com muito custo e exemplos em contrário consentiram os filhos de Ibaraki que seus filhos frequentassem aulas no regime de co-educação, isto é, meninos e meninas, rapazes e moças misturados numa mesma classe.

É gigantesco o trabalho desses homens e, conforme julgam, o programa para o Japão precisa estender-se ainda por uns dez anos, pelo menos, e somente dentro de mais vinte e cinco poderá ser apreciada essa obra de democratização de um povo vencido pela guerra.



Uma professora norte-americana dá instruções sobre ensino a uma jovem japonesa



NO MUSEU

OLHARES E EXPRESSÕES

ESTA página se compõe de flagrantes que traduzem a curiosidade pública nas grandes cidades através de suas modalidades e expressões. A cada olhar, corresponde uma conduta, uma maneira de vêr, uma posição. Não somente o rosto mas também todo o corpo do observador dizem o que as pessoas estão vendo.

E o fotógrafo observador fixou alguns instantes e minúcias em fotografias que, por si só, dizem tudo.

Realmente, quem olha para as consequências de um desastre não há de apresentar o mesmo aspecto geral de quem está acompanhando as diabruras da criança nos parques; quem se detém diante de uma vitrine, se os preços não são muito altos, oferecerá, de certo, expressão de curiosidade e desejo. E assim por diante em qualquer parte do mundo.



NA ESCAVAÇÃO



NO FUTEBOL



NO ZOOLOGICO



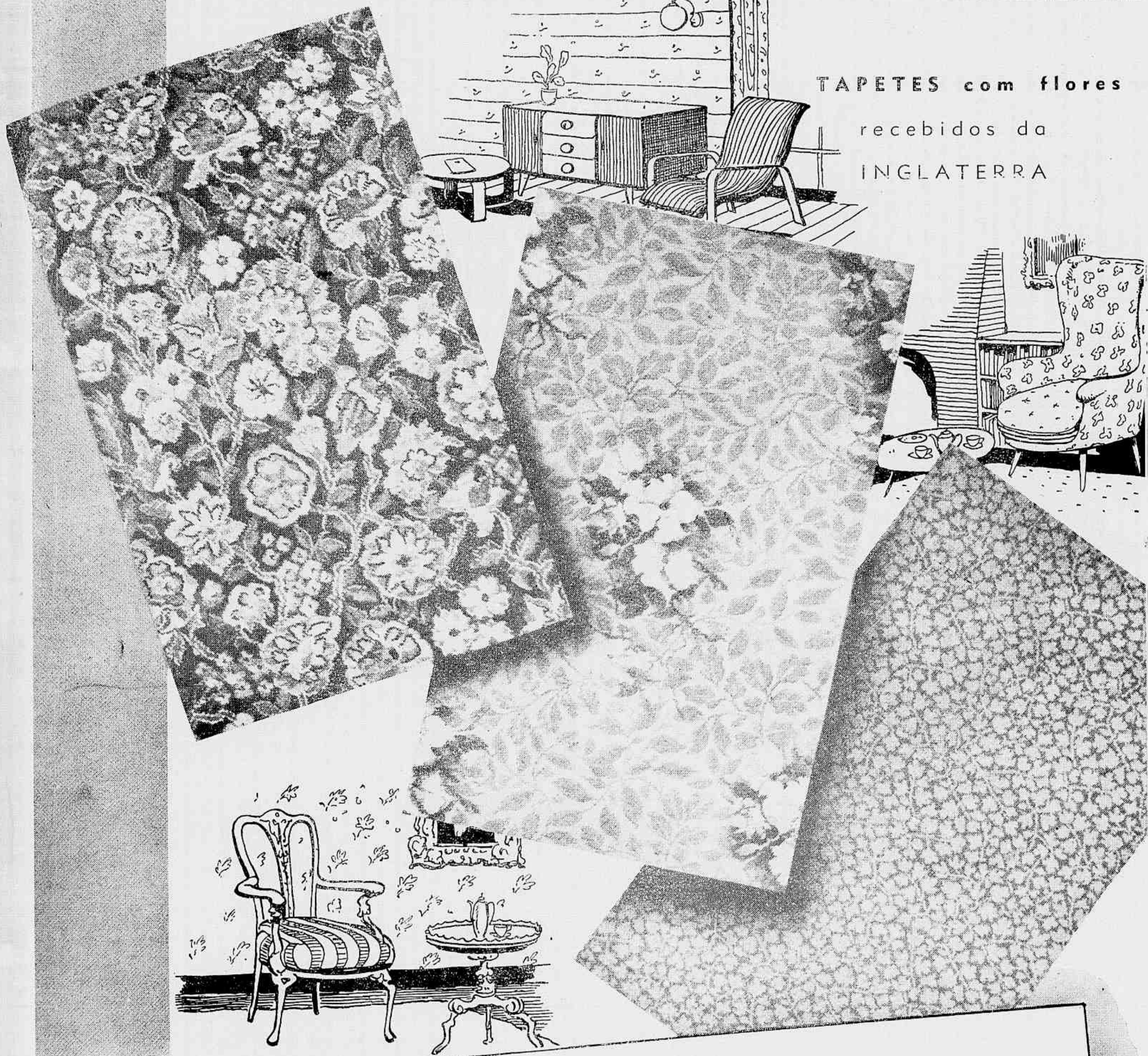
NO HIPÓDROMO



NA VITRINE

TAPETES com flores

recebidos da
INGLATERRA



VENDA ESPECIAL de
TAPETES e PASSADEIRAS

Francêses, Persas (legítimos)
Inglêses, Tchecos e Nacionais,
diretamente das fábricas





**modificam-se
os sistemas
de trabalho...**



**...mas
a preferência pelos
cigarros Continental permanece**

Há mais de 15 anos Continental é o cigarro
de qualidade mais vendido em todo o Brasil

Sim — hoje as mulheres tomam o
lugar dos homens e os negócios se
mecanizam... mas a popularidade
dos cigarros Continental permane-
ce inalterada. Porque Continental
manteve sempre a alta qualidade

que fez dele o cigarro mais popu-
lar do Brasil... hoje como há quin-
ze anos atrás. Sim — cada vez mais
numeroso é o público que dá prefe-
rência a Continental, o cigarro de
qualidade mais vendido no Brasil!



Lisos ou com Ponteira

Cigarros

Continental

- uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**